

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

SABRINA DIAS VELOSO

QUANDO VAI SER A SAÍDA? AVANÇANDO NA PISTA COM AS BRILHETES DE
ANCHIETA



Niterói
2023

SABRINA DIAS VELOSO

QUANDO VAI SER A SAÍDA? AVANÇANDO NA PISTA COM AS BRILHETES DE ANCHIETA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lucia Enne

Niterói
2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V432q Veloso, Sabrina Dias
Quando Vai Ser A Saída? Avançando Na Pista Com As
Brilhetes De Anchieta / Sabrina Dias Veloso. - 2023.
122 f.

Orientador: Ana Lucia Silva Enne.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Carnaval. 2. Identidade. 3. Genero. 4. Território. 5.
Produção intelectual. I. Silva Enne, Ana Lucia, orientadora.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Nº168

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

Aos dezanove dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três às 14:30, em sessão remota (on-line), excepcionalmente, em decorrência da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades, para julgar a dissertação, orientada pelo(a) professora Ana Lúcia Enne, apresentada pelo(a) aluno(a) *Sabrina Dias Veloso*, sob o título: “*Quando Vai Ser A Saída? Avançando Na Pista Com As Brilhetes De Anchieta*”. Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades, área de concentração em Cultura e Territorialidades. Aberta a sessão pública, o(a) candidato(a) teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, o(a) candidato(a) foi arguido oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- X Aprovação.
 Aprovação “com restrições”; “com exigências”; “com sugestões da banca”; “condicionada” (vide verso).
 Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada, conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ANA LUCIA SILVA ENNE
Data: 30/01/2024 22:08:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Ana Lúcia Enne (Orientadora - Presidente da Banca)
(UFF)

Documento assinado digitalmente
 MARINA BAY FRYDBERG
Data: 31/01/2024 12:52:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Marina Bay Frydberg
(UFF)

Documento assinado digitalmente
 RENATA DE SA GONCALVES
Data: 31/01/2024 11:05:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Renata de Sá Gonçalves
(UFRJ)

Documento assinado digitalmente
 ADRIANA FACINA GURGEL DO AMARAL
Data: 04/02/2024 14:06:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Adriana Facina
(UFRJ)

Obs.1 : esta ata constitui exclusivamente um comprovante de defesa de dissertação, requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, não substituindo, como documento oficial, a declaração de conclusão de Mestrado dada pela Secretaria do PPCULT somente após o cumprimento de todos os demais requisitos e entrega, em até 60 dias após a defesa, de uma cópia impressa e uma em PDF dentro das especificidades formais indicadas pela Secretaria.

Obs. 2: justifica-se a participação remota de três membros na banca referente ao artigo 2.º da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES: “Art.2.º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação”.

Para minha mãe, para Ismael e para todas as mulheres subversivas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Exu por ter me dado força em todos os momentos que precisei durante o processo de pesquisa e escrita desse projeto, Laroyê!!

À todas as Brilhetes de Anchieta, em especial, Vanessa Amorim, que com seu jeito durona e ao mesmo tempo amorosa, passou seu conhecimento e diversos ensinamentos sobre Bate-bola. Sua paixão pela manifestação cultural é contagiante e reproduziu em cada fala, gesto e na maneira de ser e estar nesse mundo, muito obrigada. À Vava, por me permitir ser uma Brilhete e, principalmente, por todas as trocas que temos. À Maryna e Mayara, fechamento, companheiras de Brilhetes, a rua seria diferente sem vocês. Agradeço ao William, integrante da Turma do Brilho, por mostrar todo processo de como fazer o Bate-Bola – sem isso, não teria como dimensionar toda arte por trás de como é produzida uma fantasia.

Muito obrigada a todas as turmas de Bate-Bola.

Aos meus amigos, Joseph, Nathaly, Saulo e Sluchem. Eu nunca conseguiria passar por essa jornada sem vocês, agradeço por todo apoio, pelas idas nas saídas, pelas conversas, pela motivação, obrigada por existirem na minha vida.

Marcella, Julia e Matheus, companheiros de trabalho, me deram todo suporte para conseguir continuar na escrita.

À minha família, que sempre incentivou meus estudos.

Aos amigos da turma 2021 do PPCULT. Desde o início tivemos uma conexão incrível de conversas e apoio mútuo, entramos no mestrado no período pandêmico, numa perspectiva política e social desastrosa, mas conseguimos passar por tudo. Meu muito obrigada a todes. Aos pesquisadores que iniciaram as pesquisas sobre Bate-Bolas, meu muito obrigada.

À Ana Enne, a melhor que nós temos! Obrigada por ser essa pessoa incrível. Compartilhar conhecimento como você faz é para poucos, obrigada por existir em nossas vidas.

A todos os professores do PPCULT. Esse Programa de Pós-Graduação é diferenciado, sempre serei grata por todas as trocas e apoio nessa pesquisa. Às professoras que aceitaram participar dessa banca. É um desafio e, mesmo com todas as demandas, elas aceitaram vivenciar este momento.

À Oya e Ogum. Quem me protege nunca dorme.

A todas as mulheres que desafiam e afrontam, vocês serão sempre, inspiração.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a produção cultural de uma Turma de Bate-bolas formada por mulheres no Rio de Janeiro. A partir da vivência com a turma feminina de bate-bola Brilhetes de Anchieta, busco fazer um paralelo com conceitos estabelecidos e com a experiência de também ser integrante da turma e estar junto com elas em diferentes momentos dessa jornada. Dentro de um recorte territorial, serão abordadas questões relacionadas à cultura e como ela se relaciona com as ações promovidas pelas agentes culturais desta pesquisa, bem como as suas representações, trajetórias e estratégias cotidianas, a fim de compreender seus modos de fazer e de ressignificação das suas práticas dessa tradição do carnaval do subúrbio carioca.

Palavras-chave: Bate-Bolas; Mulheres; Brilhetes; Território; Carnaval.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the cultural production of a Bate-bola group formed by women in Rio de Janeiro. Based on my experience with the female bate-bola group Brilhetes de Anchieta, I seek to draw parallels with established concepts and with the experience of also being a member of the group and being alongside them at different points in their journey. Within a territorial context, issues related to culture and how it relates to the actions promoted by the cultural agents in this research will be addressed, as well as their representations, trajectories, and daily strategies, to understand their ways of doing things and re-signifying their practices in this tradition of carnival in the suburbs of Rio de Janeiro.

Keywords: Bate-Bolas; Women; Brilhetes; Territory; Carnival

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crianças brincam de bate-bola em Madureira em 1986	10
Figura 2 – Jean Baptiste Debret. Cena de Carnaval. Aquarela sobre papel (18 x 23 cm). Rio de Janeiro, 1823	12
Figura 3 – Coreto de Bento Ribeiro, carnaval de 1931.....	15
Figura 4 - Mapa de parte do Rio de Janeiro, com Parque Anchieta destacado em vermelho.....	18
Figura 5 – Mapa do Bairro Parque Anchieta.....	18
Figura 6 – Praça Granito.....	19
Figura 7 – Integrantes da Turma do Brilho.....	20
Figura 8 – Turma do Brilho no Centro da Cidade.....	21
Figura 9 – William da Turma do Brilho e Vanessa da Turma Brilhetes de Anchieta.....	22
Figura 10 – QG das Brilhetes e da Turma do Brilho.....	24
Figura 11 - Muro das Brilhetes	28
Figura 12 - Brilhetes de Anchieta em 2014	33
Figura 13 – Vanessa Amorim, cabeça da turma Brilhetes de Anchieta.....	34
Figura 14 – Detalhes de uma casaca com aplicação de buá azul.....	36
Figura 15 – Detalhes das luvas.....	37
Figura 16 – Detalhes das meias e do tênis estilizado.....	37
Figura 17 – Detalhes da máscara.....	38
Figura 18 – Detalhes de um bate-bola completo.....	38
Figura 19 – Carnês do ano 2023 e 2024 da Turma de Bate-Bola Brilhetes de Anchieta....	49
Figura 20 – Detalhe do carnê de 2023.....	49
Figura 21 – Detalhe do carnê de 2024.....	49
Figura 22 – Página de Facebook da Turma Brilhetes de Anchieta.....	53
Figura 23 – Página de Instagram da Turma Brilhetes de Anchieta.....	54
Figura 24 – Página de Facebook do perfil Cultura dos Bate Bolas	56
Figura 25 – Estrutura inflável para festa do Dia das Crianças.....	57
Figura 26 – Cartaz anunciando a Festa das Crianças.....	58
Figura 27 – Eu e Vanessa Amorim na Feijoada de São Jorge/Pintura do Muro da turma.....	58
Figura 28 – Grupo de mulheres e meninas bate-boleiras.....	59

Figura 29 – Detalhe da blusa produzida para a festa de São Jorge e a Pintura do Muro.....	60
Figura 30 – Copo produzido para Festa Julina das Turmas Brilho e Brilhetes.....	61
Figura 31 – Casaco com o tema da turma em 2024.....	62
Figura 32 – Arte da máscara do carnaval 2023, desenho de Phillipi Fernandes.....	64
Figura 33 – Arte de parte do macacão para o Bate-Bola de 2023 impressa em papel.....	65
Figura 34 – Vanessa e Maryna colorindo a casaca.....	67
Figura 35 – Jhonny (Turma do Brilho) se prepara para o processo de glitteragem da casaca.....	67
Figura 36 – Willian e Matheus (Turma do Brilho) preparam a tela para estampar a casaca.....	68
Figura 37 – Parte da turma de kit momentos antes da saída de 2023.....	68
Figura 38 – Arte do kit para saída de 2023.....	69
Figura 39 – Bryan e Vanessa na saída 2023.....	70
Figura 40 – Três Brilhetes antes da saída usando apenas o kit, com meias e luvas dobradas.....	75
Figura 41 – Meninas na concentração do QG se arrumando para a saída de 2022.....	76
Figura 42 – Turmas momentos antes da saída, na concentração.....	77
Figura 43 – Turmas Brilho e Brilhetes na saída de 2022.....	78
Figura 44 – Integrante das Brilhetes no transporte público.....	85
Figura 45 – Brilhetes em Ipanema no carnaval de 2023.....	86
Figura 46 – Brilho e Brilhetes na Lapa no carnaval de 2023.....	88
Figura 47 – Ismael.....	90
Figura 48 – Bate-Bola da Turma Bilhetes de Anchieta em exposição no Sesc Casa Verde em São Paulo.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de participação na turma Brilhetes de Anchieta.....	40
Gráfico 2 – Pretensão das componentes em continuar na turma.....	40
Gráfico 3 – Porcentagem de componentes que trabalham.....	41
Gráfico 4 – Amostragem da escolaridade das componentes.....	41
Gráfico 5 – Idade das componentes.....	42
Gráfico 6 – Cor/Raça das componentes.....	42
Gráfico 7 – Amostragem sobre filhos e filhas das componentes.....	43
Gráfico 8 – Idades de filhos e filhas das componentes.....	43
Gráfico 9 – Porcentagem sobre filhos das componentes que saem de Bate-Bola.....	43
Gráfico 10 – Estado Civil das componentes.....	44
Gráfico 11 – Bairros em que as componentes moram	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Indicador	não
definido		1
1. CONTEXTUALIZANDO O BATE-BOLA		10
1.1 Contextualizando o Território.....		13
1.2 Parque Anchieta e os Bate-Bolas.....		16
1.3 Q.G.....		24
1.4 A Pintura do Muro, Onde Tudo Começou.....		26
1.5 As Rainhas do Parque Anchieta.....		29
2. QUEM NÃO É VISTO NÃO É LEMBRADO		34
2.1 Quem são as Brilheteiras de Anchieta?.....		40
2.2 Bate-bola não se explica, se vive.....		48
2.3 O carnê.....		50
2.4 O Grupo no WhatsApp.....		52
2.5 Redes Sociais.....		54
2.6 Festas e resenhas.....		58
2.7 Terror não, inspiração de muitas.....		62
2.8 "Quem não pode errar somos nós": A Produção Cultural do Bate-bola.....		64
3. CARNAVAL DE RUA PERIGOSO E DIVERTIDO		74
3.1 A Tropa avançou – O Carnaval de 2022.....		75
3.2 O Ônibus.....		80
3.3 Todo Brilho tem sua Brilheteira.....		84
3.4 Bloco é Rua.....		87
3.5 A Tropa ta avançando.....		91
CONSIDERAÇÕES FINAIS		95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		99
APÊNDICE A – ENTREVISTA		106
APÊNDICE B – FORMULÁRIO		113

INTRODUÇÃO

*Pra mim, [Bate-bola] é tudo.
É uma criança que a gente deixa aflorar
naquela época ali de fevereiro.*

Vanessa Amorim

Mais um dia quente em meados dos anos de 1990, não lembro ao certo o ano. Mas lembro que de 1995 até o início dos anos 2000 ainda era comum usar a rua como área de lazer. Brincávamos na rua, em mais um dia normal. Brincar na rua era um ritual – passavam-se horas e mais horas e a gente estava lá, brincando de tudo. Bola, bandeira, pique, casinha, compasso, qualquer coisa era motivo importante era estarmos juntos na rua. Mas era carnaval e ser carnaval era melhor ainda – não tinha escola para limitar o horário da brincadeira. Lá vêm eles dobrando a esquina... Pânico, medo, admiração, adrenalina.

Gritamos “Bate-bola bate o pé...”, correria por todos os lados, batendo a bola no chão. Eram muitos, coloridos, cheirosos, com aquela máscara, com aqueles adereços, batendo bola com força. Quanto mais chegava perto, mais força eles batiam no chão. A gente corria, subia a Rua Luís Carlos Cabral, entrava em qualquer transversal – podia ser a Rua Orlando de Aquino, a Paraguaçu Carneiro ou a Silvestre Filippi – não interessava qual a rua, o importante era fugir deles. Às vezes, de tanto correr, a gente acabava na Mariópolis, quase perto do ponto final do ônibus 624. Era tanta criança correndo, tanto bate-bola atrás, parecia uma romaria, porém, catártica: não tinha rumo, era só correr e fugir deles. Quem não corria, era pego e levava bolada na perna. Gargalhadas e chacotas para quem foi pego. Bate-bola não falava. Emitia sons, mas não falava. Dava bolada e ia embora. Que emoção, não fui pega! Foram embora! Vamos voltar a brincar novamente.

Mais tarde vinha outro grupo e lá íamos nós correr novamente. Não fui pega de novo, mas queria tocar na roupa. Eles ficaram mais calmos, desfilando, girando e dançando. Nesse momento consigo me aproximar, tocar naquela fantasia e sentir o cheiro característico da roupa. Pude olhar a máscara de perto, tentar descobrir quem estava ali... Mas eles não deixam saber e vão embora quase em marcha, marrentos: só queriam “tacar o terror”, zombar de quem zombava com eles, sem limites. E, assim, foram anos e mais anos, todo carnaval, correndo de bate-bola. Esse momento de adrenalina só perdia para o

dia de São Cosme e São Damião, pois pegar doce também precisa das táticas. Mas com os bate-bolas, além das táticas, também era preciso conhecer o território, porque não dava para entrar em qualquer rua. Além disso, o ideal era buscar sempre uma subida, pois, com aquelas roupas e com o calor, eles não aguentavam correr por muito tempo. Ainda mais no Parque Anchieta, com ladeiras de paralelepípedo, que criavam mais uma dificuldade. Se eles eram astutos, a gente jogava com o que tinha.

Essa mistura de medo e veneração ficou marcada na minha memória pessoal. Eu não conseguia assimilar o que acontecia naquele momento. Era uma sensação maravilhosa a vontade de vê-los dobrando a esquina e aquilo me marcou de uma forma tão intensa que, na graduação em bacharelado em Produção Cultural, cogitei em algum momento escrever sobre, mas não consegui. Eu não estava preparada para redigir algo sobre eles e nem sobre o sentimento que gerava. Um pouco antes de finalizar a graduação, escrevendo sobre outro tema e disposta a encontrar uma resposta para aquilo que incomodava, fui pesquisar se a turma mais representativa do bairro ainda existia. Era a Turma de bate-bola Brilho de Anchieta, ou somente Turma do Brilho. O ano era 2017 e não só achei a página no Facebook da turma do Brilho, como também achei a página delas: as Brilhetes de Anchieta. Uma turma formada por mulheres. De fato, eu nunca imaginei que mulheres pudessem sair de bate-bola e confesso que fiquei extremamente surpresa. Mandeí a seguinte mensagem: “Oi, meu nome é Sabrina Veloso, sou apaixonada por bate-bola. Quando era mais nova, morando no Parque Anchieta, amava quando a turma do Brilho passava lá na rua e agora vi que tem uma turma feminina, que legal! Pretendo fazer mestrado e minha pesquisa será sobre bate-bolas. Quando será o desfile de vocês?”.

Não recebi nenhuma resposta, mas passei a seguir a turma no Facebook, decidi comprar uma camisa delas e com essa justificativa consegui entrar em contato com a líder da turma, ou cabeça, como costumamos chamar também, Vanessa Amorim. Com o contato da Vanessa, consegui desenvolver a conversa e ela se animou bastante com a ideia, mas ainda não tinha conseguido estar presente em nenhum dos encontros. Elas não me chamavam, eu não conseguia me convidar para ir. Pensei em ir ao carnaval, na saída, mas não fui. Não sei se era apenas medo, eu sentia que estava entrando num mundo que não era meu

e que não tinha o direito de contar aquela história. Quando criança, eu queria ser Bate-Bola, mas meus pais nunca deixaram, falavam que era perigoso e davam a negativa através do medo.

Terminei a graduação, escrevi meu projeto de mestrado e Vanessa ajudou como podia. Ela respondia minhas mensagens, mas nem sempre conseguia retornar com as respostas para minhas questões. Então, eu decidi que era o momento de ir ao encontro delas. Era 2020, eu cogitei a possibilidade de ir assistir a saída delas, mas novamente eu não fui. Algo me prendia, eu não conseguia estabelecer uma conexão física, acho que era medo. Aí veio a pandemia. Enquanto o mundo acabava, a gente só pensava em sobreviver naquele caos generalizado, em todos os sentidos. Nesse momento, eu só consegui finalizar o projeto de mestrado e enviar para inúmeros programas, mesmo achando que aquilo não era para mim.

Em 2021 eu consegui entrar no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense - PPCULT/UFF. Como uma coisa leva a outra, a autoestima elevada pela entrada no Mestrado, em um programa de uma universidade pública federal, excelência nos estudos de humanidades, me deu coragem de ir até elas. E eu fui. Era 18 de julho de 2021, cheguei na pintura do muro das turmas de bate-bola, Brilho e Bilhetes de Anchieta. Recebi os olhares desconfiados, eu ali, sozinha, sem saber o que fazer, por onde começar.

Ainda estava sob o efeito da pandemia, pois nesse momento ainda estávamos vivendo um período complicado, sem vacina para toda população, sem esperança de um futuro melhor e mais do que isso, com muitas mortes ainda em curso. A pandemia ainda era um fator determinante para que eu pudesse chegar até as meninas, pois ainda existia um medo do encontro devido à aglomeração. Não foi fácil, era desafiador sair às ruas para fazer pesquisa. Senti muito medo. A caminho da pintura pensei, várias vezes, em retornar para casa. Ao chegar lá, muitas pessoas estavam de máscara, mas não existia muito a preocupação de distanciamento. Era um cuidado bastante superficial, mas que ao longo das conversas, fui entendendo melhor o porquê da maioria das pessoas não respeitarem o distanciamento e até mesmo, de manter o evento em um período ainda incerto na vida de toda população.

Eu já estava trabalhando presencialmente desde o final de 2020, numa determinação coercitiva que partia do Governo Federal e que acabou por fazer com que eu já estivesse numa dinâmica de aglomeração em transporte e até no próprio trabalho, mesmo com uso de máscaras e todas as proteções possíveis. Em novembro de 2020 fiquei doente de Covid-19 e acredito que, provavelmente, fui infectada no traslado de ir e vir do trabalho, visto que só saía as ruas para isso. Por um lado, parte da classe trabalhadora foi obrigada a sair da quarentena para retornar ao trabalho presencial. Muitas dessas pessoas estavam em empregos informais, destituídas de direitos trabalhistas. No meu caso, nesta época, estava trabalhando em uma instituição pública de cultura ligada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Não tive escolha, mas consegui algumas brechas. No caso de boa parte das Brilhetes, elas não tinham escolha. Vanessa, por exemplo, trabalhava em salão de beleza na época e foi obrigada a retornar ao trabalho, sem brechas. Nesse sentido, fazer a pintura do muro em julho de 2021, para muitos ali, não gerava tanto impacto psicológico, visto que boa parte já estava aglomerando devido às dinâmicas de trabalho.

Vanessa me recebeu com a simpatia e o acolhimento típicos dela, mas não conseguiu ficar muito tempo pois precisava resolver outras coisas. Pensei: “Ela parece uma produtora cultural, faz mil coisas ao mesmo tempo”. Foi então que Maiara, uma integrante que estava entrando naquele ano na turma, me chamou e começamos a conversar. Fiz muitas perguntas e ela respondeu todas. Era nítida a admiração dela pela figura da Vanessa. Maiara me apresentou às outras meninas, que não se misturaram. Eu era a estranha ali, não fazia parte da turma, e era a primeira vez que estava presencialmente com elas, achei normal que não quisessem conversar. Fui embora. Satisfação total, mas ainda não consegui entender aquele sentimento.

Alguns dias depois, Maiara me enviou uma mensagem que era uma pergunta, mas era também uma intimação: “Bora sair de bate-bola ano que vem?”. Eu fiquei em pânico com aquela pergunta e só consegui responder: “Mas não vou conseguir pagar a roupa, já estamos em julho e vocês estão pagando desde março”. Ela respondeu: “Sai de kit. Vanessa deixa esse ano. Bora! Só assim você vai entender como é ser bate-bola”. De fato, só assim eu entendi o que é ser bate-bola. Desde 2021, sou Sabrina Veloso, Bate-Bola, integrante da turma Brilhetes de Anchieta. Só assim eu consegui entender aquele sentimento

e, através do presente trabalho, busco descrevê-lo em algumas palavras. Mas não pensem que vão conseguir saber tudo depois de ler: bate-bola não trabalha com tempo estático. O tempo é circular. O que escrevo hoje, amanhã já pode ser diferente e esse é um dos segredos dessa manifestação cultural ser tão enigmática – ela trabalha com movimento e subverte a lógica linear.

Sendo esta uma pesquisa etnográfica, ela mistura o que chamo de vivência de campo, visto que, a partir do momento que entrei na turma, passei a ser uma Brilhete. O que sei, o que vi e o que estou vivenciando são descritos neste trabalho. Trata-se da experiência de quem está dentro do grupo e, por isso, diversas partes desse texto estão em primeira pessoa. Para contar, preciso falar diretamente com quem quer ouvir. Além disso, sendo cria do bairro Parque Anchieta, onde residi até a fase adulta, a visão do território é a partir dos usos que fiz e continuo fazendo dele. Pollak (1999) conceitua lugar de memória como “esses locais que estão particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. (p. 2-3). A partir daí, a construção dessa pesquisa parte da vivência, articulada aos conceitos estudados durante o curso de mestrado no Programa em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, com revisão bibliográfica que converse com o tema. Os títulos de alguns capítulos e tópicos são frases comuns no universo Bate-Bola e podem ser ouvidas nas reuniões, saídas e nas redes sociais das turmas.

O primeiro capítulo do presente trabalho começa com o território, explicando o bairro Parque Anchieta e toda importância que ele exerce para a turma de Bate-Bola estudada, que inclusive carrega o bairro em seu nome. Construindo uma narrativa que começa na contextualização de Anchieta até chegar na relação do bairro com o carnaval de Bate-Bola, estabeleço diálogo com conceitos e autores que de alguma forma ancoram suas pesquisas na história dos subúrbios do Rio de Janeiro, pensando na diversidade desses locais a partir de sua formação e a importância das camadas populares para a formação (MATTOSO, 2018)

O Parque Anchieta é um bairro localizado na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro e faz fronteira com a Baixada Fluminense e com a zona oeste pelo lado do Gericinó. É um bairro residencial, com pouco comércio e com poucos equipamentos culturais, mas com uma vasta quantidade de turmas de Bate-Bola

que saem nas ruas e praças do bairro. A ocupação do bairro começa de modo efetivo com a inauguração da estação Anchieta, através da Estrada de Ferro D. Pedro II (ALMEIDA & GALVÃO, 2021). Com os loteamentos, o bairro foi desenvolvendo seu pequeno comércio a partir da linha férrea, e mantém até os dias atuais uma forte presença residencial. Se hoje, devido à violência urbana, a população parece cada vez mais se fechar em suas casas, o carnaval vem exatamente para quebrar, momentaneamente, essa estrutura, especialmente por conta desses personagens que necessitam viver a rua.

A partir daí conhecemos um pouco o histórico dos Bate-Bolas, especialmente a partir do trabalho realizado pela autora Cassia Frade (1979) a partir do seu estudo sobre Folclore. A autora comenta sobre uma possível origem desses personagens, porém, de forma rápida, sem aprofundamento, pois, de fato, existem poucos registros históricos sobre sua origem. Nem autores que se dedicaram especificamente ao estudo dessa manifestação conseguem determinar uma data ou episódio fixo desse momento. Acredito que mais interessante do que saber sua origem é saber como funciona, especialmente a partir de quem está dentro, contando essa história. Dessa forma, a narrativa adentra no ambiente físico da turma: seu barracão, o QG, local de moradia da liderança das Brilhetes e que funciona como local onde tudo acontece, incluindo as festas e a confecção dos Bate-Bolas. Neste momento, Milton Santos (1994, 2004), nos traz diversas reflexões sobre Território, em especial o seu uso, nesse fazer cultural territorializado. Bate-Bola é produção de cultura vinda dos subúrbios e favelas, com seus eventos, festas e encontros sempre localizados em seus bairros ou próximo deles.

O segundo capítulo é justamente sobre como se realiza tudo isso: como é feito um Bate-Bola. Como bate-bola é movimento, suas integrantes também seguem essa lógica e podem estar este ano na turma, no próximo não, e retornar em algum momento. Por conta disso, a entrevista ficou em uma única vivente: Vanessa Amorim, figura principal da turma. Foi Vanessa quem criou, em 2013, as Bilhetes de Anchieta e, dentre todas, é a única que está até hoje desde sua criação. A entrevista foi de forma informal, com perguntas norteadoras, como o que a levou criar a turma e como se dava a construção de tudo. Recebi respostas sempre firmes, típico de quem sabe o que quer e aonde vai chegar. Ainda pensando em como se dá essa construção, o Bate-Bola inicialmente é uma

produção coletiva, realizada através de múltiplas pessoas, podendo ser de dentro das turmas (integrantes) ou de outras turmas e até mesmo de fornecedores externos que não tem nenhuma relação com integrantes ou turmas de Bate-Bola. Isso nos leva pensar que a atividade é uma ação coletiva, que para acontecer depende de uma rede de pessoas em cooperação (BECKER, 1977, p. 209). O trabalho final é apenas o resultado de um período anual de manufatura que sem a presença humana coletiva não tem sentido.

Ao longo do segundo capítulo, observamos detalhes dessa produção e visões pessoais dessa vivência intensa, em especial nos dias próximos ao carnaval. Alguns episódios foram omitidos nesse trabalho, pois, seguindo a regra, nem tudo que acontece no Bate-Bola precisa ser falado ou exposto. Afinal, Bate-Bola não se explica, se vive. Utilizo a Sociologia do Segredo (SIMMEL, 1999), compreendendo que o segredo também é parte das relações sociais. Contudo, de modo geral, muito do que acontece internamente com a turma está descrito aqui. Entendendo a prática da brincadeira de Bate-bolas como um processo ritual, recorri à Turner (1974) e Cavalcanti (2009), além de Schechner (2006), com seus estudos da performance.

Na discussão sobre gênero, me atentei primeiro em explicar de que gênero estava falando, para depois relatar sobre a relação da turma feminina com a masculina. Disputada ou não, essa relação é complexa e mantém questões estruturais, mas também pessoais, além de dialogar bastante com as relações sociais das camadas populares. A escolha pelo gênero feminino no universo Bate-Bola deu-se com a finalidade de mostrar toda a produção cultural feita pelas mulheres, entendendo que elas são as protagonistas das próprias histórias que se fazem presentes e atravessam os debates acerca do que está sendo produzido por elas no contexto da cultura popular no território suburbano da cidade do Rio de Janeiro. A imagem dos Bate-bolas carrega diversos sentidos e, no contexto do gênero, muitas vezes sem a intenção, as mulheres criam táticas que buscam romper com a ideia de feminilidade e estereótipos de gênero dirigidos à mulher, em especial no contexto do carnaval, quando muitas vezes são vistas sob a ótica da sedução. É esse rompimento que também ajuda na composição das Brilhetes de Anchieta.

A brincadeira está entrelaçada na vida cotidiana desses agentes sociais e não se limita apenas ao período do carnaval. Vai além: desde a concepção do

tema até as diversas maneiras de arrecadação de dinheiro para montarem as fantasias. São nos bairros de origem que normalmente desenvolvem esse processo, e nesses locais que se desenvolvem uma relação de identidade com os moradores. Canclini (2015) afirma que “os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais.” (p. 288), e isso muitas vezes acontece devido à escassez de direitos oferecidos na cidade. Por outro lado, essa escassez de direitos faz com que a tradição local tenha autonomia dentro do seu território de origem, dando abertura para que desenvolvam as táticas dentro dessa manifestação cultural.

O terceiro e último capítulo dialoga exatamente sobre a relação com a rua, esse espaço único e tão importante para as turmas. É na rua que acontecem as saídas, onde nos encontramos e aonde a performance chega em seu auge. Haddock-Lobo (2020) chama a atenção para o fato de que a pesquisa sobre cultura popular brasileira só pode acontecer caso o pesquisador saia às ruas, “aberto aos encontros que as encruzilhadas propiciam” (p. 22). Nesse sentido, localizando as Bate-bolas dentro da cultura de encruzilhadas, a partir da reflexão de Martins (2002), atravesso essa relação com a rua a partir do conceito de potência exusíaca de Rufino e Simas (2018), junto com o relato sobre a saída, finalizando o ciclo carnavalesco – mas nunca o carnaval, já que esse é espiralar. Dito isso, os cruzos e os atravessamentos, a ordem e o caos, ampliam o conhecimento e contribuem para o debate acerca das mulheres Bate-bolas e a relação da turma com a rua, buscando a relação que é construída com a cidade, que sempre está de costas para as camadas populares, mas que seus agentes ressignificam de diferentes formas e as Brillhetes entendem bem como fazer isso.

Ao longo dos capítulos é possível observar diversas imagens que compõem o presente trabalho. Foi a maneira mais próxima de fazer sentir, de passar, através de imagens, um pouco da realidade vivida pela turma de Bate-Bola. Novaes (1998) afirma que as palavras e as imagens são elementos constitutivos do processo verbal. Me apoio nesses dois elementos para que quem leia o presente trabalho consiga imaginar e se debruçar de todas as formas no universo das Brillhetes de Anchieta. As imagens de acervo pessoal da autora e do acervo da turma transmitem uma parte da experiência de ser e viver Bate-Bola.

Bate-Bolas possuem um enorme campo de conhecimento: toda conversa é um ensinamento diferente e cheio de vivências culturais. Foi a partir dessas

conversas, observações e, principalmente, participações, que esta pesquisa foi construída, levando o respeito ao lugar do outro. A cultura está em constante mudança e, por conta disso, é importante a compreensão das diferenças. Precisamos ouvir mais esses agentes e entender suas necessidades, para a partir daí criar políticas públicas de cultura que sejam assertivas para essas turmas.

1. CONTEXTUALIZANDO O BATE-BOLA

Os bate-bolas são considerados turmas de mascarados que brincam nas ruas do carnaval do Rio de Janeiro. Existe uma certa dificuldade em localizar a origem dessa manifestação cultural, como argumenta Frade (1979):

Sobre sua origem nada temos ainda de concreto. Sabemos apenas, segundo relato de antigo morador de Santa Cruz (local onde a presença desse personagem é mais numerosa), que teriam se originado dos alemães que para ali vieram em 1930, época da construção de um hangar de zepelim. Esses estrangeiros costumavam se vestir de palhaços no carnaval. Mas palhações, cujas indumentárias estavam inteiradas com a real profissão de seus usuários: tênis e calças bufantes presas às meias soquetes. “Clóvis” seria, então, uma corruptela de “clowns”. Fica, porém, aqui apenas essa curiosa narrativa de um fato cuja origem ainda está exigindo pesquisa e estudo (p. 77).

Assim como para Frade, para outros pesquisadores a palavra clóvis deriva de *clown*, que significa palhaço tanto em alemão, quanto em inglês. Segundo Pereira (2008), existem registros de militares alemães que ajudaram na construção de um Hangar em Santa Cruz, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, que teriam contribuído para o surgimento da brincadeira. Para Zaluar (1978, p. 59), são diversas as indicações de que a origem dos Clóvis possa estar ligada às influências de fantasias utilizadas no período medieval. Segundo a autora, já naquele período algumas fantasias tinham em sua composição “bexigas de boi” e “máscaras de morte” (apud PEREIRA, 2008, p. 26).

Figura 1 – Crianças brincam de bate-bola em Madureira em 1986



Fonte: Multirio, 2015.

Apesar da intenção do presente trabalho não ser construir um histórico sobre a origem dessa manifestação cultural, é importante entender que há diversos elementos que a constituem. Isso inclui seus antecedentes e, a partir daí, temos uma série de cruzamentos de diferentes elementos culturais que nos levam até os dias atuais. De fato, não existe uma origem fixa. Inclusive, caso você converse com diferentes integrantes de turmas de Bate-Bola, possivelmente terá também diferentes versões para a origem da manifestação cultural. Acredita-se que era comum no carnaval europeu medieval as pessoas utilizarem máscaras ou fantasiadas como louco (néscio, parvo, bobo, palhaço, bufão). Segundo Bakhtin (1987), uma característica marcante das festividades carnavalescas dessa época era o uso de máscaras, que simbolizavam “a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo.” (p. 35). Essa é uma característica que ainda existe em muitos carnavais contemporâneos, com vasto uso de máscaras e fantasias por parte de foliões. Uma das principais particularidades dos Bate-bolas, inclusive, é sua fantasia específica, que lhe dá anonimato através da roupa bufante e de sua máscara. Esse anonimato também pode ser visto nas turmas femininas.

Com relação à ocupação das ruas pelas turmas, no próprio carnaval medieval, já existia esse tipo de apropriação pelo povo. Porém, no contexto do Brasil, podemos mencionar uma festa de origem portuguesa que antecedia a quaresma e rapidamente se popularizou na cidade: o Entrudo. Segundo Ferreira:

O Entrudo realizado nas ruas irá reproduzir e reforçar as regras e estruturas presentes no espaço público. Este, entretanto, por abrigar uma maior diversidade étnica e social, irá gerar uma série de conflitos e de tensões. (FERREIRA, 2013, p. 12)

As ruas eram ocupadas pelo povo, de diferentes classes sociais, que aproveitavam a folia jogando bexigas com diferentes tipos de líquidos uns nos outros. Em um momento de total subversão, as ruas eram ocupadas inclusive por pessoas escravizadas, que se misturavam entre os foliões e aproveitavam a festa.

Figura 2 – Jean Baptiste Debret. Cena de Carnaval. Aquarela sobre papel (18 x 23 cm).
Rio de Janeiro, 1823



Fonte: Research Gate.

O Entrudo, que ao longo dos anos já vinha incomodando uma parcela da elite da cidade, foi proibido durante o período republicano, mais precisamente em 1854. Isso não quer dizer que as pessoas pararam de divertir-se no período carnavalesco, mas a repressão se intensificou.

Podemos observar que são inúmeras influências para o que hoje conhecemos como Bate-Bola, desde as fantasias e personagens do período medieval, até a ocupação das ruas com o Entrudo na cidade do Rio de Janeiro. O que sabemos é que são as misturas que fazem o personagem, ao menos o que conhecemos e observamos atualmente. Clóvis ou Bate-Bola, a nomenclatura dependente mais dos brincantes do que de algo pré-estabelecido. Sabe-se que Bate-Bola faz referência a um dos elementos que constituem sua vestimenta: a bexiga de mão, normalmente amarrada a um cano ou pedaço de madeira. Mas nem sempre eles vêm assim, já que existem turmas que se autodenominam Bate-Bola e utilizam diferentes elementos cenográficos, como bichinhos de pelúcia, leques e sombrinhas. Existe uma linha tênue nessa diferença, mas já ouvi uma integrante de turma falar Clóvis e Bate-Bola numa

mesma frase. Guimarães (1978) afirma que Clóvis não são apenas fantasias de mascarados, trata-se também de uma brincadeira. Isto é um fato, mas é uma brincadeira de grande responsabilidade, assumida a partir do momento que aceitamos entrar em turmas.

Atualmente, os Bate-Bolas saem em numerosas turmas e ocupam uma parte da cidade que muitas vezes não recebe tantos investimentos públicos, nem mesmo no período do carnaval. Essa é uma das características dessas chamadas turmas na atualidade: estão em territórios suburbanos e periféricos. Se sua origem não é exata, sua organização e ocupação faz sentido e promove uma das maiores ocupações do meio urbano no período do Carnaval, seja nos subúrbios e favelas, seja nas regiões sul e central da cidade. Bate-Bola é sujeito coletivo, e está lado a lado com as transformações que ocorrem na cidade e no carnaval. Por isso mesmo, ao longo dos anos, observamos mudanças significativas na manifestação cultural, como, por exemplo, uma maior aproximação de mulheres, caso das Brilhetes de Anchieta.

1.1 Contextualizando o Território

Muito antes de se tornar o que conhecemos hoje pelo termo “subúrbio”, essas regiões eram grandes fazendas que, ao longo do processo de urbanização da cidade, foram desmembradas, aos poucos, transformando-se em bairros, em consonância com a inauguração da linha férrea em 1858, como descrevemos acima. Com a mobilidade urbana proporcionada pelos bondes e trens, a população passou a ocupar com mais dinamismo essas localidades.

Porém, a ocupação não aconteceu de forma homogênea. Cada bairro possui sua história e formas de ocupação diferenciadas, conforme sinaliza Mattoso (2018): “no universo suburbano, o que se verifica são formas de ocupação muito diferenciadas, que correspondem a processos históricos e urbanos particulares” (p. 1). Ao longo do tempo, as camadas populares criaram suas estratégias de sobrevivência, que, apesar da “condição indenitária repleta de similitudes experimentada pelos seus moradores” (ibidem), mantiveram-se diferenças que são perceptíveis quando vivenciadas. Nesse sentido, ao falar do carnaval do subúrbio, estamos falando muito mais da sociabilidade e da relação da população com seus territórios do que do mito de origem de como e onde

surgiu esse carnaval. Como afirma Gonçalves (2007), “na impossibilidade de uma participação mais efetiva, as camadas populares, desde os tempos do Império, começaram a constituir seus próprios vínculos de pertencimento comunitário” (p. 262).

Segundo Fraga e Santos (2015, p. 20), ao falarem especificamente da relação do comércio local com o carnaval em Madureira nos anos de 1940 até 1960, o carnaval é a festa popular que se tornou um dos ingredientes mais poderosos da afirmação da identidade suburbana, dando destaque ao bairro, que era visto sob o estigma de uma região pobre e abandonada. Contudo, o carnaval inverte a lógica, tornando os bairros suburbanos em locais de grande festividade. Ao mesmo tempo, segundo os autores, essa lógica ajudava no movimento por melhorias, já que, a partir das trocas sociais, acionava-se uma força política para melhorias do subúrbio, especialmente entre os comerciantes locais, que, ao ajudarem na construção dos coretos que desfilavam no bairro, ganhavam prestígio entre os moradores e entre o poder público, que, muitas vezes, visitavam esses coretos no período do carnaval.

Os coretos suburbanos são um símbolo para o carnaval dessas regiões, que se enfeitavam com construções alegóricas que adornavam as praças e ruas. Antes, os foliões desfilavam pelo centro da cidade, mas com o êxodo de parte da população para os bairros suburbanos, esses coretos começaram a ser reproduzidos nesses locais (Guimarães, 2013, p. 110). Segundo a autora:

Inicialmente realizados pelos moradores locais, passariam a ser idealizados por artistas especialmente contratados para esta finalidade, estimulados principalmente pelo patrocínio oficial do governo o que acirraría a competição entre os bairros. Desta forma são inseridos no programa turístico da cidade que englobava as demais competições. Pela sua grandiosidade, tornam-se verdadeiras alegorias fixas, dotados de movimento, luzes e vibrante colorido, fazendo referência a temas que ano a ano rivalizavam na originalidade e ousadia. (ibidem)

Podemos observar que, para além dos desfiles, os coretos também produziam disputas entre os bairros. Nesse sentido, essas disputas simbólicas fazem parte de todo um poder comum em algumas manifestações carnavalescas, com símbolos que são instrumentos da integração social (BOURDIEU, 1989, p. 9). As disputas, então, funcionam também como um meio de interação entre a população e seus respectivos bairros. Além dos coretos, outras manifestações carnavalescas suburbanas também trabalham no campo

da disputa, como os próprios Bate-bolas, os mascarados que saem nas ruas dos subúrbios no período carnavalesco. Em comum, além de terem um caráter competitivo, são manifestações que ocupam as ruas e praças dos subúrbios, e promovem seus bairros de origem. Manifestações carnavalescas suburbanas possuem características particulares, em muitos casos, unidas a uma identidade do seu território e seu cotidiano. Nesse sentido, a ideia de território está estreitamente ligada à questão da identidade (VELLOSO, 1990, p. 207). Pertencer ao local, e mais do que isso, ser também o local, faz parte das práticas do cotidiano dos que fazem essa manifestação cultural circular.

Figura 3 – Coreto de Bento Ribeiro, carnaval de 1931



Fonte: Acervo da família Paulucci Corrêa Chamarelli (Foto de João de Deus Alves).

O carnaval nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro mostra uma potência cultural e dinâmica, complexa e com diferentes sociabilidades. Deste

modo, apresenta diferentes elementos e manifestações culturais, que, muitas vezes, são elaboradas a partir da união de seus moradores. Além disso, sua forma de ocupar os bairros altera-se conforme a localidade, mas mantém características comuns, como a ocupação de ruas e praças, lugares que cotidianamente são espaços de encontro e festejo. Alguns bairros se destacam no imaginário coletivo no período carnavalesco, já outros, mais afastados da região central, sequer são lembrados. Um desses bairros é o Parque Anchieta, estritamente residencial, fronteiro com a Baixada Fluminense, e que possui a maior praça do subúrbio carioca, local onde os encontros acontecem.

Aqui, falar sobre o Parque Anchieta não é apenas contar a história de um bairro: é traçar uma cartografia sentimental sobre a minha própria história, sobre memórias. Nora (1993) nos mostra que os lugares de memória nascem e vivem do sentimento – não há memória espontânea. Os lugares de memória comunicam outros sentidos, outras maneiras de pertencimento, dentro de outra temporalidade, que não se adequa ao tempo da modernidade, ao tempo linear. Ao traçar o cotidiano deste local, apresento as diferentes maneiras de sociabilidade do bairro, para enfim chegar a um dos principais personagens do carnaval suburbano, os Bate-bolas.

1.2 Parque Anchieta e os bate-bolas

O bairro Parque Anchieta está localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Sua história está ligada ao bairro Anchieta, que, por sua vez, tem seu início ligado ao Engenho de Nossa Senhora de Nazaré, ainda no século XIX. Posteriormente, com o declínio da política de café e de açúcar no Brasil, a fazenda foi passando por diferentes proprietários, até chegar ao último, que loteou suas terras (ALMEIDA, GALVÃO, 2021). Ainda segundo os autores, com a República, em 1889, houve um rápido processo de incorporação da localidade ao espaço urbano da cidade, cujo símbolo foi a inauguração da estação ferroviária, ligada à Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1896. A ferrovia vai cumprir um importante papel na aceleração da ocupação da população na região, com um crescimento proporcionado por empreendimentos habitacionais. Tais empreendimentos foram responsáveis pela formação do bairro Parque Anchieta,

que é considerado a maior transformação do bairro Anchieta, segundo afirmam Almeida e Galvão (2021):

Entretanto, a maior transformação urbana sofrida pelo bairro de Anchieta foi o loteamento do que se transformou no Parque Anchieta. Antes uma grande área desabitada que o separava de Ricardo de Albuquerque, o loteamento promovido pelo Banco Lar Brasileiro começou a ser comercializado no fim da década de 1950. (p. 290)

O Parque Anchieta é um local que mais parece uma cidade do interior do Brasil. Pessoas conversando na calçada, crianças brincando nas ruas, vizinhos que transitam entre as casas – mesmo que, ao longo dos anos, tenham diminuído bastante, ainda são imagens comuns do lugar. Essa aparente vida simples, aliada ao cotidiano de um bairro suburbano, dão uma falsa sensação de tranquilidade, de um bairro que mais parece viver num tempo lento. Ao falar sobre o tempo nas cidades, Milton Santos (2002) aponta que diferentemente do centro, onde a cidade vive um tempo mais acelerado, nos bairros o tempo vai mais devagar, existindo uma materialidade que favorece um tempo lento. Dentro dessa lógica, as pessoas que vivem nesse território convergem com esse tempo, ao que o autor chama de “homem lento” aquele que ainda consegue criar vínculos e sociabilidades¹.

De fato, a dinâmica do bairro favorece essa perspectiva. Parque Anchieta parece que parou no tempo e visitar o bairro passa uma sensação de que existe uma outra cidade dentro da cidade, fora da dinâmica globalizante e acelerada do grande centro. Uma heterotopia² suburbana, um lugar outro, que se contrapõe a uma cidade que o tempo todo remove pessoas de seus locais para construções de arranha céus em nome do “progresso”. Ao mesmo tempo, o bairro sofre modificações em nome da segurança. As ruas, antes abertas, possuem grades para garantir a proteção; as pessoas, antes maioria, não ficam mais até tarde nas calçadas. Essa lógica do condomínio³ têm sido cada vez mais comum nos

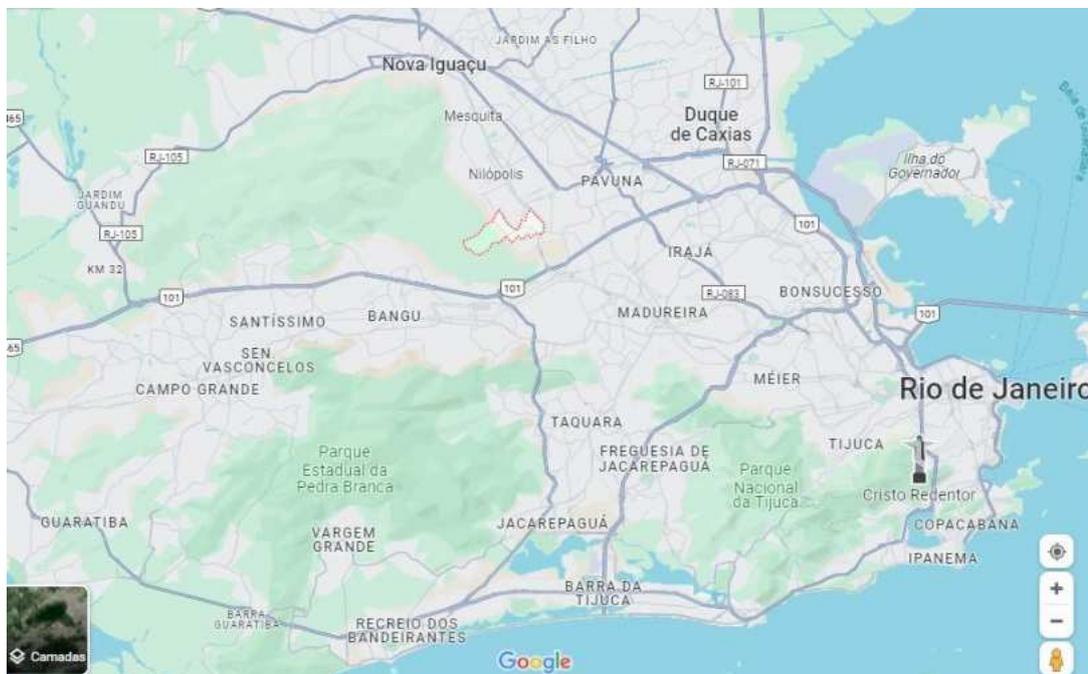
¹ Maffesoli (1998, p. 109) define a sociabilidade, referida pelo autor como socialidade, como um conjunto de práticas cotidianas.

² Foucault (2013) define as heterotopias como “utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. E bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, momentos ucrônicos” (p. 19).

³ Dunker (2009) afirma que a lógica do condomínio é a lógica do controle, da privatização da vida social, que trabalha tanto na face liberal, promovendo o aparelhamento, formando normas, quanto na face disciplinar, regulando as normas. São formas complementares de controle.

bairros da cidade, processo que parece impedir cada vez mais a circulação da população no espaço público.

Figura 4 – Mapa de parte do Rio de Janeiro, com Parque Anchieta destacado em vermelho



Fonte: Google Maps (2022).

Figura 5 – Mapa do Bairro Parque Anchieta



Fonte: Google Maps (2022).

Contudo, se por um lado as ruas ficam vazias, por outro, as praças do bairro ainda são um grande ponto de encontro. Em especial, a maior praça do

subúrbio, que fica localizada no Parque Anchieta: a Praça Granito. Além dela, existem inúmeras praças no bairro, que antes, além de servir para o lazer da população, funcionavam para as festas, como o carnaval. Nos anos 1990 e no início dos anos 2000 era comum ter celebrações carnavalescas em diversas praças do bairro. Com isso, havia uma grande mobilização dos moradores do bairro para a festa. Hoje, o que acontece é que a celebração se concentra na Praça Granito, onde em geral é colocado um palco para apresentações musicais e apresentação das baterias das escolas de samba do bairro e adjacências, como a Acadêmicos do Peixe, o Arame de Ricardo e a Império Ricardense.⁴ Além disso, a praça é tomada por barraquinhas, os bares no entorno ficam cheios e a praça costuma receber muitas pessoas, tanto moradores do bairro quanto de moradores de bairros próximos e da Baixada Fluminense, que possui uma grande proximidade com a região.

⁴ GRES Acadêmicos Do Peixe é uma Escola de Samba do bairro Parque Anchieta, foi fundado como Bloco em 2017, mas em 2020 fez sua estreia no carnaval carioca como escola de samba. GRES Arame de Ricardo, fundada em 18 de março de 2018, é uma escola de samba de Ricardo de Albuquerque, e do mesmo bairro, a GRES Império Ricardense, fundada em 19 de abril de 2015. As três escolas desfilam na Estrada Intendente Magalhães, famosa por ter um centro comercial e atravessar diversos bairros da zona norte e oeste da Cidade do Rio de Janeiro. No período carnavalesco, a estrada é fechada em um trecho, onde a Prefeitura monta uma simples estrutura de arquibancada para o público, e as escolas das séries: Prata, Bronze e Grupo de Avaliação, desfilam. Importante ressaltar que essas escolas não pertencem a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro), mas a Superliga (Superliga Carnavalesca do Brasil), com menos recurso financeiro e menos apoio dos órgãos e políticas públicas. Como essas Escolas de Samba estão fora do sistema de fomento privilegiado da Prefeitura da Cidade, elas sofrem com diversas dificuldades artísticas e, principalmente, estruturais.

Figura 6 – Praça Granito

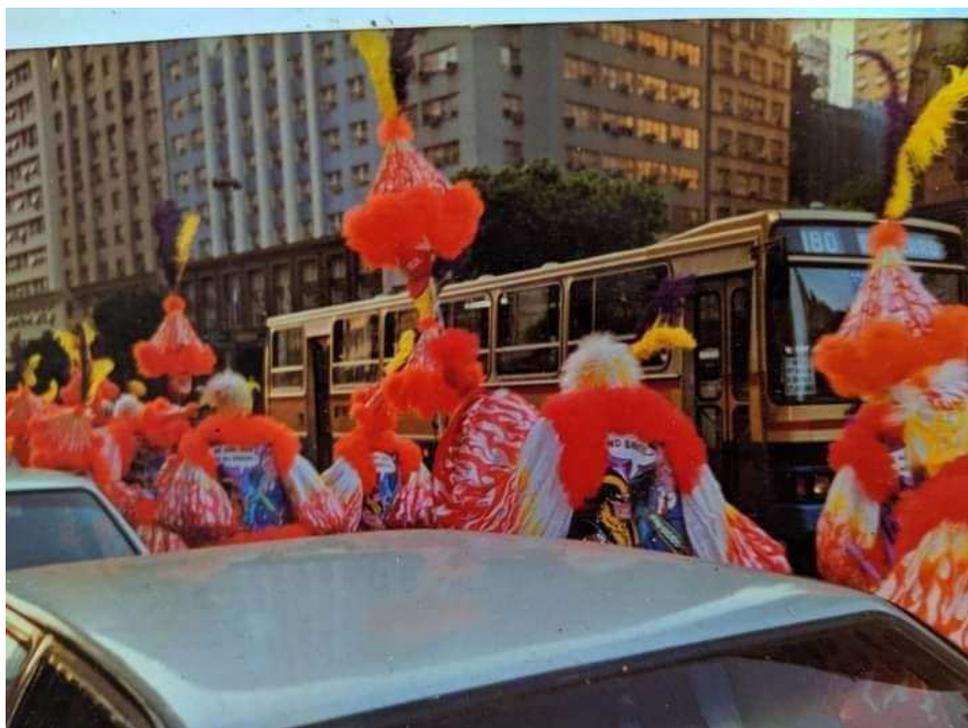
Existe um grupo que ainda resiste e parece aumentar a cada ano: os Bate-bolas. Grosso modo, Bate-bola é um personagem mascarado, com roupas bufantes e coloridas, que circulam pelas ruas do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Porém, é muito mais do que isso: os Bate-bolas como conhecemos hoje são turmas compostas por inúmeras pessoas, em algumas centenas, que produzem sua indumentária ao longo de um ano e saem nas ruas de bairros do subúrbio da cidade no período carnavalesco. De modo geral, essas turmas estão concentradas nos bairros suburbanos, e são nesses locais que, no período do carnaval, caminham pelas ruas e praças, mas fora do período do carnaval, promovem festas e encontros, muitas vezes fechando ruas e ocupando calçadas. Podemos identificar essa relação com as ruas com o que Certeau chama de prática de espaço. Em *A Invenção do Cotidiano* (1998), o autor apresenta um estudo inovador sobre as “maneiras de fazer” de pessoas comuns, muitas vezes sem possuir escolaridade formal, mas que transformam, através das suas práticas cotidianas, maneiras inovadoras de resistência. É através dessas experiências do cotidiano que os indivíduos vão realizando mudanças em seu favor e de sua comunidade. Segundo o autor, são essas “maneiras de fazer” que “constituem as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. (CERTEAU, 1998, p. 41).

Figura 7 – Integrantes da Turma do Brilho, circa 1990



Fonte: Acervo Turma do Brilho

Figura 8 – Turma do Brilho no Centro da Cidade, circa 1990



Fonte: Acervo Turma do Brilho

Parque Anchieta possui inúmeras turmas de Bate-bolas e nos anos de 1990 era comum encontrá-los pelas ruas, correndo atrás das crianças. Hoje, muitas dessas turmas preferem se manter em locais específicos, como a rua de moradia da liderança do grupo, em frente ao local onde criam suas fantasias ou em encontros com outros grupos. Dentre as turmas do bairro, destaca-se as Brilhetes de Anchieta, turma fundada em 2013, por Vanessa Amorim. Por acompanhar o então namorado Willian, que era membro e hoje líder da turma Brilho de Anchieta, Vanessa decidiu fundar sua própria turma. As Brilhetes são formada apenas por mulheres, em geral namoradas ou esposas dos membros da Turma do Brilho. Essas turmas possuem relação, pois foi a partir do Brilho que se criou a turma das Brilhetes. Ambas as turmas são do bairro Parque Anchieta e é nesse território que realizam suas festividades. Nesse sentido, a ideia de território está estreitamente ligada à questão da identidade (VELLOSO, 1990, p. 207). Pertencer ao local, e mais do que isso, ser também o local, faz parte das práticas do cotidiano dos que fazem essa manifestação cultural circular.

Figura 9 – William da Turma do Brilho e Vanessa da Turma Brilhete de Anchieta



Fonte: Acervo Turma Brilhete de Anchieta

Magnani (1984) nos leva a pensar sobre outras práticas do cotidiano que muitas vezes não são levadas em consideração pelas ações políticas. Para o autor, “é principalmente o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações mais personalizadas e duradouras que constituem a base particular identidade produzida no pedaço” (p. 19). As Brilhete criaram um vínculo com o local de moradia da figura de liderança do grupo, que apelidam de “QG” (Quartel General). O QG fica na Rua Francisco Macedo, no número 97, e é onde as meninas organizam absolutamente tudo o que diz respeito à turma. Por outro lado, é interessante observar que no período do carnaval elas não circulam tanto pelo bairro. Segundo Vanessa Amorim, a turma não fica no bairro exatamente porque não existe mais os carnavais nas

praças, então não faz sentido andar pelas ruas sem que as pessoas estejam envolvidas com a festa. Elas preferem se concentrar no “QG” e na rua e ali promover as reuniões e outras festividades.

1.3 O QG

Muitas turmas de bate-bola possuem um espaço físico onde elaboram suas indumentárias e realizam reuniões com os integrantes do grupo. No caso das Brilhetes, elas dividem esse espaço com a turma do Brilho e apelidam o espaço de QG, fazendo referência à Quartel General. É interessante observar a relação quase militarizada tanto do nome quanto do que se faz dentro do QG. DaMatta (1997) ao discutir as fantasias carnavalescas observa como o carnaval combina campos antagônicos e contraditórios. Ainda segundo o autor:

O mundo dos personagens do carnaval é, pois, o mundo da periferia, do passado e das fronteiras da sociedade brasileira. Seu foco é o ilícito, o que está completamente fora do sistema, ou que está nos interstícios desse sistema. (DaMatta, 1997, p. 63)

Isso exemplifica a maneira como a gestão dentro do QG é realizada, assim como toda a gestão pré-carnaval. Há extrema organização, diversos prazos e regras. Quem não as cumpre ou é chamado a atenção ou não sai com a turma no carnaval. Apesar de toda reunião ser acompanhada por churrasco, música e festividade, é nesse espaço que o Bate-bola toma forma e é estruturado. Segundo Vanessa, carnaval é sério. Apesar de algumas pessoas não darem valor a isso, a gestão deve ser realizada com extrema responsabilidade. Sobre o conceito de espaço, Milton Santos (2004) o define como:

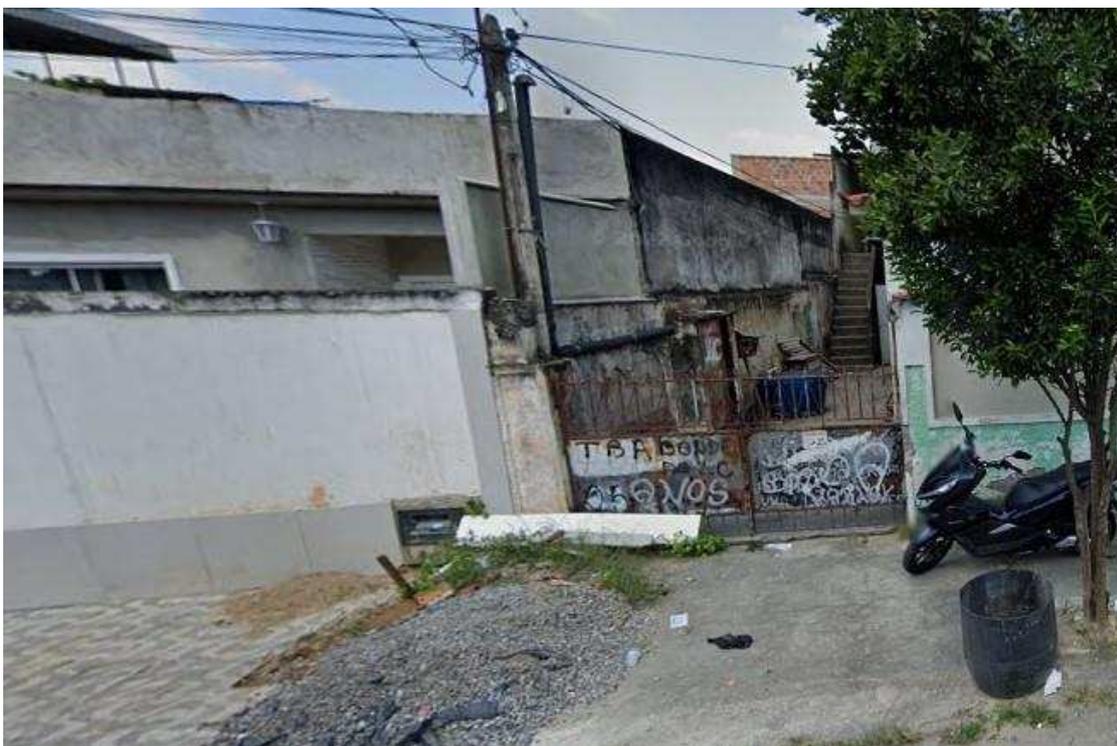
(...) um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (p. 153)

Nesse sentido, o QG é um espaço feito a partir das relações sociais que os constituem, organizado por aqueles e aquelas que o frequentam e vivem ali. Está localizado dentro de um território, o bairro Parque Anchieta, e, segundo o autor, “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1994, p. 16). No ano de 2022, no dia em que a turma realizou sua saída no carnaval, cheguei ao QG

à noite e as meninas estavam se arrumando, algumas fazendo cabelo, outras se maquiando. Vanessa estava estressada devido à ansiedade da saída e por um problema ocorrido com uma sapatilha de alguma criança que estava com a numeração errada. Naquele espaço acontecia de tudo neste momento. Uma das integrantes da turma, a Day, é trancista e fazia o cabelo de quase todas as meninas. Podemos perceber que, de um lado havia a tensão de quem está na linha de frente organizando tudo; e de outro a vaidade de estar bonita para o momento mais importante da noite. Tudo isso acontecendo ao mesmo tempo dentro do QG.

Esse espaço onde tudo acontece é uma das inúmeras maneiras de como elas utilizam o território. Dentro dele, elas possuem total autonomia e fazem o que querem, mas mantendo uma determinada organização: as reuniões são realizadas no quintal; não é permitido subir para a casa da Vanessa, apenas com autorização dela; as festas acontecem na rua; coloca-se uma estrutura para que não haja um ir e vir intenso para dentro da casa. O único momento em que podemos estar dentro da casa é quando estamos organizando a indumentária, pois é um momento secreto, onde trabalhamos com o segredo e ninguém de fora pode saber como será o Bate-bola do outro ano, apenas membros da turma.

Figura 10 – QG das Brilhetes e da Turma do Brilho



Fonte: Google Maps, 2023

Com relação às festas, estas são vivenciadas na rua, em frente ao QG. Coloca-se tenda, parede de som, mesas, cadeiras e banheiro químico, toda uma estrutura de evento. Essa sociabilidade suburbana é frequentada majoritariamente por membros de ambas as turmas, mas também de turmas convidadas, amigos e familiares. São eventos onde quase todo mundo se conhece e quem não é conhecido, será agregado por alguém e poderá socializar.

Foi exatamente em um desses encontros na rua que conheci pessoalmente a turma, após 3 anos conversando de forma remota com Vanessa. Decidi ir em uma pintura do muro das Brilhetes e foi a partir desse momento que passei a observar o bairro Parque Anchieta de outra forma, além de ter sido o momento em que pude estar perto delas, conhecer essas meninas e de alguma forma entender o porquê de se vestir de Bate-bola no carnaval. Tinha dúvidas sobre como seria esse encontro e a reação delas com uma pessoa de fora do meio. Eu sou do Parque Anchieta, mas não era membro de nenhuma turma. Adiei por muito tempo o encontro presencial exatamente por medo da reação, mas depois daquele dia, tudo mudou, inclusive o meu papel na pesquisa.

1.4 A pintura do muro, onde tudo começou.

Era manhã de um domingo de sol, do dia 18 de julho de 2021 e fui acompanhar a pintura do muro das Brilhetes e da turma do Brilho. O início da pintura estava marcado para começar às 11h, mas não consegui chegar ao início da pintura, só cheguei ao fim da tarde, quando o muro já estava pronto. O motivo do atraso foi devido ao fato de ter ido de ônibus ao invés de trem – o intervalo do trem estava de quase uma hora. Saio do bairro Riachuelo, vou até o bairro Abolição e de lá pego outro ônibus até o Parque Anchieta, mais ou menos uma hora e meia de viagem. O bairro Parque Anchieta não está localizado próximo do centro e da zona sul, pelo contrário, é um bairro que faz fronteira com a Baixada Fluminense e não possui uma boa estrutura de transportes. Grande parte desse território é residencial, salvo pelo comércio local de pessoas do próprio bairro e de uma grande rede de supermercados. Para Haesbaert (2008), o território é uma construção que vai além da dimensão física, sendo sempre múltiplo, “diverso e complexo” (p. 2). Parque Anchieta é um território complexo, que, dependendo do local, vai oscilar entre a agitação típica dos comércios

suburbanos e a tranquilidade que os subúrbios costumam emanar nas áreas mais residenciais.

Quando cheguei, as Brilhetes estavam sociabilizando com muito funk e cerveja. Penso em Maffesoli (1998, p. 109) quando, ao falar da sociabilidade, diz que as festas populares, em especial o carnaval, possuem capacidade de juntar os indivíduos, com uma multiplicidade de círculos, cuja articulação preenche o viver social. Foi exatamente o que encontrei naquele momento: uma grande socialidade entre sujeitos, muitas vezes de uma mesma família, que mesmo efetivamente não sendo, é tratado como se fosse.

Fui recebida por Vanessa Amorim, que me apresentou às demais integrantes, dentre elas sua própria mãe, que não sai como Bate-bola, mas ajuda nas festividades, e à Mayara, que é a responsável por cuidar da página de Instagram da turma. De um modo geral, as outras meninas, talvez por não me conhecerem, preferiram confraternizar apenas entre elas. Vanessa acabou ficando pouco tempo conversando comigo, pois por ser a líder e principal responsável pelas confraternizações, teve que se ocupar com a organização do encontro. Mayara por sua vez ficou o tempo todo ao meu lado, conversando sobre o processo e a paixão de sair de bate-bola pelas Brilhetes.

Figura 11 - Muro das Brilhetes, 2021



Fonte: Acervo da Autora

A pintura do muro acontece na esquina da Rua Francisco Macedo, a mesma rua onde se encontra a sede ou o “QG” da turma. Consiste numa

confraternização que é anual e fora do período do carnaval. Normalmente utilizam um tema que pode ser a temática da saída do próximo ano ou apenas uma prévia para realizar a pintura. O intuito, para além de festejar, é possibilitar uma confraternização entre as componentes da turma e passar informações para as próximas etapas do grupo.

No contexto da turma Brilhetes de Anchieta, a pintura do muro é o primeiro festejo do ano, aquele que anuncia e organiza os demais. A turma utiliza aquele território para criar esse espaço relacional, de convivência e sociabilidade. Para Harvey (2006), um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele.

Compreendemos aqui que a pintura do muro tem uma ligação direta com seu território, criando um paradoxo dentro da dinâmica do próprio bairro, pois essa aparente vida simples, aliada ao cotidiano de um bairro suburbano, dá uma falsa sensação de tranquilidade. A pintura causa um deslocamento dessa sensação, trazendo uma dinâmica globalizante e acelerada comum nos grandes centros. Ela mostra como sujeitos heterogêneos ressignificam os territórios a partir de suas práticas, apresentando a cultura como modo de vida e como aspecto criativo da sociedade (WILLIANS, 2011, p. 53). O bairro também é sua referência cultural e faz parte de todo processo de identidade que envolve a manifestação de cultura. Sobre isso, Laraia (2004) afirma que “identidade e territorialidade são, pois, dois requisitos fundamentais para a definição da referência cultural.” (p. 17).

A pintura do muro foi o primeiro contato físico que tive com a turma, pois antes conversava com as agentes via redes sociais e, como já citado, sempre adiei a ida ao encontro presencial por medo e falta de experiência. O evento me fez perceber como esses corpos dão vida ao território e me fizeram olhar de outra maneira para aquelas ruas que conheço bem. Morei por 27 anos no Parque Anchieta e minha família ainda reside no bairro, então, meu olhar para esse território vai muito além do olhar de pesquisadora: existe uma ligação territorial. Concordo com Fabian (2013), quando ele alerta que “toda experiência pessoal é produzida sob condições históricas, em contextos históricos; ela deve ser utilizada com consciência crítica e constante atenção às suas reivindicações dominantes”. (p. 117).

Enquanto ia fazendo essas percepções internamente e pensando em não esquecer para anotar isso quando chegasse em casa, Mayara ia falando sobre a admiração que ela e as outras meninas têm por Vanessa, ressaltando como ela é uma líder que se coloca e organiza toda a estrutura da turma, além de sua vida pessoal, que tem ligação direta com o mundo Bate-bola da região, visto que ela é casada com o cabeça atual da turma do Brilho, filho do fundador da turma. Essa é outra característica marcante: boa parte das meninas possuem algum tipo de relação familiar com os rapazes da turma masculina. Já estava anoitecendo e decidi ir embora. Conversei com as meninas e elas decidiram que nas próximas festas e confraternizações eu deveria estar junto, o que me fez refletir bastante. Favret-Saada (2005) nos mostra que a experiência de campo não verbal é uma troca, é a forma como o pesquisador vê o mundo que está estudando e como os sujeitos que estão sendo pesquisados nos observam também. Pensei nessa troca de experiências que estávamos começando a construir ali de forma mais direta, visto que já havíamos trocado muitas ideias remotamente. Nesse sentido, observo como esse senso de comunidade, entendido aqui como pertencimento, que a relação pessoal possui e que ficou explícito no dia da pintura do muro, dialoga com a sobrevivência:

A noção de sobrevivência - o intervalo agentivo entre viver e morrer, essa suspensão, o momento do agora – é também um conjunto de táticas e estratégias que correspondem apenas em parte à noção corrente de resistência. (LOPES, FACINA, SILVA, 2019, p. 20)

As turmas de bate-bola constroem suas práticas culturais a partir de suas vivências, que estão relacionadas em sobreviver em um contexto político que muitas vezes lhes nega as oportunidades. A partir daí, elas reinventam por meio das táticas suas próprias maneiras de fazer e acontecer. Entre as táticas de negociação e de resistência, elas asseguram a sobrevivência ao se organizarem em comunidade, criando afetos e, conforme afirma hooks (2021, p. 160), “não há lugar melhor para aprender a arte de amar do que em uma comunidade”.

1.5 As Rainhas do Parque Anchieta

Cria do bairro Parque Anchieta, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, a turma de Bate-bola feminina Brilhetes de Anchieta foi criada em 2013. A turma surge a partir do Bate-bola masculino Turma do Brilho, que surgiu no mesmo

bairro em 1991. Em contrapartida a essa protagonismo, Vanessa Amorim, hoje cabeça⁵ da turma, sentiu a necessidade de ter um grupo composto apenas por mulheres, e passou a disputar a atenção do carnaval em Anchieta com os grupos de Bate-bolas formado por homens. Segundo Carneiro (1995), “ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos.” (p. 119). Nesse sentido, as mulheres bate-bolas, muitas vezes mesmo sem a intenção, assumem um papel de liderança dentro de um meio majoritariamente masculino⁶.

Não necessariamente a intenção de formar suas próprias turmas parte de uma disputa, no caso das Brilhetes, segundo Vanessa, foi por uma questão de apenas querer ter a sua própria turma, e não precisar usar “a fantasia suja dos meninos após a saída deles” (AMORIM, 2023). Essa autonomia deu a ela o poder de liderar uma turma, e ao mesmo tempo, lidar com possíveis desconfianças e reprovações do meio masculino. Segundo ela: “no início eles não gostavam de ter uma turma feminina, pois não queriam suas companheiras junto com eles saindo no carnaval, mas depois aceitaram” (ibidem).

É importante ressaltar que aqui estamos falando de mulheres e homens cisgênero. De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012), “chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (p. 10). Ainda, segundo a autora, “Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas” (p. 8). Judith Butler (2018) discute como a identidade de gênero não se dá por uma suposta essência que a predetermina:

Minha sugestão é de que o corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo. De um ponto de vista feminista, pode-se buscar reconceber o corpo generificado mais como o legado de atos sedimentados do que como estrutura, essência ou fato predeterminados ou fechados, sejam naturais, culturais ou linguísticos (p. 7).

Entendo o gênero como uma construção sociocultural, suas disputas estão centradas nas relações de poder. O poder aqui é compreendido na

⁵ O termo cabeça se refere à integrante líder da turma, aquela que mobiliza as reuniões, festas, arrecadação do dinheiro para a compra da fantasia etc. O termo é utilizado tanto em turmas femininas quanto em turmas masculinas.

⁶ De acordo com o mapeamento realizado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro em 2022, existem ao menos 400 turmas na cidade, sendo que 23 delas são femininas e LGBTQIAPN+.

perspectiva de Foucault (1995): “o termo ‘poder’ designa relações entre ‘parceiros’ (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras)” (p. 240). As relações familiares entre as turmas são bastante significativas. Comecei a ter essa percepção na pintura do muro, em 2021, observando que a maioria delas possuem algum vínculo com os homens da turma masculina, e, apesar de manter diferenças entre as turmas, dentro de uma análise mais aprofundada, a nível sentimental e pessoal, existe uma grande interdependência. Contudo, ainda podem ocorrer relações assimétricas de poder devido a uma estrutura patriarcal em que estamos inseridas e na qual as relações de gênero e poder são construídas reciprocamente. O poder se exerce sobre o gênero na forma de domínio político, através de ordenamentos jurídicos, ou seja, as relações entre homens e mulheres não são categorias fixas, são fruto das relações sociais e de poder que constroem hierarquias e dominações, conforme afirma Scott (1990).

De fato, percebo que as tensões entre os integrantes das turmas partem muito mais das relações sociais e de poder, do que do contexto do Bate-bola em si. Isso ocorre especialmente pelo fato deles considerarem a turma feminina em uma relação de parceria. Ainda assim, é nítido que devido à estrutura patriarcal na qual vivemos, os homens reproduzem opiniões sexistas e machistas. Em diversos momentos presenciei situações que reforçam essa ideia. As mulheres que não saem de Bate-bola acabam por acompanhar seus companheiros nas saídas e, além disso, tanto as que saem como as que apenas acompanham, vivem numa relação de cuidado com seus companheiros, reforçando a ideia do cuidado feminino como algo naturalizado.

Kergoat (1996) reforça que as condições que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas de construções sociais. Para que haja uma ruptura, é necessário que exista uma quebra desse modelo biologizante, muitas vezes encarado como modelo único, universal. É comum ver companheiras ajudando a carregar a fantasia, cuidando dos filhos, exercendo majoritariamente o papel do cuidado. Até mesmo quando os companheiros bebem, são elas que os conduzem para casa. Ainda nesse sentido, elas também são cobradas por eles pelo cuidado com os filhos – de forma geral, a última palavra é delas, pois elas ficam responsáveis por essa

educação corretiva. Em contrapartida, eles ajudam em toda proteção nas ruas, na hora de colocar a fantasia, de confeccionar as fantasias e, em alguns momentos, nas questões financeiras e, em toda parte que exige algum esforço maior, são eles que tomam a frente. Cria-se uma forte relação familiar pautada num modelo pré-estabelecido socialmente.

hooks (2019) afirma que homens e mulheres foram educados para aceitar passivamente a ideologia sexista. Isso não justifica toda a estrutura patriarcal, mas é preciso atentar para o fato de que, dentro do contexto das turmas de Bate-bolas, muitas vezes estamos lidando com pessoas de diferentes classes sociais, que nem sempre tiveram acesso a discussões sobre gênero e sociedade. Contudo, ao mesmo tempo que reproduzem falas machistas, estão ajudando as companheiras a produzirem seus Bate-bolas; apoiam e caminham lado a lado quando estão na rua; ajudam no cuidado com as crianças nas festas e no momento da produção das fantasias. É complexo, mas retorno a hooks (2005) para compreender essa condição:

O patriarcado é um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominantes, superiores a tudo e a todos considerados fracos, especialmente mulheres e que são dotados do direito de dominar e governar os fracos e de manter esse domínio através de várias formas de terrorismo psicológico e violência. (p. 17)

Somos criados com valores que perpassam gerações e dentro da estrutura familiar é possível observar que muitos desses valores estão ligados a questões conservadoras, tanto a questões de classe quanto a questões religiosas, bem como a estrutura patriarcal. Isso tudo é perpassado pelos agentes. Em uma sociedade patriarcal como a nossa, homens são ensinados a não demonstrar fraqueza, demais sentimentos, e a não ter capacidade de ter relacionamentos amorosos entre eles e com outras pessoas, gerando solidão e violência. Não é algo centrado nas relações das turmas, é algo abrangente, que envolve todo o território e toda a sociedade.

No Parque Anchieta, como em outros territórios suburbanos, nos idos dos anos de 1990, era comum ter disputas violentas entre grupos masculinos de Bate-bola⁷ e disputas de poder. Com os anos, essas tensões vêm diminuindo,

⁷ Por escolha da autora, esse ponto não será aprofundado, apesar de ser um aspecto forte na cultura do Bate-Bola. A bibliografia sobre o assunto é escassa e não abarca para toda a complexa estrutura social a qual estamos inseridos. Além disso, o intuito do presente trabalho é apresentar a turma Brilhetes de Anchieta e toda produção cultural envolvida em sua organização.

muito por conta do próprio entendimento da importância da cultura do Bate-bola e também pelo aumento das turmas femininas. No contexto das Brilhetes, é nítido perceber que elas possuem um forte caráter de organização: a mobilização realizada por elas causa mais impacto diante de outras turmas e elas acabam indo mais por uma via de união do que de disputa, deixando o embate para aspectos ligados à vaidade, confecção da indumentária, entre outros.

Quando as mulheres se unem para a brincadeira e se enaltecem entre si, automaticamente estão quebrando uma relação de poder e criando uma irmandade, uma solidariedade política entre elas, criando resistência. No caso das Brilhetes, essa irmandade se reflete em toda mobilização em defesa da turma, diante dos homens e diante de outras turmas femininas também. hooks (2019) afirma que mulheres diariamente exploradas e oprimidas não podem deixar de acreditar em sua capacidade de exercer algum controle, mesmo que relativo, sobre suas vidas, e que elas se unem com base no somatório de suas forças e recursos – é esse tipo de união que caracteriza a irmandade. Vanessa é quase sempre procurada por lideranças de outras turmas femininas para ajudar em algo, seja indicando fornecedores, seja dando dicas para as fantasias. Isso demonstra o poder de organização e respeito que ela vem criando no meio Bate-bola e é sobre toda essa Produção Cultural que veremos adiante. Como é construída a produção das fantasias? Como são realizadas as saídas?

2. QUEM NÃO É VISTO, NÃO É LEMBRADO

Um grupo de mulheres decidem vestir a fantasia de bate-bola de seus namorados, as fantasias já usadas, suadas e maltratadas devido ao clima, era um ritual que se repetia todo carnaval, ao acompanhar seus namorados, maridos, irmãos, elas aproveitavam e vestiam os bate-bolas deles quando eles resolviam tirar e ficar só de kit até que um dia, uma das mulheres resolve que legal seria ter uma turma só delas, com a roupa delas, organização delas.

Figura 12 – Brilhetes de Anchieta em 2014



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Em 20 de janeiro de 2013⁸, nascem as Brilhetes de Anchieta. O nome não é à toa, boa parte delas, inclusive a mulher que criou a turma, tem alguma relação com os rapazes da turma do Brilho, grupo masculino o qual elas usavam as roupas. Assim, temos a turma de Bate-bolas Brilhetes de Anchieta, nascida no bairro Parque Anchieta e que no início não usavam aquela fantasia usual que costumamos ver nas turmas de Bate-bola. Utilizavam uma fantasia mais justa: uma saia com meia arrastão e uma blusa curta com a mesma estampa da saia.

⁸ 20 de janeiro é comemorado o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Também celebrado o orixá Oxossi, dentro da perspectiva do sincretismo. Esse dia é feriado na cidade.

A fundadora das Brilhetes é Vanessa Amorim, cabelereira, 30 anos, mãe de três filhos (Clarissa de 15 anos, Maria de 10 anos e Theo de 6 anos), casada com Willian Amorim, de apelido “Pai Mac”, cabeça da turma do Brilho de Anchieta. Vanessa diz que a criação da turma Brilhetes se deve muito à influência do marido, especialmente na ajuda que ele oferece na confecção da fantasia da turma.

Figura 13 – Vanessa Amorim, cabeça da turma Brilhetes de Anchieta



Fonte: Acervo da turma Brilhetes de Anchieta.

Segundo Vanessa Amorim, cabeça das Brilhetes, no início da turma, elas não estavam muito organizadas, não tinham muita noção do que era ser Bate-bola, então achavam mais fácil fazer uma fantasia “mais barata”. Elas passaram praticamente 4 carnavais utilizando a fantasia dessa forma, até que em 2016 Vanessa decidiu mudar a vestimenta e passou a usar o macacão, junto com a bandeira, bexiga, meias e luvas e um sapato estilizado. Segundo ela, “nesse momento, muitas meninas desistiram de sair”, mas ela resolveu insistir e desde então a turma de Bate-bolas Brilhetes de Anchieta sai pelas ruas dos bairros do Rio de Janeiro com o estilo “bola e bandeira”.

Segundo Pereira (2018), as turmas de Bate-bola contemporâneas costumam se organizar por meio da classificação dos grupos em “estilos”

diferenciados. As turmas se associam a determinado estilo e isso faz parte do processo de diferenciação e identificação uma com as outras.

Os estilos consistem em articulações de determinados elementos materiais com determinados elementos performáticos. Eles são espécies de combinações, ou tramas, que expressam compreensões acerca do personagem bate-bola e que se constituem, ao mesmo tempo, na tensão entre a visão particular que um grupo tem da brincadeira e na sua concordância com compreensões mais ou menos compartilhadas com outros grupos. (PEREIRA, 2018, p. 102)

A relação das turmas com os estilos é importante pois tem total ligação com a maneira como se expressam entre elas, criando uma relação de identidade entre quem é “bola e bandeira”, entre as turmas “bexiga e sombrinha”, etc. A construção de identidade não é autorreferenciada, dependendo do reconhecimento social, da aceitação, como afirma Pollak (1992):

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (p. 5).

No caso das Brilhetes, a identidade é uma construção constante, de produção coletiva, resultando na afirmação delas diante das outras e também dos outros, incluindo a parte masculina da turma. Uma das principais características da identidade é a reafirmação da diferença, estando em uma relação de estreita dependência, como afirma Silva (2000, p. 74). Muitas vezes essa reafirmação vem através das roupas, que, apesar de alguns estilos serem fixos e característicos, se diferenciam na temática, nas cores, e em diversos elementos que o compõem, e isso pode ser visto tanto com relação a outras turmas de outras localidades, quanto da turma masculina que a “originou”.

As Brilhetes se definem como “bola e bandeira”, um estilo muito encontrado nas turmas da Zona Norte e da Baixada Fluminense. Algumas turmas da Zona Oeste também costumam utilizar esse estilo, como a Bem Feito de Campo Grande. Basicamente utiliza-se um macacão curto com mangas, que pode ser liso, estampado ou listrado, dependendo do tema que a turma vai escolher para a sua saída; uma casaca gliterada⁹ com buá; meias e luvas estilizadas e coloridas; tênis ou sapato estilizado; bexiga de mão, presa por um

⁹ Gliteragem é o processo de cobertura de áreas desenhadas com purpurina.

tubo de pvc ou pedaço de madeira e estilizada com fitas; bandeira com o emblema da turma ou do tema escolhido; e, finalmente, a tradicional máscara decorada com buá, que chamamos de cabelo.

Figura 14 – Detalhes de uma casaca com aplicação de buá azul



Fonte: Acervo da autora.

Apesar de se definirem por estilos, nem sempre as turmas estão fixas nesses elementos. As Brilheteas, por exemplo, saíram de bexiga e sombrinha no carnaval de 2023 e continuam se definindo como “bola e bandeira”. Dependendo do tema escolhido, utilizam outros elementos para compor a vestimenta.

Figura 15 – Detalhes das luvas

Fonte: Acervo da autora.

Figura 16 – Detalhes das meias e do tênis estilizado

Fonte: Acervo da autora.

Cada elemento da vestimenta é pensado e elaborado por integrantes da turma. Nem sempre todas nos envolvemos nessa escolha e preparo, mas ao menos a líder e mais algumas de sua confiança participam dessa escolha. A partir da escolha do tema é que os elementos e as cores são pensados, sempre partindo da escolha do tema, pois é ele que vai guiar toda estética da fantasia. Outro elemento importante do Bate-Bola é o cheiro, pois além do aspecto visual,

a turma também utiliza o sensorial, e o cheiro característico dos Bate-Bolas é uma marca registrada. Antes de sair pelas ruas com a vestimenta, a finalização é dada com uma borrifada no buá de essência que pode ser de tutti-frutti ou de chiclete. Borrifamos no buá para fixar o cheiro, mas sempre andamos com um pequeno frasco de borrifador para manutenção do “cheirinho do Bate-Bola”.

Figura 17 – Detalhes da máscara



Fonte: Acervo da autora.

Figura 18 – Detalhes de um Bate-bola completo.



Fonte: Acervo da turma.

Após a escolha do tema, começam os preparativos para a confecção da fantasia, o contato com os fornecedores, a escolha dos tecidos, os desenhos das meias e das luvas, a costura do macacão e a produção da casaca. Tudo isso precisa de uma certa agilidade, pois o tempo do Bate-bola não é linear, é espiralar¹⁰. Quando um carnaval acaba, já começam os preparativos para o próximo e isso vale para todas as turmas, então caso perca muito tempo pensando nos materiais, corre o risco de não ter um tipo de tecido na loja parceira, as tintas esgotarem, o costureiro não conseguir pegar o projeto, entre outras questões.

2.1 Quem são as Brilhete de Anchieta?

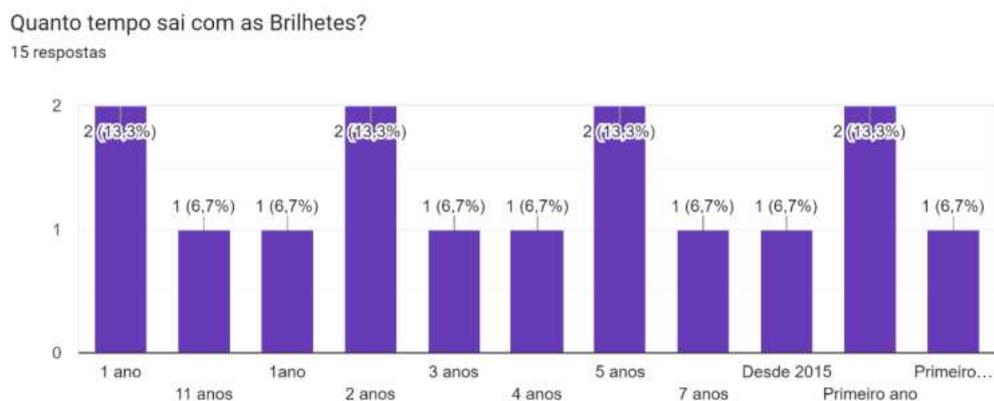
Partindo de uma abordagem quantitativa, com aplicação de um formulário enviado para cada uma das integrantes no início do ano de 2024, consegui me aprofundar um pouco mais, a partir dos dados, para entender quem são as integrantes da turma Brilhete de Anchieta. Optei por fazer um formulário para facilitar o preenchimento dos dados e o recolhimento dessas informações. Por uma decisão minha, a realização desta pesquisa foi com o grupo que participou

¹⁰ Segundo Leda Maria Martins “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (MARTINS, 2002:84), nesse sentido, o tempo do Bate-Bola é pensado aqui buscando, na memória do passado, elementos que fortalecem o presente, vislumbrando o futuro, ou seja, o tempo que nunca morre, ele sempre vai estar em constante atualização.

da saída do carnaval de 2024, sendo esta uma escolha proposital para que esses dados estejam o mais atualizados possível, visto que, a cada ano as turmas mudam suas componentes. É uma dinâmica bastante fluida, em que algumas integrantes continuam por muitos anos, outras saem por um tempo e retornam e outras participam apenas de uma saída, ao passo que, todo ano entram integrantes novas.

Em média, a cada carnaval um número de 15 a 25 meninas saem com a turma e a abordagem deste trabalho recolheu dados de 15 delas. Algumas já estavam desde outros carnavais, para outras, este era o primeiro ano na turma (Gráfico 1). Todas pretendem continuar saindo na turma, mostrando que o interesse é contínuo (Gráfico 2). Mesmo as que saíram em 2024 pela primeira vez marcaram que estão dispostas a continuar no próximo carnaval, o que demonstra que ao menos 15 componentes estarão pelas ruas da cidade no carnaval de 2025.

Gráfico 1 – Tempo de participação na turma Brilhetes de Anchieta.

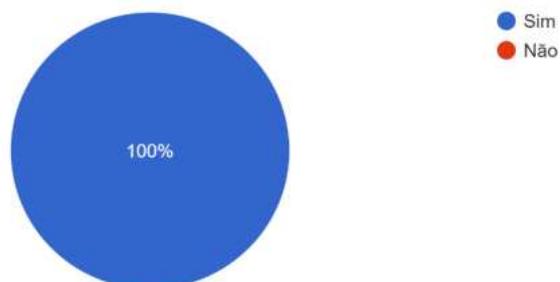


Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2 – Pretensão das componentes em continuar na turma.

Pretende continuar na Turma?

15 respostas



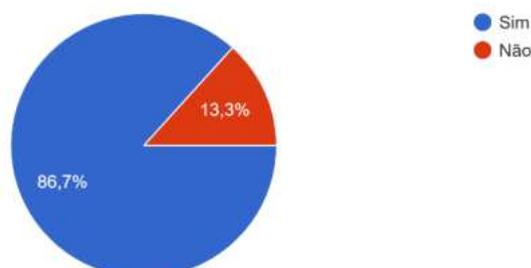
Fonte: Elaborado pela autora.

O Bate-Bola é transitório, a cada ano há uma fantasia diferente e novas pessoas se inserem nas turmas, enquanto outras se mantêm. O processo nunca é linear, todo ano é uma reinvenção. Tudo isso é feito pelas próprias pessoas e todo trabalho é elaborado a partir da paixão e da vontade de apreciar o carnaval com uma fantasia de Bate-Bola. Dentro dessa perspectiva, existe um grupo de feminino diverso, formado por mulheres periféricas que estão ali pelo prazer da diversão. Muitas possuem empregos (Gráfico 3), formais e informais, e praticamente 40% delas possuem ensino médio completo (Gráfico 4).

Gráfico 3 – Porcentagem de componentes que trabalham.

Trabalha?

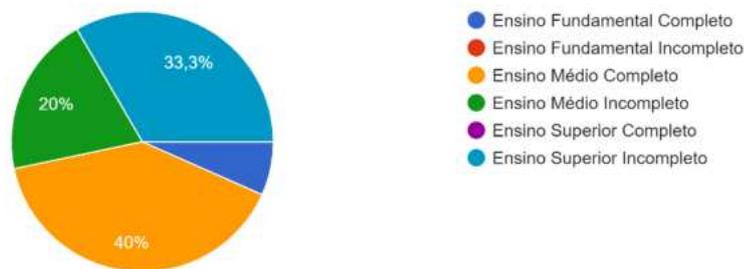
15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4 – Amostragem da escolaridade das componentes.

Escolaridade
15 respostas

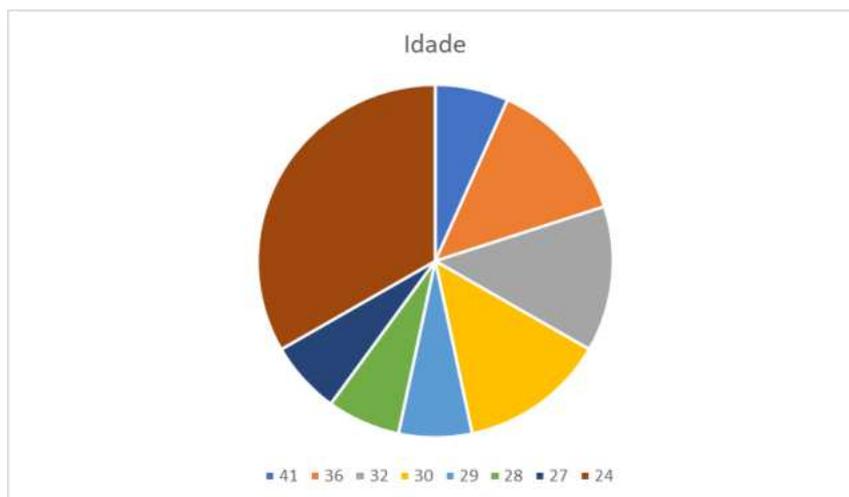


Fonte: Elaborado pela autora.

As ocupações laborais variam, mas boa parte trabalha no comércio, seja no varejo, como em redes de supermercado, sendo operadoras de caixa e promovendo vendas, ou como atendente em academias de ginástica. Duas trabalham em casas de família, cuidando de idosos e como empregada doméstica. Apenas uma das meninas trabalha com serviço técnico, em clínica odontológica. Vanessa, que foi entrevistada, está desempregada atualmente, mas pretende realizar cursos na área da cultura para se dedicar apenas aos fazeres do Bate-Bola. Ao pesquisar artistas e grupos culturais que desenvolvem atividades em periferias brasileiras, Facina (2022) chama atenção para o “trabalho sonhado”, que é essa ideia de trabalhar com aquilo com o qual se sonha. No caso da Vanessa, ela tenta de todas as formas sobreviver através da sua arte e da gestão que realiza com a turma.

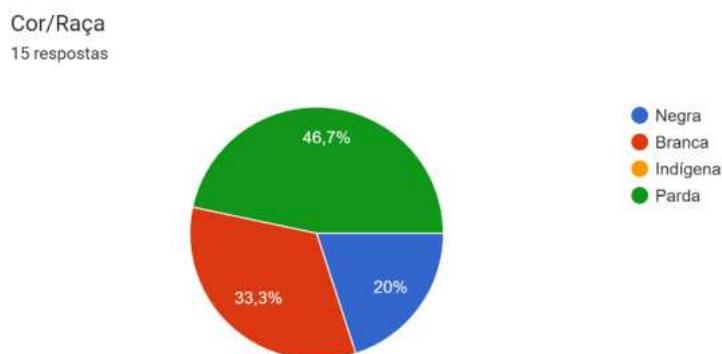
De forma geral, a maioria das componentes possuem idades até 35 anos, com apenas uma integrante com mais de 40 anos (Gráfico 5). Além disso, em termos de cor e raça, podemos observar que boa parte se autodeclara parda, 46,7% das integrantes, enquanto as brancas somam 33,3% e as negras 20% (Gráfico 6).

Gráfico 5 – Idade das componentes.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6 – Cor/Raça das componentes.

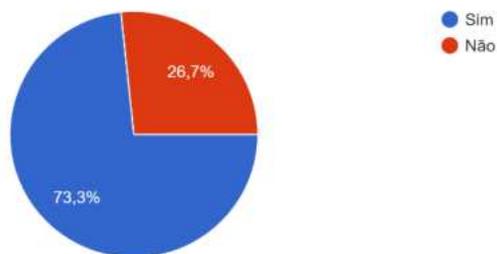


Fonte: Elaborado pela autora.

A faixa etária é variável, mas existe um número significativo de mulheres que nasceram no início dos anos 2000, viveram a infância vendo as numerosas turmas de Bate-Bolas pelos bairros que moravam, e viram o surgimento das Brilhetes, em 2013, ainda nesse período de quase adolescência. Isso demonstra como a manifestação cultural influencia o imaginário das pessoas e como é importante o surgimento de turmas femininas dentro desse complexo cultural. A respeito disso, boa parte delas possuem filhos (Gráfico 7) e muitas dessas crianças e adolescentes (Gráfico 8) saem de Bate-Bola (Gráfico 9).

Gráfico 7 – Amostragem sobre filhos e filhas das componentes.

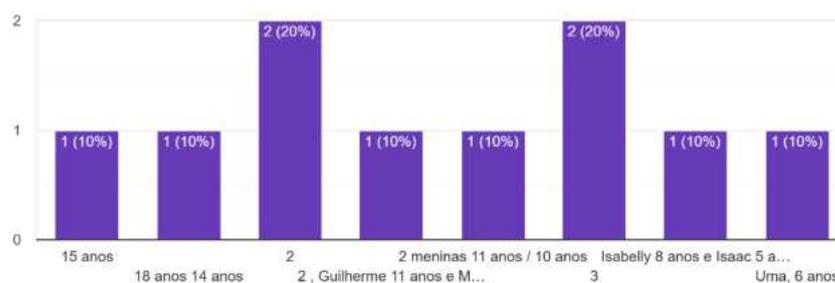
Filhos?
15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 8 – Idades de filhos e filhas das componentes.

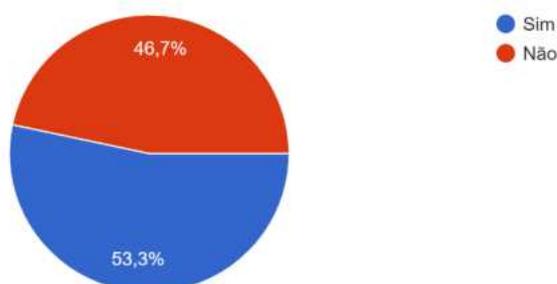
Caso tenha respondido "Sim". Quantos? Idade?
10 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 9 – Porcentagem sobre filhos das componentes que saem de Bate-bola.

Os filhos saem de Bate-Bola?
15 respostas



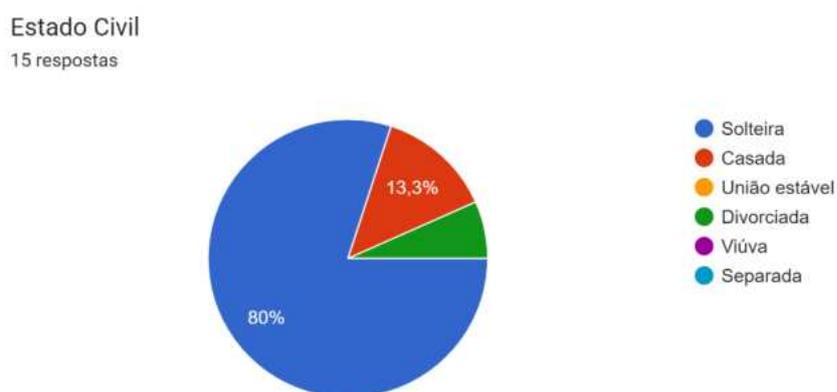
Fonte: elaborado pela autora.

É um legado Bate-bola que vai sendo construído dentro das famílias. As crianças e adolescentes ao ver suas mães e pais saindo de Bate-Bola, vão criando o interesse em sair também, mantendo viva a cultura, que vai se

reinventando ao longo dos anos. Uma turma que nasce nos anos 80 ou 90, e que consegue se manter até os dias atuais, é claramente impactada com entrada desses jovens que trazem outras ideias e novidades para os grupos.

Por fim, me atentei a duas questões importantes: estado civil (Gráfico 10) e local de moradia (Gráfico 11). A pergunta sobre estado civil busca saber as questões relativas à influência do patriarcado nas dinâmicas culturais dessas mulheres. Convivendo com elas, percebi que as integrantes casadas tinham seus companheiros ligados à Turma do Brilho, o que reforça a ideia de que muitas começaram a sair com as Brilhetes para que pudessem estar ao lado dos seus parceiros. Contudo, ao se tornarem Bate-bolas, elas tomam gosto pela brincadeira e acabam não conseguindo parar de vivenciar essa cultura.

Gráfico 10 – Estado Civil das componentes.

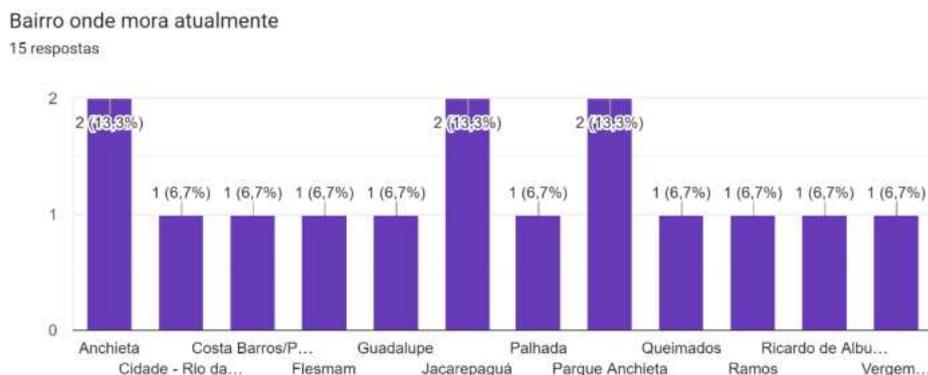


Fonte: Elaborado pela autora.

Para minha surpresa, apenas 13,3% são casadas, isso dá uma média de duas meninas e Vanessa é uma delas. Algumas componentes me confessaram que apesar de solteiras, estavam namorando com algum dos rapazes. Sendo assim, mesmo não estando em matrimônio, elas possuem algum tipo de relação afetiva com eles. Mesmo quando entram na turma para acompanhar os namorados, elas também entram por curiosidade e vontade de se divertir no carnaval, buscando algo diferente dos blocos de rua ou das escolas de samba. Prova disso é o fato de continuarem na turma, mesmo com diversas questões, incluindo a localidade onde vivem, já que nem todas moram em Anchieta ou no Parque Anchieta. Pelo contrário, há meninas que moram em bairros distantes da

sede da turma, mas mantém o compromisso com as Brilhetes por amor ao que fazem e pelo profissionalismo que a cabeça da turma passa para elas.

Gráfico 11 – Bairros em que as componentes moram.



Fonte: Elaborado pela autora.

Entender essas questões pessoais das componentes da turma, a partir da análise quantitativa, é importante para que possamos entender toda dinâmica de construção desse complexo e intrigante sistema cultural que é o Bate-bola. Podemos observar, por exemplo, que todas as componentes vivem em bairros suburbanos do Rio de Janeiro. Mesmo aquelas que vivem em cidades da Baixada Fluminense, sobrevivem dentro de um processo sociocultural suburbano, com suas questões particulares que dizem respeito às opressões vividas diariamente no estado do Rio de Janeiro como um todo.

A seguir vamos observar como se dá toda essa estrutura em como esse “trabalho sonhado” (FACINA, 2022) é construído e concretizado. Desde a elaboração do tema até a procura dos materiais, como conseguem chegar no projeto final? Como é feita toda a gestão de pessoas? Viver o Bate-bola exige bem mais do que simples admiração: requer uma dedicação que nem todas conseguimos sustentar ao longo do ano. Mas, existem brechas e estratégias que nos ajudam a chegar no final e vivenciar toda essa festa única que, para quem está dentro, não se explica: é sentimento, é atravessamento, é encruzilhada.

2.2 Bate-bola não se explica, se vive

No ano que entrei na turma, em 2021, entrei no mês de setembro, para saída do carnaval de 2022. Tudo já estava bastante adiantado, por isso, Vanessa deixou que eu saísse de “kit”. O “kit” é basicamente o conjunto que é utilizado por baixo do macacão. Quando as componentes da turma saem às ruas, elas estão com o macacão e a casaca por cima desse kit. Caso a integrante precise ir ao banheiro ou descansar, ela pode tirar o macacão com a casaca e ficar de “kit”. Em 2022, o tema foi “mãe natureza”, pois Vanessa costuma escolher temas ligados normalmente à figura da mulher guerreira, ou em algum lugar de conquista. Ela explica essa escolha afirmando que essa temática geral tem tudo a ver com as mulheres que estão na turma¹¹.

É possível observar que não são escolhas ao acaso: existe um pensamento em cada tema e uma explicação, que seguem um eixo de pensamento. No ano de 2023 houve uma questão acerca do tema, pois a turma havia escolhido homenagear a pintora mexicana Frida Kahlo, mas Vanessa optou por não fazer esse tema, pois uma outra turma havia anunciado antes das Brilhetes. Assim, a turma optou por homenagear a cantora Marília Mendonça, falecida em 2021 e grande referência do “feminejo” – estilo em que artistas do gênero musical sertanejo cantam e escrevem sobre o ponto de vista feminino, com letras que enaltecem a mulher e sua independência.

De modo geral, Vanessa conversa com uma ou outra integrante da turma acerca do tema, mas quem decide é ela. Após a escolha, ela começa a pensar nas cores e elementos da roupa. Maryna Lima, ou “Marinão”, devido à sua altura, é quem ajuda, pois é uma das integrantes mais antigas e possui muita experiência no que diz respeito à preparação dos materiais. Elas desenham o croqui, enviam para o designer, que devolve de forma digital, com uma visualização melhor. A partir daí pensam na escolha dos tecidos.

Willian, marido de Vanessa, costuma ajudar bastante nesse sentido, já que, pela experiência com a Turma do Brilho, ele costuma saber quais os melhores tecidos e fornecedores. Após receber dos fornecedores a prova dos

¹¹ A autora Helene Cixous, no livro “O Riso da Medusa”, diz: “É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história -, por seu próprio movimento”. Ao dar destaque para figuras femininas, Vanessa, de alguma forma, faz com que as outras meninas da turma tomem conhecimento da história de outras mulheres ou personagens.

materiais, ela marca a reunião da turma, para mostrar tanto a escolha do tema, como possíveis mostras de como será a fantasia. Por medo de vazarem informações para outras turmas, o projeto final nunca é apresentado para todas. Há um grande receio de que possa haver possíveis cópias, e o Bate-bola sabe trabalhar bem com o segredo.

O segredo é um dos elementos que constituem todo processo ritual do Bate-bola, seja na escolha do tema, na confecção da fantasia, nas festas, nas saídas. Tudo é permeado pelo segredo, pois ele faz um jogo de causa e efeito: enquanto esconde, vai produzindo e só apresenta o produto final no momento certo. Simmel mostra que o segredo faz parte das relações sociais. Em seu texto “O Segredo” (1999), traduzido por Simone Carneiro Maldonado, o autor informa que a existência de um segredo entre dois indivíduos ou grupos, são questões que caracterizam as relações entre eles. Até entre as próprias componentes isso é evidente, pois enquanto umas parecem saber demais do projeto da fantasia, por exemplo, outras só ficam cientes quando Vanessa acha prudente apresentar, normalmente com essa produção já em andamento. Para Turner, a vida social se movimenta a partir de um processo argumentativo, envolvendo estrutura social e *communitas*, estrutura e antiestrutura, alimentado pelas práticas rituais (NOLETO, ALVES, 2015). A prática ritual é pensada aqui a partir do conceito de liminaridade, que, segundo o autor, são entidades:

Não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. (Turner, 1974: 117).

Sendo assim, a liminaridade é uma situação momentânea na qual os indivíduos estão desprovidos de suas posições sociais permanentes. O ritual acompanha todo processo da turma e de suas componentes, especialmente daquelas mais envolvidas com as etapas, mesmo com seus empregos fixos que não dialogam com a produção cultural do Bate-bola. Toda vez que se voltam para o ritual, se colocam numa posição de poder e autoestima, que não experimentam na vida cotidiana fora da manifestação cultural.

A partir desse fato, podemos perceber quanto o Bate-bola atravessa a vida dessas pessoas. Contudo, é preciso entender como se dá todo esse

processo, já que viver essa complexa configuração possibilita ter compreendido as razões pelas quais as mulheres são e escolhem ser Bate-bolas.

2.3 O carnê

É comum ouvir de alguns integrantes de turmas de bate-bola diversas expressões sobre a paixão que eles sentem por estar no grupo ou sobre a ansiedade com a chegada do carnaval. De modo geral, eles se desprendem das práticas cotidianas quando estão imersos nas práticas culturais de produção de tudo que envolve as turmas e as vestimentas. Sobre prática cultural, Teixeira Coelho (1997) afirma que

Em sentido amplo, dá-se o nome de prática cultural a toda atividade de produção e recepção cultural: escrever, compor, pintar e dançar são, sob este ângulo, práticas culturais tanto quanto frequentar teatro, cinema, concertos, etc. (p. 312)

As Brilhetes não fogem a essa regra. Ao fazer a pergunta “O que é Bate-bola para você?”, ouvi de quase todas a mesma resposta: “minha vida”. Vanessa, inclusive, confessou que ela seria mais feliz se pudesse “viver apenas de Bate-bola”. Viver de Bate-bola envolve toda uma atividade cultural e econômica, afinal, para se produzir a fantasia de 10, 15, 20, 50 componentes, é necessário organizar tudo. Algumas das funções que a cabeça da turma precisa fazer para ter e manter uma turma de bate-bola são: receber os valores para as fantasias; comprar os materiais; pesquisar preços; pesquisar os melhores fornecedores e o melhor custo-benefício; além de manter a turma envolvida e animada.

No caso das Brilhetes, há uma mensalidade no valor de 100 reais, mais a caixinha de 15 reais, que deve ser paga até o dia 15 do mês corrente. Caso passe da data, há cobrança de juros em cima do valor inicial. O controle é feito através de um carnê: Vanessa fica com um canhoto e a integrante fica com outro. Existem determinados meses que este valor varia, normalmente meses em que ela precisa comprar alguns tecidos para o macacão ou outros itens em conjunto. Muitas integrantes acabam atrasando o pagamento do carnê, o que faz com que sempre haja uma comunicação mais assertiva por parte da cabeça da turma, que exige que os pagamentos sejam realizados no dia certo, para que não haja atraso no pagamento dos fornecedores. Essa comunicação é sempre realizada no grupo das integrantes da turma no Whatsapp, mas sem citar nomes. Ela

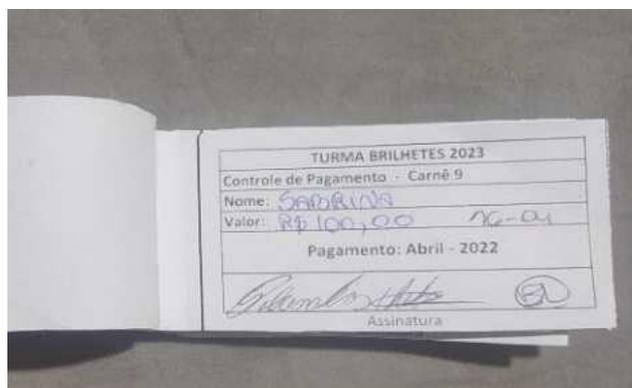
menciona que muitas integrantes estão em atraso e que precisam acertar o pagamento o quanto antes. Vanessa também faz a comunicação no Whatsapp pessoal de cada integrante que está com o pagamento atrasado, e sempre pede uma data para o pagamento, o que nem sempre é cumprido.

Figura 19 – Carnês do ano 2023 e 2024 da Turma de Bate-Bola Brilhetes de Anchieta.



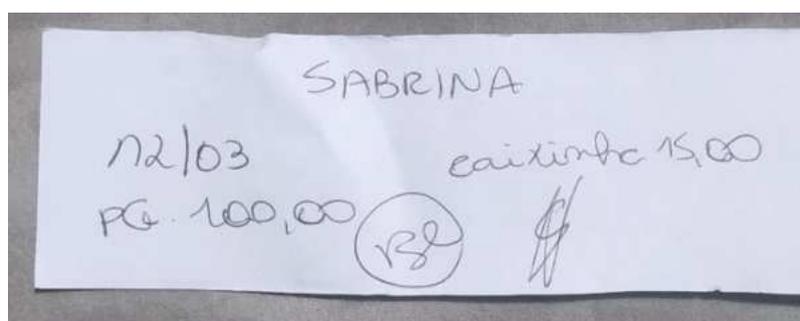
Fonte: Acervo da autora.

Figura 20 – Detalhe do carnê de 2023.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 21 – Detalhe do carnê de 2024



Fonte: Acervo da autora.

Podemos observar que as turmas de Bate-bola possuem um sistema cultural complexo que exige total compromisso de suas componentes. Se uma atrasa o pagamento, por exemplo, todas se prejudicam, pois, o pagamento diz respeito à toda indumentária. Se o fornecedor pede um determinado valor de sinal, Vanessa precisa estar com este valor para fazer o repasse. Para dar conta da comunicação de todo esse sistema, formou-se o grupo de Whastapp da turma, maneira encontrada de concentrar todas as meninas da turma e repassar as informações de uma só vez.

2.4 O Grupo no WhatsApp

Quando iniciei o processo de pesquisa de campo sobre a turma, na pintura do muro em 2021, primeira vez que encontrei com elas presencialmente, uma das integrantes foi enfática comigo: seria interessante para a pesquisa se eu entrasse para a turma, pois, assim, eu poderia acompanhar o grupo no aplicativo de mensagens WhatsApp. Naquele momento não dei muita importância para o fato. Apenas depois, já integrante da turma, pude perceber a dimensão e importância deste grupo.

Conforme mencionado no item 2.1, o número de pessoas no grupo varia ao longo do ano e só fica quem de fato se compromete a sair no carnaval seguinte. Não é permitido ficar no grupo apenas por curiosidade, se a pessoa “virou aurora”¹², ela é imediatamente retirada do grupo, assim como nos casos em que a pessoa decide não sair no ano seguinte. No grupo, Vanessa coloca as informações referente ao pagamento da mensalidade, das festas e das roupas que são produzidas ao longo do ano. Além disso, também conversam amenidades ou assuntos que dizem respeito ao bairro, outras turmas e até questões políticas. Nas eleições presidenciais de 2022, o grupo ficou bastante movimentado, com uma maioria que torcia para a eleição do então candidato Luís Inácio Lula da Silva (PT). Elas comemoraram abertamente o resultado das eleições no grupo.

¹² Aurora é o termo que Bate-bolas utilizam para a pessoa que não paga o carnê e acaba saindo da turma ao longo do ano, desfilando com uma fantasia “comum” em blocos da cidade. Por isso o termo “Aurora”, pois faz alusão à clássica marchinha de carnaval. Inclusive, existe uma adaptação dessa marchinha, onde é cantado: “Se não pagou o Bate-bola, ô ô ô, Aurora”.

É interessante observar toda sociabilidade das conversas, pois elas falam sobre questões pessoais, pedem ajuda, e há sempre mobilizações quando necessário. Por exemplo, há postagens nas redes sociais da turma e Vanessa pede para que todas façam comentários, ou também coloquem em suas redes sociais artes que são criadas para eventos ou indumentária da turma. Os conflitos também estão presentes, especialmente com relação ao pagamento atrasado. É nessa hora que Vanessa se coloca numa postura quase que agressiva para cobrar de quem não ajuda ou não acompanha as mensagens. Ela é sempre enfática, deixando clara a insatisfação por conta de algumas que não colaboram ou estão atrasadas com seus compromissos com o Bate-bola. Palavras têm força e quando Vanessa usa suas palavras para atacar aquilo que acredita que não está certo, sempre tem reação e as meninas acabam se mobilizando para acertar suas dívidas ou, ao menos, justificam suas ausências.

Confesso que, em vários momentos, me irritei com o grupo, especialmente quando estava com uma grande rotina de trabalho e não conseguia dar conta das demandas, que muitas vezes são simultâneas. Pessoalmente, aquilo me soava mais como uma obrigação de trabalho do que lazer. Em vários momentos eu não olhava para o grupo por um tempo e via 100, 500 e até 800 mensagens não lidas. Só consegui lidar um pouco melhor com o grupo quando pedi para Vanessa sempre me avisar quando tivessem demandas específicas, como pagamentos ou opiniões. Isso ajudou a encarar o grupo de outra forma.

Contudo, ainda assim, para quem trabalha o tempo todo conectado, estar em um grupo do WhatsApp e ter que acompanhar as demandas, é desgastante. Nem sempre todas conseguem participar, mesmo que seja uma exigência da cabeça da turma que todas estejam presentes e participante no grupo. Uma solução encontrada, para além de pedir para ela me avisar das urgências, foi participar mais no Instagram da turma. Ser participativa, seja onde for, é uma obrigação para quem está na turma, então, para evitar possíveis chamadas de atenção da cabeça, escolhi onde é possível colaborar, dependendo do momento e da situação.

2.5 Redes Sociais

De modo geral, todas as turmas de bate-bola possuem redes sociais. O já falado WhatsApp, que é utilizado para concentrar as informações da turma, o Facebook, o Instagram. Esses últimos são o modo como as turmas se mostram para o mundo virtual, onde divulgam suas festas, resenhas, encontros, produções culturais – e ali as identidades se misturam a partir da representação. Segundo Hall (2016, p. 31), a representação é parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Isso quer dizer, no caso dos bate-bolas, que tudo aquilo que divulgam nas redes é a maneira que encontraram para simbolizar e destacar suas produções, que são muitas, de modo que as redes não só mostram as turmas, mas também quem faz as turmas e o que fazem as turmas. Bate-bolas são vaidosos e precisam estar sempre em evidência, demonstrando uma espécie de poder que tem uns com os outros. As redes sociais refletem isso e cada uma funciona da sua maneira, em determinados aspectos.

O Facebook foi o primeiro a ser utilizado, inclusive, foi através dele que conheci a turma. É a rede social mais utilizada pelas turmas, pois acredito que há uma interação mais objetiva e um manejo mais simples, o que faz com que integrantes das turmas prefiram utilizar o Facebook. As Brilhetes contam hoje com quase 5.000 seguidores nesta rede social, e lá divulgam as resenhas, grandes festas, aniversariantes do mês e informações sobre seu carnaval. Além disso, é no Facebook em que há a maior interação com outros membros de turmas e outras organizações, e participação em grupos para compra e venda de materiais para as fantasias, zoeiras em páginas dedicada a cultura bateboleira, etc.

Figura 22 – Página de Facebook da Turma Brilhetes de Anchieta.



Fonte: Acervo da autora.

Por outro lado, o Instagram é a rede social onde a representação é mais formal, com postagem de festas e resenhas, curiosidades sobre universo bate-bola, homenagem às integrantes, e afirmação do feminino entre as turmas de Bate-bola. Nesta rede social, a curadoria das postagens foca mais no público que desconhece os Bate-bolas, pois a ideia é aproximar esse público e trazer ainda mais seguidores para que conheçam a turma.

Figura 23 – Página de Instagram da Turma Brilhetes de Anchieta



Fonte: Acervo da autora.

As redes sociais têm uma abordagem discursiva muito própria de cada turma. É o local, que apesar de virtual, mantém uma certa energia que as turmas costumam passar nos encontros presenciais, em especial nas festas e resenhas promovidas por elas. Apesar de existir a separação virtual *versus* presencial, a turma impõe sua identidade onde quer que seja, pois para elas é importante ter esse local para mostrar o que produzem e deixar registradas as festas que promovem, compartilhando o resultado de tudo o que acontece, e cada vez mais se torna uma necessidade das turmas.

Recentemente, um edital de apoio aos Bate-bolas exigiu comprovação de atuação cultural e a comprovação foi feita exatamente por meio de *prints* das

redes sociais, com as atividades que as turmas promovem ou que participam. Cada *print* tinha um valor na pontuação, fator importante na seleção dos projetos via edital. Para as Brilhetes, as redes sociais são bem mais do que apenas um local de divulgação individual, é um espaço coletivo e de demonstração das produções culturais produzidas pela turma.

As mídias sociais são um importante veículo de divulgação das turmas, que ampliam a comunicação para todos os públicos, não só os que estão envolvidos na manifestação cultural, mas também para aqueles que desconhecem ou que não residem no mesmo território. Esse movimento expande potencialmente um universo cultural praticado em territórios suburbanos e favelados para todo o mundo, já que o alcance dessas mídias, é mundial. Castells (2003, p. 7) afirma que a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. A partir da internet elas criam uma rede específica de trocas de informações e de divulgação individual e coletiva. A produção de conhecimento nesse caso é pautada pelas informações que as turmas disponibilizam em suas redes. Ainda em Castells (2003), entendemos que uma rede é um conjunto de nós interconectados e que sua formação é uma prática humana muito antiga. Segundo o autor, as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet (*ibidem*, p. 7).

Trata-se de uma forma de democratização da informação, já que essas turmas nem sempre tem espaço aberto de fala e divulgação nos veículos de TV e em mídias sociais de grandes redes de comunicação. Apesar de todas as questões problemáticas, sobre segurança e controle das informações, que envolvem a internet, para as turmas de Bate-bola, de alguma forma, as mídias sociais e as redes que se formam são grandes aliadas na manutenção da cultura.

Por outro lado, é também um espaço de disputa entre elas, trazendo para o mundo virtual questões que marcam as turmas durante todo ano, como por exemplo, quem foi o mais bonito do carnaval, qual turma usou a máscara mais bonita, dentre outros temas que permeiam a cultura Bate-bola. Nesse caso, a disputa entre as turmas é potencializada principalmente em páginas dedicadas a divulgação de turmas de Bate-bola, como o perfil “Cultura dos Bate-Bolas”, página criada por MC Digo, integrante da Turma Os Favoritos de Deodoro, que mantém a página dedicada a divulgar todo universo Bate-Bola. É a partir das

postagens dessas páginas que muitas vezes diferentes componentes das turmas interagem, trazendo reflexões específicas, disputas e elogios para o trabalho realizado pelas diversas turmas que existem no Rio de Janeiro.

Figura 24 – Página de Facebook do perfil Cultura dos Bate Bolas



Fonte: Acervo autora.

De forma geral, as redes sociais são parte do contexto das turmas, já que é ali que elas exploram imagens, discursos e disputas e dão sentido a tudo que vai sendo produzido ao longo do ano. Dessa forma, vai sendo continuamente criada a identidade própria de cada turma, que nunca é fixa, pois vai se adaptando a cada novidade que, porventura, possa surgir.

2.6 Festas e resenhas

As Brilhetes possuem um calendário anual de festas, que varia conforme as datas e viabilidade das componentes, mas algumas são imprescindíveis e não deixam de acontecer. É o caso da pintura do muro, evento já mencionado, que consiste em reunir as componentes da turma para celebrar a pintar o muro com o tema ou não do carnaval do próximo ano. Nem sempre é o tema, pois durante a pintura pode ser um, mas por questões de segredo ou até mesmo por conta de outra turma já ter escolhido o mesmo tema antes, ele pode mudar.

De forma geral, a pintura do muro é o ritual que abre o ciclo carnavalesco do próximo ano. Como o Bate-bola lida com o tempo espiralar, o pensamento e a produção nunca terminam, eles estão em constante movimento para que sempre seja atualizado. Sobre o tempo espiralar, a autora Leda Maria Martins (2021), define:

O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja, tudo o que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e de ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais e comunitárias mais amplas e mais diversificadas; as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir; e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do cosmos, em sua integralidade e totalidade. (p. 207)

As festas dão sentido a isso, pois é com elas que as componentes se encontram e se movimentam. Bate-bola só faz sentido com os encontros presenciais, que podem ser na rua, assim como podem ser no barracão, que na verdade é o QG, casa da Vanessa e do Willian que se transforma em local de trabalho quando estão lidando com questões do Bate-Bola. Mas, sem esses encontros, a possibilidade de as turmas dispersarem é enorme, pois é na conversa, no lazer e até nos embates, que a sociabilidade acontece. Movimento inclusive é uma palavra-chave para as bate-boleiras, pois nunca paramos. Estamos sempre pensando na próxima reunião, na próxima festa, no próximo carnaval. Estamos sempre nos comunicando umas com as outras.

Existe nesses encontros um lado altruísta muito forte. Nas festas de Dia das Crianças, por exemplo, é comum a doação de brinquedos, a distribuição de doces, a locação de brinquedos infláveis para o lazer dos pequenos e até sorteio de fantasia de Bate-bola para as mascotes¹³. Tudo isso sempre com muita comida, doces e música.

¹³ Mascote é o termo utilizado para definir as crianças que saem de Bate-Bola.

Figura 25 – Estrutura inflável para festa do Dia das Crianças.



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Figura 26 – Cartaz anunciando a Festa das Crianças



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

A fé também é evidenciada nas festas, como na tradicional feijoada de São Jorge que as Brilhetes promovem todo ano. Essa festa é quase sempre junto com a pintura do muro e é a oportunidade de juntar componentes das Brilhetes e de outras turmas que queiram participar. As pessoas de fora da turma pagam pela feijoada e todos pagam pelas bebidas. A feijoada de São Jorge realizada pelas Brilhetes é um evento herdado da Turma do Brilho. De todos os

eventos promovidos, é o único que não deixa de acontecer, tal qual a festa do Dia das Crianças.

Figura 27 – Eu e Vanessa Amorim na Feijoada de São Jorge/Pintura do Muro da turma



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta. (Foto: Ratão Diniz)

Figura 28 – Grupo de mulheres e meninas bate-boleiras



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta. (Foto: Ratão Diniz)

Diferente das festas, as resenhas são eventos menores, encontros muitas vezes frequentados apenas pelas componentes da turma no QG. Esse tipo de encontro acontece com frequência quando começa a produção das fantasias, quando as componentes que possuem disponibilidade e moram próximo, vão ao QG ajudar na confecção das fantasias. Para acompanhar essa produção, temos comida, cerveja e música, além de muitas histórias, muita zoeira e risadas.

Tanto as festas quanto as resenhas são custeadas pelas componentes. Como a Turma do Brilho também participa, eles também colaboram com os

valores. Outra característica marcante é que todos os eventos são compartilhados com a turma masculina, pois não existe nenhum evento que seja individual, de apenas de uma turma. A Turma do Brilho arrecada e contribui, assim como as Brilhetes. Para a feijoada, por exemplo, cada componente precisou enviar o valor de R\$35,00 (trinta e cinco reais) para colaborar na compra dos mantimentos e ajudar com o gás de quem disponibilizou para cozinhar. Não existe nenhum evento em que não haja a colaboração das componentes, pois sem essa ajuda, não existe a possibilidade de realizar nenhuma festividade.

2.7 Terror não, inspiração de muitas

Quando uma pessoa vai à uma festa, ela geralmente se arruma, coloca uma roupa confortável, bonita e sai. As Brilhetes costumam produzir roupas específicas para cada festa, normalmente uma camisa, que pode vir acompanhada de algum acessório: um chapéu, um copo e até uma bolsa. Essas vestimentas e acessórios não são produzidas apenas no carnaval, mas ao longo do ano todo. Por exemplo, para a pintura do muro, compramos uma camiseta temática e, como era junto com a feijoada de São Jorge, a temática da camiseta foi sobre o santo guerreiro.

Figura 29 – Detalhe da blusa produzida para a festa de São Jorge e a Pintura do Muro



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta. (Foto: Ratão Diniz)

As vendas de camisetas são para que a turma nunca fique desarrumada nos eventos e tenha opções de vestimenta das Brilhetes para eventos de outras turmas. Além disso, é também uma maneira de juntar um dinheiro extra para o caixinha da turma, que, como já mencionado, funciona nos momentos finais, quando é necessária a compra de itens urgentes para fantasia ou para a saída.

Figura 30 – Copo produzido para Festa Julina das Turmas Brilho e Brilhetes



Fonte: Acervo das Brilhetes de Anchieta.

A produção desses materiais é contínua: ao longo do ano são mais de 50 peças produzidas, todas temáticas. Alguns desses materiais não tem obrigatoriedade de compra, como copos exclusivos das festas, camisetas, chapéus, toucas e bonés, mas, dependendo do evento, é necessário que todas as componentes estejam com pelo menos a camiseta – é o caso da pintura do muro. Por ser um evento que abre o ciclo carnavalesco e, principalmente, tem uma dinâmica de apresentar o tema do próximo ano, é importante que as componentes estejam uniformizadas. É possível perceber a ambiguidade desses rituais, pois ao mesmo tempo em que o Bate-Bola lida com o jocoso, com a subversão, também observamos a disciplina e a ordem, numa dualidade que só faz sentido quando chega o momento da saída da turma.

Figura 31 – Casaco com o tema da turma em 2024



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

As ideias partem da líder do grupo, Vanessa, é ela que pensa as cores e como quer cada material, depois envia para o designer que cria o modelo. É uma decisão unilateral, apenas é solicitada a participação do restante das componentes quando ela quer saber se preferimos um produto ou outro. Nesses casos é feita uma enquete no grupo do WhatsApp. Certa vez foi sobre o tipo de bolsa, outra sobre o modelo da camiseta e segue assim. Dessa forma, a turma movimenta, para além das componentes, o sistema produtivo do Bate-Bola, que é gigantesco, e conta com diferentes trabalhadores que de alguma forma contribuem para que o sonho se realize.

2.8 “Quem não pode errar somos nós”: a produção do Bate-bola

Intitulo este item com uma das frases utilizadas pelas Brilhetes. “Quem não pode errar somos nós” reflete todo o perfeccionismo que as cabeças de turma exigem das componentes, e não só delas, também de fornecedores e

profissionais que compõe todo ciclo de criação, produção e circulação do Bate-bola. Aqui veremos como é realizada toda a produção cultural da turma de Bate-bola, como são desenvolvidos os materiais e feita a organização para que possa chegar na saída com todos os adereços prontos e sem o risco de faltar elementos para este momento.

Entendo a Produção Cultural como um conjunto de práticas que envolve saberes e trocas dentro do campo da Cultura. Formada por diversos agentes, artistas e pesquisadores, uma das principais figuras desse conjunto de práticas é a figura da produtora cultural, que mobiliza e articula conceitos e ideias, os concretizando. Essa é uma prática que nem sempre é democratizante no sentido que a profissão, muitas vezes não é valorizada no senso comum, e em muitos espaços culturais, a figura do produtor acaba sendo o “faz tudo” sem o devido crédito, mas no caso da produtora responsável pelas Brilhetes de Anchieta, além da democratização, ela também pensa em todo capital social que envolve a turma. Mesmo sem saber, ela consegue articular a curadoria e a economia, desenvolvendo ações que geram um impacto significativo, em termos culturais, para o território e para o coletivo.

Ao falar sobre Capital Social, Milani (2003) afirma que o desenvolvimento local envolve fatores sociais, culturais e políticos que não se regulam, exclusivamente, pelo sistema de mercado. Pensando em toda economia que envolve o Bate-bola, faz todo sentido pensar que existe uma forte inclusão sociocultural e uma diversidade e movimentação de comércios locais. Para além de apenas uma relação mercadológica em massa, estamos lidando com pequenos produtores que estão localizados nos bairros suburbanos, favelados e periféricos da cidade do Rio de Janeiro.

Para que seja possível o entendimento dessa relação entre capital e desenvolvimento local, explico aqui todo o processo da produção do Bate-bola, pensando os componentes da fantasia em si. Segundo Vanessa, o primeiro passo é a arte final, também chamada de projeto. Um profissional desenha o projeto e a cabeça decide, na primeira reunião junto às componentes, quais serão as cores e demais elementos que vão ou não compor aquele Bate-bola. Hoje, o responsável por desenhar para a turma é Phillipi Fernandes, morador do bairro Anchieta, e integrante de uma turma de Bate-Bola da Cidade de Deus. Antes de Phillipi, a cabeça achava uma imagem na Internet, enviava para uma

pessoa vetorizar e criava-se o desenho com mais definição para sublimar¹⁴. Hoje, porém, a arte é feita em tela, um trabalho bem mais manual. Se antes o desenho saia direto da internet para o vetor, hoje ele sai da internet, é entregue ao Phillipi, que desenha a lápis e cria um croqui, já com as cores e detalhes. Depois de pronto, o croqui é enviado para a cabeça, que avalia junto às componentes. O que tiver que mudar será previamente orientado para que chegue o mais rápido possível na arte final. Ele já está há dois anos trabalhando com a turma e em 2024 vai para o terceiro ano. Além da arte do macacão, ele também desenha a máscara e a casaca.

Figura 32 – Arte da máscara do carnaval 2023, desenho de Phillipi Fernandes



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Após a arte criada no papel, é preciso revelar essa imagem, e para isso tem o Bob, integrante da turma Renegados de Anchieta, que faz a impressão da imagem em uma folha de papel manteiga bem grande, da largura da tela que fará a impressão dessa arte. Vanessa conta que se for para a casaca o tamanho

¹⁴ Sublimação é um dos métodos de confecção do Bate-bola, conhecido também como Bate-bola sublimado, ou apenas, sublimado. Utiliza-se uma prensa que passa a imagem em papel para o tecido, método que difere do glitterado, estilo que as Brilhetes utilizam hoje, que é um processo todo manual.

é 70 cm por 70 cm, e caso seja a placa para o macacão é 1m e 40cm de largura. Bob revela o desenho todo, cor por cor. É necessário passar todas as cores desenhadas por Phillipi para cada tela. Às vezes, quando é um desenho com poucas cores, ele consegue utilizar numa mesma tela de duas a três cores, diminuindo, assim, o custo de revelação de tela, que costuma ser bem alto, visto que é um trabalho bastante minucioso.

Figura 33 – Arte de parte do macacão para o Bate-Bola de 2023 impressa em papel



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Outro material bastante utilizado pelas Brilhetes é a lycra: as meias, as luvas e uma parte da máscara são produzidas com esse material. Vanessa conta que quem desenha a meia é Phillipi, mas

(...) a gente trabalha com a do corte atualmente, a gente vai na Dagmalhas em Madureira, a gente compra cada cor da lycra, manda para a Raquel aqui que é costureira e manda junto com esse desenho. Ela faz uma lycra de amostra pra gente daquele corte que foi escolhido, que foi desenhado, para a gente ver se aprova ou não, se vai alterar alguma coisa, se refaz o desenho ou se dá o ok para ela. (AMORIM, 2023)

Sendo aprovado, ela continua na produção da lycra de acordo com o que é conversado. Vanessa explica que Dona Raquel é moradora do Parque Anchieta, quase vizinha dela, e já trabalha com a turma há muitos anos. É uma pessoa com que Vanessa já estreitou uma relação de confiança, algo importante para a turma. As relações de confiança, em especial de profissionais que

atendem garantem o sigilo, para não vazarem nenhuma ideia para outras turmas. Os profissionais precisam entregar todo material conforme a data combinada, pois caso isso não aconteça, há impacto direto na saída da turma.

Por esse motivo, existe um trabalho que é realizado no barracão da turma, ou QG, conforme mencionado. Esse trabalho é totalmente manual e quem faz toda parte de estampa é Willian, “Pai Mac”, cabeça da Turma do Brilho, companheiro da Vanessa. Segundo ela:

(...) ele faz todo trabalho aqui também, tanto de casaca, quanto do macacão. Algumas coisas que a gente precisa, se for pra capuz, meia das crianças que precisa estampar, tudo que for a base da estampa ele já pega também (AMORIM, 2023)

Já a parte da costura é responsabilidade de Vanessa, que faz toda a parte de fechamento de casaca; a parte da frente da casaca das Brilhetes; a costura da bandeira das crianças; e o trabalho manual de enfeite tanto dos mascotes, quanto dos adultos. Isso inclui as fantasias da Turma do Brilho também. É um trabalho em dupla de Vanessa e Willian, com auxílio de outros integrantes, mas com direcionamento todo dos dois.

Eu tive a oportunidade de presenciar um desses momentos, em uma segunda-feira chuvosa. Fui para o QG na intenção de conversar com Vanessa, porém, quando cheguei lá, havia três rapazes do Brilho e outras duas Brilhetes, três contando comigo. Ficamos até tarde conversando e preparando casaca para o carnaval 2024. Nesse momento eu pude conversar com todos e fui tentando tirar um pouco de cada um para tentar entender a construção disso tudo. Desde que entrei na turma, minha curiosidade sobre o que os leva a sair diminuiu consideravelmente, talvez porque não seja algo mecânico. Percebi ser algo fluido, perene e imperceptível, que só quem sai consegue entender. Me interessa entender todo esse sistema de profissionais que se envolvem e constroem esse personagem mítico dos subúrbios e favelas.

Figura 34 – Vanessa e Maryna colorindo a casaca



Fonte: Acervo da autora.

Figura 35 – Jhonny (Turma do Brilho) se prepara para o processo de glitteragem da casaca



Fonte: Acervo da autora.

Figura 36 – Willian e Matheus (Turma do Brilho) preparam a tela para estampar a casaca



Fonte: Acervo da autora.

Por baixo do macacão, utilizamos um conjunto que chamamos de kit, como já citado anteriormente. O kit se caracteriza por uma blusa, um short e uma bolsa, e ele tem uma função crucial na pré-saída. Como não podemos mostrar o macacão antes da saída, é de kit que ficamos até lá. Até mesmo após a saída, o kit funciona como nosso momento de descanso e para se refrescar um pouco, tendo em vista que o carnaval acontece no auge do verão e Bate-Bola são diversas camadas de tecido, o kit é um conforto em vários momentos.

Figura 37 – Parte da turma de kit momentos antes da saída de 2023



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

O profissional responsável por produzir nosso kit e demais camisetas é o WD (Wallace Diogo). Em conversa com Vanessa, ela conta que já trabalha com o WD desde a fundação das Brilhetes e que ele é um excelente profissional, com quem nunca teve problemas: “tudo nosso de estamparia, em questão de sublimação, é o WD e tem o Jason também que é próximo do WD, os dois ali são de Guadalupe” (AMORIM, 2023).

Figura 38 – Arte do kit para saída de 2023



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

E, assim, vamos fechando uma parte do ciclo. A roupa está quase pronta para que possamos nos encontrar na saída, mas é sempre importante mencionar que muitos desses produtos são comprados pelas integrantes da turma, seja através da mensalidade, seja indo nas lojas, numa tentativa de ajudar a Vanessa nessa função. Segundo a cabeça, o bairro de Madureira, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, é o foco de compra. Nesse bairro estão concentradas as 3 lojas que a turma mais necessita: Rio Taiwan, Caçula e Dagmalhas. Tive uma experiência na Rio Taiwan, no ano passado, no processo de confecção do meu Bate-bola. Fui até Madureira comprar o Nylon dublado, um tecido que causa um

efeito iluminado à noite, e a loja é realmente um paraíso no quesito tecido. Eles possuem de tudo e estão acostumados a vender para turmas de Bate-bola. Inclusive no dia em que estive lá, muitos integrantes passaram por lá também.

Feita a compra, é necessário finalizar tudo, e para finalizar a parte de macacão nós temos um costureiro, Bryan. Ele faz todo molde físico do macacão, fundamental para que esse projeto se conclua. Bryan está com a turma desde o começo, pois Vanessa e William o conheceram antes dela montar as Brilhetes. Ele é irmão de santo dos dois e antes de fazer Bate-Bola sempre trabalhou produzindo roupas de Orixás. As Brilhetes foram uma das primeiras clientes dele, quando decidiu trabalhar para o carnaval.

Figura 39 – Bryan e Vanessa na saída 2023



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

São inúmeras as relações construídas dentro da cultura dos Bate-Bolas, pois eles vivem imerso nas sociabilidades. Não é só a festa em si, mas também todos os trabalhadores e todas as trabalhadoras que fazem esse processo girar – não existe carnaval de Bate-Bola sem esses profissionais. A maioria, como podemos observar, estão relacionados com o meio, sejam saindo nas turmas, sejam dedicados a produzir apenas para Bate-Bolas, todos concentrados no mesmo bairro da turma ou em locais próximos. Até chegar na saída, existe um processo enorme que exige muita concentração, dedicação e trabalho. É por essas e outras que quando chega o momento ápice do carnaval de Bate-Bola acontece quase que uma catarse. O corpo já não é o mesmo, é algo como um

estado de transe que parece tomar conta de tudo, numa mistura de ansiedade com levitação. É como se não estivéssemos ali. A explosão disso é quando nos concentramos na garagem do QG, começa a tocar nosso rap, abaixamos a máscara e corremos para a rua – afinal, sem a rua não existe sentido. A rua é o nosso espaço maior, nos encontramos ali, comemoramos ali, vivemos os perigos de uma cidade que nos vira as costas na rua, e enfrentamos exatamente o mesmo descaso na rua. A rua é o símbolo maior de todo esse movimento, de tudo que construímos ao longo do ano.

3. CARNAVAL DE RUA, PERIGOSO E DIVERTIDO

Podemos observar que o tempo do Bate-bola possui uma dinâmica cíclica, extremamente organizada na qual são envolvidos diversos fornecedores. Segundo Taynã Ribeiro (2021):

O tempo no carnaval dos bate-bolas se constrói em meio a ciclos festivos contínuos, cada qual com suas temporalidades próprias. Cada ciclo é composto tanto pelo que denomino universo festivo, caracterizado pelo período momesco, como por um universo cotidiano, que abarca todos os meses anteriores de preparação para a festa (p. 89).

Tudo se constrói para o dia da saída, o momento mais importante para as turmas de Bate-bola. A saída é o auge, o momento mais esperado, pois é ali que apresentamos nosso Bate-bola para todo público. É onde nossa vaidade e nossa autoestima estão afloradas e evidentes na postura, no penteado e no vestuário. Tudo é performance e faz parte de um ritual que inicia quando termina, ou seja, que não tem fim: é a não-linearidade, a liberdade, a subversão. Arrisco dizer que Bate-bola no auge da saída é exusíaco (RUFINO, SIMAS, 2018), pois além do seu papel comunicativo e de movimento. Ali são atravessadas questões próprias da cultura de encruzilhada, dialogando com Martins (2002) quando, observando a dinâmica dos processos de trânsito sócio, suas interações e interseções, utiliza-se do termo encruzilhada como uma ideia teórica, um projeto político, educativo e epistemológico, conforme afirma Rufino (2016). Carnaval é rua e rua é Exu, e rua também são direitos e deveres.

Dito isso, também é importante mencionar que a ocupação das ruas feitas por turmas de Bate-bola se diferencia das realizadas pelas Escolas de Samba e pelos blocos de rua. Enquanto as Escolas de Samba possuem hoje, em diversos momentos, o apoio do poder público, em especial da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, parte dos blocos de rua seguem na linha de reivindicar o direito à cidade, dando ao conceito novos significados, em um processo de carnavalização da política “na e pela cidade” (Frydberg, Ferreira e Dias, 2020, p. 2). Bate-bolas, de forma geral, não recebem apoio do poder público para suas saídas e nem para a confecção do Bate-bola. Apenas em 2021 foi lançado um edital pela prefeitura do Rio de Janeiro para apoio à classe bate-boleira e, mais recentemente, a Secretaria de Estado e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC) lançou o Edital intitulado “Folia RJ”, que busca dar apoio às Foliás de

Reis, Blocos e Turmas de Bate-Bola. Contudo, o valor é ainda baixo perante o que é gasto, além de o processo de inscrição no edital ser burocrático e não haver oferta de oficinas de formação para que as turmas possam concorrer.

Dialogando sobre os blocos, Frydberg (2017, p. 10) informa que a prefeitura é a responsável pela garantia da infraestrutura da festa e manutenção dos serviços básicos de todo o carnaval da cidade. Porém, no caso dos Bate-bolas, o que observei nas saídas de 2022 e 2023 é que se a turma não se une para a locação de banheiros químicos, o diálogo com vizinhos e com a polícia militar, acaba não conseguindo realizar suas saídas. O poder público raramente aparece, somente para a realização do tradicional concurso de “Bate-Bolas e Originalidades”, realizado pela RioTur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A.), que premia a turma mais bonita do ano vigente. Porém, até para chegar no local da premiação, a Cinelândia, região central da cidade, as turmas precisam auto-organizar seu deslocamento, com toda a indumentária de Bate-bola. Ou as turmas vão em transporte fretado, custeado pelos componentes, ou de transporte público, em geral de trem, já que a malha ferroviária corta diversos bairros da Zona Oeste, Zona Norte e Municípios da Baixada Fluminense, locais onde há a maior concentração das turmas.

A partir do exposto, no próximo item vou relatar como se dá uma saída de Bate-Bola a partir da experiência no carnaval de 2022, o carnaval da retomada pós pandemia. Entrei nas Brilhetes em 2021, porém minha primeira saída, no ano de 2022, foi marcada por diferentes sentimentos e atravessamentos inexplicáveis. Hoje, já estou com outra postura, mais confiante, entendendo que já era parte daquela comunidade, e, sendo parte dela, as conversas e as atitudes eram bem mais informais. Hoje já me deixei levar por este carnaval que não pede permissão para sair.

3.1 A Tropa avançou – O Carnaval de 2022

No dia 25 de fevereiro de 2022 estava marcada a saída da turma de Bate-bola Brilhetes de Anchieta. Na época, eu morava no bairro Riachuelo, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, distante do Parque Anchieta. Decidi ir de ônibus, o que fez com que eu chegasse no QG à noite. As meninas já estavam se arrumando, algumas fazendo cabelo, outras se maquiando, e Vanessa estava

extremamente estressada, pois, quase no início da festa, houve problema na sapatilha de uma das crianças. Foi aqui que ela decidiu que no próximo ano as crianças só iriam sair de kit ou não saiam mais.

Resolvi fazer uma trança nagô no meu cabelo com a Daay, que era uma das integrantes de 2022 e já estava na turma há bastante tempo. Além de técnica de enfermagem, Daay também é trancista. As integrantes da turma têm uma ocupação, seja profissional do lar, estética, da saúde, comércio etc. – elas prezam pela independência financeira. Do lado de fora, na rua, os integrantes da Turma do Brilho estavam ajustando os últimos detalhes de seus Bate-bolas. Nesse momento, estava uma tensão generalizada: de um lado as Brilhetes se arrumando, ansiosas e apreensivas com a cabeça da turma que estava no auge do estresse, e, de outro, a Turma do Brilho finalizando pequenos detalhes. A tensão foi baixando e, quando um amigo a quem havia pedido para registrar a saída com câmera profissional chegou, todos, sem exceção, queriam aparecer, já que “quem não é visto, não é lembrado”. Como já falei, Bate-bola trabalha com diversos simbolismos, entre eles a vaidade e a autoestima. Bate-bola quer sempre se mostrar e ser o mais bonito. Enquanto, no senso comum, a vaidade é relacionada ao feminino, dentro da dinâmica Bate-bola, de forma geral, todos são assim e isso perpassa inclusive a linguagem e a postura. Há sempre uma certa “marra”¹⁵ no caminhar, no falar e até para se posicionar.

Após a chegada do fotógrafo, todo mundo ficou entretido em posar para as câmeras. As meninas zombaram dos meninos, dizendo que o fotógrafo é da turma feminina e que a turma masculina não tem nada; eles as desafiaram, pedindo fotos e posando. Vanessa nesse momento estava mais calma, mas não deixou que mostrássemos elementos do Bate-bola, antes da saída, afinal, Bate-bola gosta de um segredo. Luvas e meias tinham que estar dobradas, a máscara dentro do QG, bem como o macacão, casaca, a bexiga e a bandeira, que neste ano era mais um elemento decorativo do que uma bandeira em si.

¹⁵ Gíria carioca para se referir alguém com muito autoestima, poder, valentia e arrogância.

Figura 40 – Três Brilhetes antes da saída usando apenas o kit, com meias e luvas dobradas



Fonte: Acervo da autora.

Gostaria de ressaltar que alguns vizinhos odeiam a saída da turma e, de forma geral, odeiam tudo que produzem. De fato, paredão de som na rua, gente circulando, tudo leva ao caos e algumas pessoas não suportam nenhum tipo de barulho. Como já citado, Parque Anchieta é um bairro residencial, possuindo uma população idosa considerável, então, ter esse tipo de manifestação nem sempre agrada a todos. O que muitos têm feito é viajar neste período e os que ficam ou aproveitam a festa ou precisam lidar com isso.

Quando Vanessa nos chamou para a concentração já passava de meia-noite. As saídas costumam ser bem tarde, pois não há uma autorização oficial para estar ali, mas o que mais pesa, na verdade, são os visuais da roupa, já que o macacão e seus elementos chamam bem mais atenção à noite. Assim, fomos nos concentrar, as mascotes na frente, as meninas no meio e os rapazes atrás. Eles entoavam vários gritos de guerra, estavam extremamente agitados, tentando mostrar um certo poder masculino. Ficamos tensas, a sensação é que eles iam nos atropelar. Outras meninas estavam mais tranquilas, certamente mais acostumadas com aquela manifestação deles.

Figura 41 – Meninas na concentração do QG se arrumando para a saída de 2022



Fonte: Acervo da autora.

Com o início da saída, começa a tocar um funk ou rap, que, como costumam chamar, é um hino da turma utilizado na saída. Contrata-se um MC, no caso das Brilhetes é o MC Digo do Complexo do Chapadão, e ele escreve e canta o rap com muitas batidas de funk. Cada turma tem o seu MC, e depois da saída ele toca durante alguns momentos da noite e é sempre motivo de muita euforia. Vanessa libera o rap para as integrantes meses antes para que possamos aprender a cantar. É obrigatório que todas cantem o rap, assim, enquanto cantam o rap e tomam as ruas, a sensação de poder é ainda maior, é um mar de Bate-bolas, todos cantando, girando e evocando seu grito de guerra. Por falar em grito de guerra, existe um que é sempre entoado antes da saída, “solta os bichos de uma vez”, assim cantam sucessivas vezes até que a saída aconteça.

Figura 42 – As turmas momentos antes da saída, na concentração



Fonte: Acervo da autora.

Começam os fogos, a saída é autorizada: chega o ápice, a potência exusíaca no seu auge. Exu é considerado o mais humano dos orixás, o princípio de tudo, a transformação – é o agente transgressor que cumpre a tarefa de fiscalizar a ordem (SIMAS, RUFINO, 2018, p. 118). Entender a dinâmica das Bate-bolas como cultura na encruzilhada nos mostra como as contradições são importantes dentro do contexto desta manifestação cultural. É perceptível a maneira como elas criam possibilidades e acham soluções para tensões culturais, apresentam um outro caminho de ocupar a rua, gingando nas frestas, entendendo a cidade como lugar de encontro (SIMAS, 2020, p. 75), jogando seus corpos no mundo, naquele território afastado do centro da cidade, muitas vezes, transformando a experiência de viver ali. Essa ocupação desordenada, no fundo, tem uma ordem, e sem ela nada acontece.

Em catarse, elas se deitam no chão, batem forte a bexiga, dançam, ocupam o espaço como se fossem donas da rua. Suas performances nas ruas afirmam sua identidade, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias (SCHECHNER, 2003, p. 27). Causam desordem no ritual do carnaval, que, muitas vezes, a partir do poder público, dentro da sua ordem legitimadora, possui seus ritos de instituição (BORDIEU, 2008, p. 98), ou seja, com suas ações de distinção, dita regras e possui um conjunto fechado de coisas que variam de um local para outro.

Figura 43 – Turmas Brilho e Brilhetes na saída de 2022



Fonte: Acervo da autora.

Após a saída, retiramos a máscara, o macacão e demais elementos da fantasia e ficamos apenas de kit. É uma sensação estranha passar por aquele momento. A performance é ritual e a prática ritual é pensada aqui a partir do conceito de liminaridade, que, segundo Turner (1974, p. 117), é uma situação momentânea na qual os indivíduos estão desprovidos de suas posições sociais permanentes. De fato, após a saída, todos voltam a ocupar a rua, bebendo, conversando, dançando, mas sem aquela explosão de quando estavam com a fantasia. Conseguiram, inclusive, negociar com a polícia, que após a saída deu uma batida, mas depois de muito conversarem, permitiram a continuação da festa.

3.2 O ônibus

Toda saída é realizada em frente ao QG, com início por volta das 19h. A saída de fato acontece à meia-noite e vai até de manhã. Porém, o carnaval de Bate-bola não acaba por aí, havendo movimento em todos os dias da festa carnavalesca, de sexta até quarta. Oficialmente, a turma faz a saída na sexta-feira de carnaval. Sábado e o domingo são os dias em que visitamos saídas de outras turmas e circulamos pela Zona Sul, nesses dias realizamos o percurso em um ônibus fretado, que é pago ao longo do ano. A figura do ônibus é de

extrema importância na cultura de Bate-bola, na época do carnaval, grande parte das turmas alugam ônibus para circular pela Cidade, seja nos territórios da Baixada Fluminense, Zona Oeste, Norte ou até Sul, o ônibus fretado é o que nos dá mobilidade, sem a preocupação de horário para com o transporte público. Ainda assim, muitas turmas na terça-feira de carnaval, ao participar de um concurso de fantasias de Bate-Bola na Cinelândia, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, quando não conseguem fretar ônibus, circulam de trem até a Central do Brasil e caminham até o local do concurso.

Segunda, terça e quarta é livre. A obrigatoriedade é a saída, os demais dias são livres para ir quem quiser, mas Vanessa enfatiza que é importante ir ao menos no sábado e no domingo. No ano de 2022, acompanhei o ônibus no sábado. Como foi o ano da retomada, o carnaval oficial da cidade aconteceu em abril, somente com o desfile das escolas de samba. Contudo, as turmas decidiram sair em fevereiro, afinal, o poder público nunca teve ingerência sobre nenhuma saída.

No dia 26 de fevereiro de 2022, sábado, nos encontramos no bar do Xuxa, próximo ao QG, onde fazemos reuniões e resenhas. O ônibus estava marcado para sair às 19h, mas estávamos com receio da batida policial – lembrem-se que estamos falando de um carnaval não oficial que, diferente daquele realizado no centro ou na zona sul, estava localizado nos subúrbios, favelas e periferias. Decidimos esperar e mudamos o horário de saída para às 20h. Enquanto isso, ficamos bebendo no bar, aguardando a chegada do ônibus. Nesse meio tempo dois carros da polícia passaram, mas foram para outro lado. O ônibus chegou, entramos e foi zueira do início ao fim: pagode, funk, gente falando alto, uma feira, demos risada o tempo inteiro. A primeira parada foi no bairro K11, no município de Nova Iguaçu, pois fomos acompanhar a saída de uma turma de lá. Descemos na praça, fomos super bem recebidos, com muitas fotos e as crianças curiosas. De modo geral, o pessoal no K11 estava muito feliz de nos ver, foi um momento muito bonito de sociabilidade entre turmas e pessoas que estavam no local para curtir o carnaval.

Após a saída no K11, voltamos para o ônibus e de lá partimos para a saída da turma Os Implacáveis, em Mesquita. A saída precisou ser em um clube, pois a polícia deu batida e não deixou acontecer na praça pública. De última hora, eles alugaram um local fechado. Houve um momento de tensão entre os rapazes

da Turma do Brilho por conta do sumiço de um macacão, mas acabaram encontrando no ônibus. Nessa saída em Mesquita, a outra turma feminina não pareceu ter gostado da nossa presença, mas continuamos no local, dançando e curtindo, ocupando o clube. Fomos embora em direção a Olinda, em Nilópolis, para a favela do Morro da Mina. O caminho até esse local foi estressante, com muitas subidas que faziam parecer que o ônibus ia virar.

Ao longo do caminho, vimos diversas turmas pelas ruas, uma, inclusive, não gostou quando passamos de ônibus pela praça e ficou nos xingando. Sempre vai haver disputas, seja pela competição do Bate-bola mais bonito, seja pela questão territorial ou por questões individuais e pessoais. Nesse último caso, as disputas acabam em violências desnecessárias, que existem exatamente porque vivemos em uma sociedade machista em que o homem precisa sempre ser um instrumento de poder. Ao falar sobre as disputas no âmbito da competição das escolas de samba, Cavalcanti (2006) afirma que:

Essa matriz formal de tensões que é a competição carnavalesca situa-se num tempo e num espaço concreto: realiza-se na grande cidade do Rio de Janeiro e acompanha sua evolução desde a primeira metade do século XX. Ao permitir a combinação entre proximidade e hostilidade entre as escolas de samba e o interior de cada uma delas, o desfile permite a troca, a comunicação e, de forma notável, a articulação e o confronto dos diferentes valores que atravessam as também tão diferentes camadas sociais de uma grande cidade. (p. 34)

Apesar de falar sobre as escolas de samba, essa informação que Cavalcanti traz é de suma importância para entender certas disputas da dinâmica Bate-bola. É na saída que as turmas realizam as trocas e os confrontos. Nesse campo, estamos lidando com sujeitos e sujeitas periféricos¹⁶ de diferentes territórios, que vivem em uma relação de eterna sobrevivência, no contexto de uma cidade que está sempre lhes negando tudo.

Ao chegar no Morro da Mina, o público não parecia muito feliz com nossa presença. Ficamos bem pouco tempo no local pois o clima já estava tenso, a festa não estava animada e não nos sentimos acolhidos no local. De lá partimos para o Gogó da Ema, favela localizada em Guadalupe, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Chegamos lá e já tinham algumas turmas acompanhando as

¹⁶ Segundo D'Andrea (2022), a construção do conceito de sujeitos e sujeitas periféricos se dá por meio do entrelaçamento entre um contexto histórico, uma gama de relações sociais e espaciais e um arcabouço conceitual.

saídas das turmas do local. A estrutura de som deles era muito grande, com paredão de som, e havia muitas pessoas, a maioria moradores do local. Ficamos um pouco deslocados e admito que fiquei com medo. Desde a época que me mudei do Parque Anchieta que não frequentava Guadalupe, então no início não tive uma sensação boa de estar ali. Por fim, fluiu bem, era a última saída da noite, já eram 4h da manhã. Fomos embora, deu tudo certo. Nesse carnaval, acabei passando vários dias na casa do meu pai, que vive no Parque Anchieta, então não tive preocupação em relação à hora de chegar em casa: em Anchieta eu me sinto segura.

No terceiro e último dia de carnaval junto com as Brilhetes, decidi que ficaria em Anchieta até segunda. Assim, resolvi continuar o carnaval de Bate-bola no domingo – e foi nesse dia, 27 de fevereiro de 2022, que eu entendi a frase “Bate-Bola não se explica, se vive”. Entendi a ligação exusíaca dessa manifestação cultural.

O dia já começou sem planejamento. A princípio iríamos apenas para a Praça Nazareth, do outro lado de Anchieta, mas eles desistiram e ficaram no QG. Confesso que neste dia estava sem vontade de bexigar¹⁷, tanto que relutei em sair de casa, mas acabei indo encontrar as meninas no QG. O pessoal decidiu sair e quando cheguei ao QG já estavam se preparando. Eram quase 19h e eles decidiram ir para a saída da turma Havita, de Oswaldo Cruz. Havita é uma das turmas mais antigas em atividade e sempre faz uma saída convidando todas as turmas da cidade. Eu fiquei ansiosa, pois, além de ser a saída da Havita, era a primeira saída fora do circuito Anchieta-Baixada. Como não tínhamos ônibus fretado, a solução foi tentar pegar carona nos ônibus comuns.

Andamos até estação de trem de Anchieta e Vanessa pedia para ficarmos juntos o tempo todo. Aos poucos os ônibus passavam, mas não paravam, muitas vezes já com outras turmas dentro. Os meninos da turma do Brilho começaram a querer criar confusão para conseguir parar o ônibus. Nesse carnaval de 2022 Vanessa não estava liderando somente as meninas, mas dividindo a liderança da Turma do Brilho com William, que estava acidentado, não conseguia andar e nos acompanhou de carro. Vanessa, então, deu a ordem para que os rapazes ficassem disciplinados. Conseguimos carona e fomos em direção a Oswaldo

¹⁷ Bexigar ou bater bola, é uma maneira de expressar uma das performances do Bate-Bola “Bola e Bandeira” que é exatamente sair as ruas batendo a bola.

Cruz, passando por Marechal Hermes, bairro que já presenciou diversos desfiles de turmas de Bate-Bolas, mas também brigas e episódios tristes promovidos por integrantes que não sabem brincar. Passamos pelo bairro sem problema algum e chegamos em Oswaldo Cruz. Tudo parecia inquietante. Hesitei em entrar na rua onde ia acontecer a saída, pois cada turma em um canto – muitos se cumprimentavam, mas a sensação de disputa era constante, a tensão ficou no ar mesmo com o pessoal da Havita vindo nos receber e sendo parceiros.

Quando decidimos ir embora, ficamos no ponto aguardando um ônibus comum para que pudéssemos pedir carona, mas, nesse meio tempo, chegaram dois ônibus com duas turmas diferentes. As turmas descem do ônibus, se cumprimentam, e começam a bexigar muito forte na rua. Eram três turmas, as três masculinas, e a tensão aumentou bastante. A linguagem do corpo naquele momento foi essencial: eles começaram a bater bexiga no chão, dançando, girando, bexigando muito. Passou um carro da polícia e as turmas foram se acalmando. Nesse momento, eu só pensava em chegar em casa, pois estava com muito medo e só pensava em sair dali. Mas depois tudo foi se acalmando. Veio o ônibus, conseguimos nossa carona, descemos na estação de Anchieta e fomos para o outro lado do bairro, andando no meio da rua: a rua é nossa. Willian abre a mala do carro, liga o funk, as crianças que estavam na rua e as pessoas que estavam nos bares ficaram maravilhadas. As crianças gritavam, corríamos atrás delas, era tudo que precisava após o episódio na saída da Havita.

Ainda nesse dia, chegamos na saída da turma do Barulho de Anchieta, no mesmo Morro da Mina que tínhamos ido no sábado e que não foi uma experiência agradável. Dessa vez, fomos para o lado Anchieta do Morro, pois ele faz divisa com Olinda, em Nilópolis, e Anchieta, no Rio de Janeiro. Fomos super bem tratados: tocou nosso funk, subimos no palco, dançamos na rua. Depois, decidi ir embora e na segunda-feira voltei para a minha casa, encerrando meu carnaval de Bate-bola de 2022.

3.3 Todo Brilho tem sua Brilhete

Pensando nas mulheres inseridas nessa manifestação cultural, percebemos que elas querem apenas se divertir, se sentir poderosas e fazem tudo isso porque amam sair de Bate-bola. Vanessa conta que no início, a relação

com os meninos era negativa, pois eles não gostavam que as meninas os acompanhassem durante o carnaval – segundo ela, o Bate-bola para eles era uma forma de aproveitar o carnaval sozinho. Com o tempo, essa relação foi mudando, especialmente porque, com a turma feminina, as famílias passaram a acompanhar e estabeleceu-se uma relação mais pacífica e comunitária. A frase “todo Brilho tem sua Brilhete” é comum de ouvir, especialmente devido ao fato de boa parte delas estarem casadas ou namorando com um integrante da turma masculina – e elas sabem se utilizar disso. As mulheres dentro da estrutura patriarcal, estão sempre em constante negociação e as Bate-bolas encontraram, através das táticas, a maneira de vivenciar o Bate-Bola e construir sua própria narrativa. Para Certeau (1994), tática é “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro” (p. 100).

É certo que, no caso das Brilhetes, existe uma relação de interdependência com os homens, mas elas não parecem se importar com isso e acham até boa essa relação, especialmente quando o assunto é a preparação das fantasias e a saída em si. Percebo que essa relação tem momentos machistas, especialmente na comunicação dos homens, muitos ainda reproduzem machismo e até homofobia em suas falas. Contudo, sempre que está por perto, Vanessa impõe limites e não deixa que continuem com falas preconceituosas. Em relação ao machismo, às vezes até elas reproduzem, especialmente quando falam sobre as turmas femininas de fantasia, que são turmas que não utilizam o macacão. Existe um incômodo por parte delas em relação a essas turmas: elas deixam claro que não gostam e que não querem ficar rebolando de roupa curta na rua. Além disso, quando acontecem as festas, as mulheres acabam organizando a parte de comidas e os homens, as bebidas, o que para elas não é um incômodo, elas gostam e sentem que se não fizerem, eles não vão fazer. Elas mantêm um papel determinante de responsabilidades nos eventos e, de forma geral, em toda organização do ritual. Esses papéis sociais são definidos dentro de uma estrutura social histórica:

Por meio do trabalho doméstico, da culinária e dos mais variados biscates, as mulheres conseguiam garantir, mesmo que em bases precárias, o sustento dos seus. Era comum que as crianças tivessem apenas mãe. A figura do pai, quando não era desconhecida, tinha pouca expressividade. Nesse contexto, cabiam sempre à mulher as

maiores responsabilidades e encargos. Geralmente, era ela que assegurava a teia de relações do casal, cujo rompimento põe em risco a própria sobrevivência do homem. (VELLOSO, 1990, p. 5)

Mônica Velloso chama atenção para esses papéis dentro do contexto das Tias baianas no século XX, mas, na conjuntura atual das camadas populares, essa dinâmica ainda pode ser vista. As mulheres são sempre as responsáveis pelo cuidado e pelas responsabilidades ligadas ao lar. Ao mesmo tempo, acontece também o que bell hooks (2019) chama de irmandade, que seria a solidariedade política entre mulheres, mas que dentro do contexto das turmas de Bate-bola, seria também essa ajuda mútua que as turmas oferecem umas para as outras, especialmente quando são as mesmas turmas, femininas e masculinas. É ambíguo, mas existe um espírito de comunidade muito forte entre os e as componentes. Sobre essa noção de comunidade, Somé (2003) orienta:

A comunidade é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem dádivas dos outros. Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem lugar que possa ir e sentir que realmente pertencente a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham (p. 35).

Essa relação de comunidade se liga ao território e às dinâmicas de sociabilidade da própria manifestação cultural Bate-bola. Durante um dos dias de carnaval, enquanto estávamos na rua, Vanessa sempre orientava que ficássemos juntos, que um não podia ir sem o outro. “Um ajuda o outro”, foi o que pude concluir nessa relação entre as duas turmas. Existe o lugar de disputa entre as turmas Brilho e Brilhetes, mas também há cumplicidade e irmandade, visto que uma ajuda a outra. Enquanto Willian ajuda na confecção das fantasias, Vanessa articula fornecedores, contatos e parcerias: eles se completam.

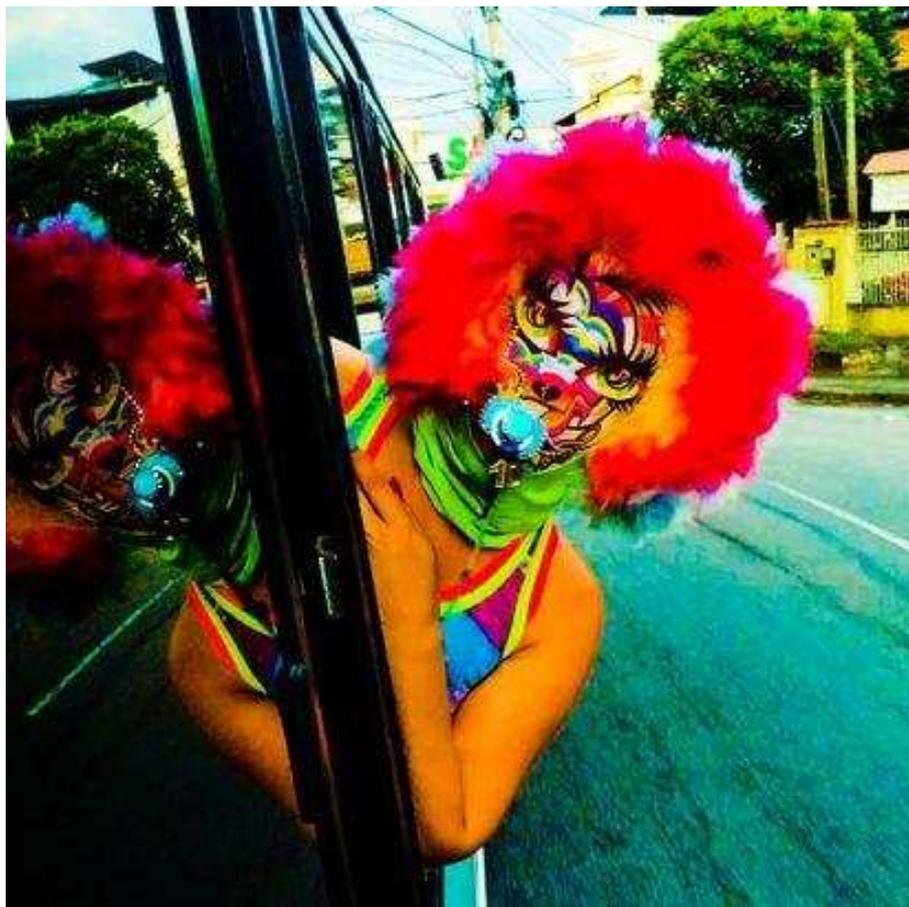
A rua, esse espaço “divertido e perigoso”, exige que o corpo que anda pelos seus espaços deva estar sempre em alerta, sempre em uma postura de liderança e desconfiança, especialmente quando falamos de mulheres. Para nós, a circulação é sempre mais difícil. Nessa relação de interdependência, nosso corpo estava livre, pois tínhamos a segurança de estar em grupo e nesse grupo também ter homens. Vivemos um machismo estrutural dentro de uma sociedade patriarcal e o que pude perceber é que todos os conflitos nessa relação entre os homens e as mulheres são o reflexo desse sistema.

As relações de gênero e poder são construídas reciprocamente – o poder se exerce sobre o gênero na forma de domínio político, através de ordenamentos jurídicos. Isto é, as relações entre homens e mulheres não são categorias fixas, sendo frutos das relações sociais e de poder que constroem hierarquias e dominações, conforme afirma Scott (1990, p. 92). Ainda segundo essa autora, pôr em questão ou alterar qualquer um dos aspectos dessa dupla relação ameaça todo um sistema. Nesse sentido, quando as mulheres se unem para a brincadeira e se enaltecem entre si, automaticamente estão tensionando uma relação de poder.

3.4 Bloco é rua

Bate-bolas são a junção dos saberes das ruas com a cultura de encruzilhada, cuja junção se transforma na potência exusíaca. Exu nunca desiste (SILVA, 2015, p. 14) e é a metáfora perfeita para se pensar como esses corpos se comportam quando estão nas ruas. A rua é um espaço em constante movimento, ou melhor, em constante mutação (SANTOS, 2020, p. 89). Associar as Bate-bolas durante a performance nas ruas, em especial durante a saída, à figura de Exu faz sentido, pois estamos falando de um personagem alegre, brincalhão, zombeteiro. Exu é a ordem e a desordem, é homem, mulher e manda nas ruas, sabendo vivenciá-las como ninguém.

Figura 44 – Integrante das Brilhetes no transporte público



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

A rua é esse espaço de subversão do cotidiano (SIMAS, 2020, p. 106), em que essa potência exusíaca se manifesta, criando essa encruzilhada de possibilidades, de diferentes sentidos, que nos ajudam a compreender o cotidiano e a sobrevivência de diferentes formas. Inclusive realizando recorte de gênero, pois é nessa acumulação de desobediências que as mulheres tentam criar suas formas de resistência, sempre gingando: “a terceira cabaça é a do inesperado: nela mora a cultura” (SIMAS, 2020, p. 106). Esses corpos quando estão no contexto da rua estão atravessados de diversos saberes, conhecimentos e táticas que driblam o sistema vigente, subvertem a ordem estabelecida. O uso das ruas por essas mulheres, dentro da dinâmica dos Bate-bolas, deu novo significado ao rito, trazendo novos elementos e lideranças, utilizando esse território também como lugar de encontro delas.

Aqui busco novamente a encruzilhada de Martins (2002, p. 73) para falar desse entrelugar, o lugar terceiro e simbólico que é criado a partir do cruzamento desses elementos. As mulheres usam esse espaço de maneira desobediente,

especialmente em locais em que elas não são bem-vistas no cotidiano. No domingo de carnaval de 2023, nós fomos para Ipanema, todas de Bate-bola, e foi um momento único. Nesse dia não estava pensando em sair com elas, mas acabei indo para entender como seria essa relação do Bate-bola em um bairro nobre, dominado pelos blocos de rua. Cheguei e elas já estavam na Avenida Vieira Souto. Muitas pessoas passavam, olhavam, ficavam com medo. Ficamos paradas na rua, com uma postura arrogante, ativa, típica dos momentos em que estamos de macacão. Havia quem queria tirar fotos e fazíamos questão de posar. Mas, quem passava e olhava de lado, fazíamos questão de enfrentar, afinal, estávamos vestidas com nosso manto e, desse jeito, ninguém mexe.

Figura 45 – Brilhetes em Ipanema no carnaval de 2023



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Esse momento também foi interessante para perceber a quão segregada é a cidade do Rio de Janeiro. O contraste dos olhares da população em Ipanema era nítido – éramos os estranhos ali. As pessoas locais não se interessavam em saber como era nossa produção e muito menos como realizamos nosso carnaval. Os poucos locais que paravam, questionavam nosso local de origem e o quão quente era nossa roupa. Lins (2023) afirma que a identidade espacial pode significar uma segregação social. Grupos que muitas vezes se colocam em

um lugar “superior”, costumam apontar para outros como “inferior”, simplesmente por não estarem no mesmo círculo social e econômico que o deles. Se estávamos com uma postura bem mais ativa que em outros locais, era exatamente uma forma de defesa dos olhares preconceituosos de algumas pessoas. Mesmo que as ruas estivessem tomadas por pessoas de fora do bairro, no contexto do carnaval de blocos de rua, o que já é visto negativamente por alguns moradores dessa zona da cidade, a figura do Bate-bola parece ganhar ainda mais estigma: ele não é bem-vindo ali. Muitas pessoas tratavam com indiferença, outras com medo. Este foi o local onde senti menos engajamento do público local. Ficamos bastante tempo parados na orla, descemos até a praia, e apenas turistas ou pessoas que nitidamente vivem nos subúrbios e favelas, vinham conversar e se interessar pela nossa presença no local.

Após a ida para Ipanema fomos para a Lapa e ali as pessoas já estavam mais acostumadas com a figura do “mascarado suburbano”. O susto era quando tirávamos a máscara e as pessoas falavam: “Olha, é mulher!”. Inclusive, essa é uma frase comum quando estamos em locais que não têm o costume de ter e ver esse personagem. Como afirma Harvey (2013), “A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmo, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados” (p. 4). Nesse sentido, os usos dos espaços se dão através dos corpos e das performances, e a rua é de extrema importância, uma vez que, sem ela, a performance e o ritual não fazem sentido. De Anchieta a Ipanema, você não gosta de mim, tem medo de mim, mas a cidade também é minha e eu tenho tanto direito de usá-la tanto quanto você.

Figura 46 – Brilho e Brilhetes na Lapa no carnaval de 2023



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

3.5 A Tropa tá avançando

Em conversa informal com Vanessa, ela revelou que tem um sonho de conseguir finalizar a laje na casa dela, para montar um barracão maior, com máquinas de costura, espaço para gliterar, telar, e poder, inclusive, pegar projetos de outras turmas para produzir. Ela é uma figura respeitada por outras turmas, principalmente as femininas, que veem nela uma inspiração e sempre solicitam ajuda dela para pensar materiais, lojas e eventos. Vanessa é generosa, se coloca à disposição e no fundo gosta disso – Bate-Bola para ela é vida, como ela mesma diz. Vanessa possui força de vontade de voltar a estudar e pretende fazer formação em Produção Cultural para ajudar nas questões do Bate-bola, afinal, brincar o carnaval do Rio hoje é ser, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da festa (FRYDBERG, 2017, p. 5). Vanessa busca entender sobre editais e projetos, e, nesse momento, estamos dialogando bastante, inclusive para criar oficinas para ensinar às meninas sobre questões relacionadas à gestão e produção cultural.

A figura de Vanessa é interessante, pois de alguma forma quebra barreiras, especialmente de um personagem muito ligado ao universo dos homens e que ainda tem grande maioria de integrantes e turmas masculinas. Se

a hegemonia ainda é deles, ela e outras líderes de turmas formadas por mulheres e pessoas LGBTQIA+ mostram que o futuro da manifestação cultural está cada vez mais diversos e com cabeças de turma que estão pensando para além da brincadeira em si. Na entrevista, Vanessa afirma que as Brilhetes são uma das turmas mais antigas da região, talvez a mais antiga do Parque Anchieta, e que acaba sendo a inspiração de muitas, com muitas trocas de elogio, muitas amizades e conexões. Ela acrescenta que o fato de ter aumentado o número de mulheres Bate-bolas e de turmas femininas fez crescer também o mercado que gira em torno do mundo Bate-bola, pois com as turmas femininas, surgem demandas diferentes, o que faz com que hoje seja muito mais fácil encontrar produtos destinados às mulheres, e a tendência é crescer ainda mais, pois a cada ano aumenta o número de mulheres interessadas em sair de Bate-Bola, e elas exigem que os fornecedores produzam produtos segmentados para elas.

Nesse sentido, as mulheres bate-bolas, muitas vezes mesmo sem intenção, podem enxergar a atividade que exercem a partir de seu local de pertencimento, com as devidas especificidades. Elas entendem e respeitam os que vieram antes, mas sentem a necessidade de fazer algo novo, do jeito delas. Bhabha (2012) chama atenção para a resignificação do passado, fazendo com que a tradição seja mantida através da transformação de quem a recebe:

As narrativas de reconstrução histórica podem rejeitar tais mitos de transformação social: a memória comunal pode buscar suas significações a partir de um sentido de causalidade, compartilhado com a psicanálise, que negocia a recorrência da imagem do passado, enquanto mantém aberta a questão do futuro. A importância de tal retroação está na sua habilidade de reinscrever o passado, de reativá-lo, de realocá-lo, de resignificá-lo. E, o que é ainda mais significativo, ela submete o nosso entendimento do passado, a nossa reinterpretação do futuro, a uma ética da “sobrevivência”, que nos permite trabalhar através do presente. E tal trabalho através, ou trabalho dentro, nos liberta do determinismo da inevitabilidade histórica – a repetição sem a diferença. Ele possibilita que nos confrontemos com essa difícil fronteira, a experiência intersticial, entre o que tomamos como imagem do passado e o que está realmente envolvido na passagem do tempo e na passagem do significado (p. 57).

Essa relação fronteiriça entre passado e presente gera conflitos, especialmente em uma parcela mais antiga de pessoas, que, imbuídas de machismo, não conseguem enxergar o quão benéfico é a presença de mulheres e pessoas LGBTQIA+ dentro da manifestação cultural de Bate-bola. A fronteira é um espaço dialógico entre duas culturas diferentes e, em certa medida,

estabelece contato com o presente e o futuro, como anúncio da modernidade (NEUMANN, SILVA, 2017, p. 1). As Brilhetes tiveram dois homens gays em 2023, Anderson e Ismael, que trouxeram reflexões muito importantes para todas nós e, também, para integrantes da Turma do Brilho. Anderson está em outra turma e Ismael faleceu este ano – gostaria de ressaltar o quão importante ele foi nessa pesquisa, ajudando e divertindo nos momentos mais difíceis da escrita. Não poderia finalizar este capítulo sem mencionar sua força e carinho.

Figura 47 – Ismael



Fonte: Acervo Brilhetes de Anchieta.

Dito isso, reforço a ideia de que, mesmo mantendo a repetição, a presença das mulheres deu, de alguma forma, um novo sentido à brincadeira. Essa questão se torna perceptível quando fomos convidadas para realizar uma oficina de máscara de Bate-Bolas no Museu do Pontal, em julho de 2023, ou, quando o mesmo museu nos pediu emprestado nosso Bate-Bola para expor em uma mostra no Sesc Casa Verde, em São Paulo. Essas ações quebram o estigma e o estereótipo de um personagem violento que só arruma confusão. Na verdade, Bate-Bola é realizado por sujeito e sujeitas periféricos, favelados, suburbanos, de classes baixas, de diferentes idades, que fazem tudo por paixão. Pessoas que pagam um carnê um ano inteiro para se sentir pertencentes de algo que transforma a vida deles, que confere sentido. Pois, em sua maioria, estão sempre em uma relação de eterna sobrevivência. Bate-Bola dá a eles o poder, a ascensão, a beleza, a autoestima e os direitos que são negados diariamente.

Figura 48 – Bate-Bola da Turma Bilhetes de Anchieta em exposição no Sesc Casa Verde em São Paulo.



Fonte: Acervo da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de quase cinco anos acompanhando a turma de Bate-bola Brilhetes de Anchieta, indo para o terceiro ano como integrante da turma, percebo o quão sérias e organizadas são as Brilhetes. Saí do medo para o encantamento. Em diversos momentos, tive a sensação de que poderia ser romântica demais, mas entendi que, a partir do momento que você é também uma vivente da manifestação cultural, não importa o que digam, você se torna uma militante de uma causa.

Pensando na questão territorial, a escolha por dar destaque ao bairro de Anchieta parte do princípio de que o bairro é apenas visto através da mídia, de forma negativa. As manchetes giram em torno da violência e de problemas sociais. Essa escassez é provocada por falta de políticas públicas efetivas para o bairro, e para todos os bairros suburbanos, que carecem de espaços de cultura e de projetos voltados para valorização deste território. Os Bate-Bolas, de alguma forma, através das saídas e pela escolha de manter toda sua sociabilidade nos bairros de origem e uma circulação em bairros vizinhos, acabam ressignificando esse senso comum, pois através de suas ações, trazem destaque para esses bairros.

As Brilhetes sempre priorizam realizar suas atividades em Anchieta, seu local seguro, pois é ali onde podem produzir e reproduzir suas ações sem que possam ser incomodadas e rotuladas de forma negativa. Mesmo que aconteça algo negativo, quando você realiza ações locais, no seu bairro de origem, sente-se mais seguro para dialogar e entender as necessidades do outro. No fim, todos falam a mesma linguagem, não sendo necessário se adaptar para caber no discurso de alguém. Além disso, sendo um bairro distante da região central e da zona sul, é economicamente mais interessante para a turma realizar todas as festas no seu local de origem, onde vivem ou costumam frequentar.

Nesse sentido, observamos a segregação de uma cidade que, em termos de políticas públicas, privilegia muito mais regiões centrais. Nesses locais, não há uma escassez de transportes, muito menos um grande impacto nas questões relativas à segurança pública ou até mesmo de impacto climático. É preciso que o direito à cidade seja de todos, com cidadania e democracia. Muitos grupos culturais suburbanos preferem manter suas ações culturais nos seus

locais de origem e moradia, e isto é um direito que alguns só conseguem de forma insubmissa, dialogando com algumas autoridades locais, e conseguindo apenas nas brechas realizar suas práticas festivas, como é o caso das Brilhetes. A escolha do tema, do território e do gênero é também um manifesto.

Como diz Gloria Anzaldua (1981), “Escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (p. 232). Chegou o momento de falar por nós mesmas e nossa maior conquista é a nossa arte: “Não podemos deixar que nos rotulem” (ANZALDUA, 1981, p. 231). A cada momento em contato com as Brilhetes, percebo a grandiosidade e a importância do trabalho que fazem dentro dessa manifestação cultural. A cabeça da turma consegue equilibrar conflitos, levantar a turma, ser explosiva e, ao mesmo tempo, compreensiva com as integrantes e seus problemas. São uma família, cuidam uma das outras, mas também fofocam, criam conflitos e convivem como se nada tivesse acontecido.

A minha vivência com elas é sempre rodeada de novidades e acontecimentos. Os dias nunca são os mesmos e a cada segundo pode vir uma novidade diferente, elas não param nunca. Suas articulações com outras turmas, o comprometimento, a maneira de estabelecer a ordem dentro de uma manifestação cultural que causa desordem. É sempre ambíguo, mas nunca monótono; é complexo e mistura tantos elementos que dentro do âmbito da cultura Bate-bola há um enorme campo de conhecimento. Elas têm muito a nos ensinar e compartilhar conhecimentos que só Bate-bolas conhecem e nós deveríamos ouvir mais e julgar menos.

A brincadeira está entrelaçada na vida cotidiana dessas agentes sociais, não se limitando apenas ao período de carnaval, indo além: desde a concepção do tema até as diversas maneiras de arrecadação de dinheiro para montarem as fantasias. São em seus bairros de origem que normalmente desenvolvem esse processo e são nesses locais que desenvolvem uma relação de identidade com os moradores. hooks (2019, p. 82) afirma que mulheres diariamente exploradas e oprimidas não podem deixar de acreditar em sua capacidade de exercer algum controle, mesmo que relativo, sobre suas vidas, e que elas se unem com base no somatório de suas forças e recursos. Foi exatamente isso que presenciei em diversos momentos que passamos juntas: uma grande conexão entre as

mulheres em favor de um único objetivo e que, aparentemente, foi conquistado por todas elas.

Essa pesquisa foi pensada a partir de um questionamento após descobrir que existia uma turma feminina de Bate-bolas: o que faz uma mulher sair de Bate-bola? A partir da vivência e, principalmente, do fato de também me tornar uma integrante da turma, eu descobri a resposta: amor. Nesse sentido, observo como esse senso de comunidade, entendido aqui como pertencimento, que o pessoal possui, e que ficou explícito em diversos momentos, dialoga com a sobrevivência, dentro desse tempo espiralar. Entre as táticas de negociação e de resistência, elas asseguram a sobrevivência ao se organizarem em comunidade, criando afetos e, conforme afirma hooks (2021), “Não há lugar melhor para aprender a arte de amar do que em uma comunidade” (p. 160).

As mulheres Bate-bolas são mais unidas e estão sempre pensando para além do carnaval. Elas planejam eventos, vestimenta, conversas, e estão impulsionando cada vez mais as turmas masculinas a seguirem o mesmo caminho. Figuras como Vanessa Amorim são pessoas que movimentam a cultura, que são apaixonadas pelo que fazem e que necessitam de um suporte para continuar a movimentar. Seus trabalhos são admiráveis. São artistas da cultura popular que merecem respeito e consideração.

Apesar de toda relação entrelaçada com a turma masculina, percebo que as Brilhetes exibem um potencial bem maior de gestão e organização, muito por conta de sua principal liderança. Percebo que as Brilhetes levam mais a sério as relações com outras turmas e lideranças, e que, para elas, é bem mais interessante estar na mídia e passar uma boa imagem ao público, ignorando, por exemplo, a quantidade de componentes. Não importa se em determinado ano estão com 15 ou com 25 integrantes: o importante é que todas estejam bem e que não se envolvam em polêmicas. Para Vanessa, as Brilhetes podem funcionar quase como uma empresa, uma marca própria, com produtos próprios, com potencial enorme de se tornar uma das maiores turmas femininas de Bate-bola da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, ela, cada vez mais, pretende se especializar, estudar, para assim, futuramente, conseguir não só produzir para outras turmas, mas conseguir dialogar para conquistar melhorias para os Bate-bolas – ela pretende ser uma referência.

Esse trabalho não será novidade e muito menos fundador de uma nova narrativa metodológica. Apresentar a arte, especialmente feita por mulheres, é de extrema importância, especialmente no contexto sociocultural em que vivemos, onde o machismo ainda é vigente. Espero que, assim como a brincadeira dos Bate-bolas, que se reinventa a cada dia, esse trabalho possibilite novas pesquisas sobre o assunto, e que cada vez mais possamos discutir e trabalhar em conjunto dos agentes que realizam essa transgressora manifestação cultural.

Em 2021, no mandato do prefeito Eduardo Paes, Marcus Faustini assumiu a Secretaria Municipal de Cultura. O então secretário chamou Anderson Buda para auxiliar em possíveis conversas com representantes de turmas de Bate-Bola. Buda, como é conhecido, é o cabeça da turma Fascinação de Oswaldo Cruz. É um grande articulador e muito estimado por diversas turmas de Bate-bola. A ideia era que, com o auxílio do Buda, a partir de conversas, a Secretaria de Cultura pudesse pensar em políticas públicas para o setor. Porém, houve apenas um edital voltado exclusivamente para turmas de Bate-bola, extremamente disputado e uma premiação simbólica para as turmas que se inscreveram na pesquisa quantitativa.

Dito isso, é importante ressaltar a possibilidade ter mais políticas públicas de cultura voltadas para os Bate-bolas. É extremamente necessário que haja um diálogo sério e coerente com as turmas, que devem ser tratadas com respeito, visto que são agentes culturais que movimentam a cultura suburbana. Bate-bola também é carnaval. Movimentamos a economia, geramos renda, estabelecemos diálogo com a sociedade e colocamos nas ruas todo um trabalho de um ano inteiro, que nunca acaba. Nós trabalhamos para nos divertir. É preciso dar valor a tudo isso, pois nosso carnaval é importante também.

No mais, gostaria de agradecer a cada componente por toda contribuição. Fazer a pesquisa me levou para outro lugar e, além disso, me fez conhecer agentes culturais que trazem consigo muitas histórias de vida. Nesse percurso, conheci centenas de integrantes de turmas, criamos vínculos e amizades. Se tem um lugar que me faça sentir acolhida e em casa, este lugar se chama QG. Me fez, inclusive, voltar a vivenciar o bairro Parque Anchieta e visualizar com outro olhar. De bairro distante, longe de tudo, hoje é meu bairro de origem e também da turma de Bate-Bola de que faço parte: As Brilhetes de Anchieta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Vanessa. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 21 jul. 2023 e 23 nov. 2023.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2000, vol.08, n.01, pp. 229-236. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987. Editora da Universidade de Brasília

BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977.

BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha*. Eduardo F. Coutinho (org.); introdução: Rita T. Shimidt; tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*, prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Clássicos; 4)

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

CAETANO FRAGA FERNANDEZ, A.; DE OLIVEIRA SANTOS, M. Madureira, capital dos subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, 2015. DOI: 10.22456/1984-1191.53132. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/53132>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *In: Revista Estudos Feministas*. v.3 n.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2006. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EdUFRJ. 268 pp.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

FABIAN, Johannes. *O Tempo e o Outro: Como a Antropologia Estabelece Seu Objeto*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. *Tradução: Paula de Siqueira Lopes. Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, Luiz Felipe. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval. Publicada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – IGEOG/UERJ nº 34 (2013) Julho-Dezembro

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico: As heterotopias*. Pós-fácio de Daniel Detert Salma Tannus Muchail. São Paulo: Nº1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O Sujeito e o Poder*. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (Orgs) Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. 1982. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111326/mod_resource/content/1/o-sujeito-e-o-poder.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

FRYDBERG, M. B.; FERREIRA, A. C. V. M. V.; DIAS, E. C. “Ocupamos as ruas com estandartes, confetes e serpentinas mostrando que o Rio é nosso”: O carnaval dos blocos de rua como espaço de luta política pelo direito à cidade. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, v. 27, p. 01-12, 2020.

FRYDBERG, Marina Bay. Novos agentes e novas configurações no carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de*

antropologia urbana da USP, n. 20, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3479> . Acesso em: 29 nov. 2023.

GONÇALVES, Renata. *Os Ranchos pedem passagem: O carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2007.

Grupos de bate-bola são mapeados e ganham certificado. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cultura/grupos-de-bate-bola-sao-mapeados-e-ganham-certificado/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. *O Clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado*. Cadernos do Centro de Estudos Sociais e Urbanos, São Paulo, nº 11, 1ª série, 1978.

GUIMARÃES, H. M.; Santos Filho, Raphael David. *Ilhas de Carnaval: Coretos carnavalescos como construtores de espaços da folia na segunda década do século XX*. In: IX Encontro de História da Arte - Circulação e trânsito de imagens e ideias na História da Arte, 2013, CAMPINAS. Circulação e Trânsito de Ideias e Imagens Na História da Arte. Campinas: UNICAMP/ IFCH/CHAA, 2013., 2013. v. 1. p. 108-114.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C.; UEDA, V. (Org). *A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço*. Canoas/Porto Alegre: Editora ULBRA/Editora UFRGS, 2008. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> .

Harvey, D. (2013). *O espaço como palavra-chave*. GEOgraphia, 14(28), 8-39. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i28.a13641>.

HARVEY, David. *O direito à cidade. Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

hooks, bell. *A vontade de mudar*. Nova Iorque: Washington Square Press, 2005.

hooks, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012. 42p

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual o trabalho e relações sociais o sexo. In: HIRATA, Helena (Org.); LABORIE, Françoise (Org.); LE DOARÉ, Helène (Org.); SENOTIER, Danièle (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p.67-75.

LARAIA, Roque de B. Patrimônio Imaterial: conceitos e implicações. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C.; GARCIA, Marcus Vinicius C.; GUSMÃO, Rita. *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. 1.ed. Brasília: UnB, 2004.

LINS, Antônio José Pedral Sampaio. Segregação Espacial nos Subúrbios do Rio de Janeiro: Quintino Bocaiúva, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, ou como somos diferentes! In: CARNEIRO, Sandra de Sá; MATTOSO, Rafael (org). *Subúrbios: espaços plurais e múltiplos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

LOPES, Adriana; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel (orgs). “Sobrevivência, linguagem e diferença: política no tempo do agora”. IN: *Nó em pingo d’água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC]: Insular, 2019.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão; ALMEIDA, V. G. G. B.. De Nazaré a Anchieta: a ferrovia e o desenvolvimento de um subúrbio carioca (1896-1981). In: SILVA, Thiago Cedrez da; GANDRA, Edgar Avila; SIMÕES, Elvis Silveira. (Org.). *História em foco: abordagens, discussões e perspectivas históricas*. 1ed.Porto Alegre: Editora Mundo Acadêmico, 2021, v. 1, p. 289-299.

MAFFESOLI, Michael. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. pp. 101-168.

MAGNANI, J. Guilherme. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, 1ª ed. Brasiliense, 1984.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. IN: RAVETTI, Graciela e ARBÉX, Marcia (org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, 6ª ed. Rocco, 1997.

MATTOSO, Rafael. A Cultura Urbana nos Subúrbios Cariocas: Uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX . In: *XVIII Encontro de História da ANPUH Rio de Janeiro- História e Parcerias*, 18, 2018, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH Rio de Janeiro- História e Parcerias. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529436265_ARQUIVO_ArtigoANPUH2018.pdf. Acesso em: 08 ago. de 2023

MILANI, Carlos. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). In: *IV Conferência Regional ISTR-LAC*, 10., 2003, San José, 2003, p.1-30.

NEUMANN. Gerson Robert. SILVA, Fidelainy Sousa. *As fronteiras como feridas da modernidade: o corpo-texto anunciando o futuro*. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19443>. Acesso em: 29 nov de 2023.

NOLETO, Rafael da Silva & ALVES, Yara de Cássia. *Liminaridade e communitas*. 2015

NORA, P., & AUN KHOURY, T. Y. Entre Memória E História: A Problemática Dos Lugares. In: *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. 2008. 183 fls. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Taynã Martins. *Jogo de máscaras: um estudo antropológico sobre bate-bolas, subúrbios e masculinidades* / Taynã Martins Ribeiro; Renata de Sá Gonçalves, orientador. Niterói, 2021. 139 f.: il. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGA.2021.m.13530034770>.

RUFFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Seminário dos Alunos do PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro: 2016.

SANTOS, Mariana Espindola dos. Vem para a rua: convite a uma nova forma de experimentar a cidade. *Revista Ensaios*, v. 16, jan-jun, 2020, p. 88-104

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC/ Anpur, 1994.

SANTOS, Milton. *O tempo nas cidades*. Ciência. Culto, São Paulo, v. 2, pág. 21-22, outubro de 2002. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2023.

SANTOS, Milton. *Um Esforço de Definição de Espaço. Por uma Geografia Nova: Da Crítica a Geografia a uma Geografia Crítica*. 6ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHECHNER, Richard. O que performance. In: *o percevejo*. Rio de Janeiro, n. 12, ano 11, 2003, p. 25 a 50

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Wagner Gonçalves da. *Exu: o guardião da casa do futuro*. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2015. 233p.

SIMAS, L. A.; RUFINO JUNIOR, L. R. *Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124p.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

SIMMEL, G. (1999). O Segredo. *Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 15, 221–226. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6442>.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.

STUART, Hall. *Cultura e Representação*. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016

TEIXEIRA COELHO. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp. Acesso em: 28 nov. 2023, 1997

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1990

VICTOR Turner. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victorturner>.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. pp.43-68.

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Entrevista com Vanessa Amorim, cabeça (líder) da turma de Bate-Bola Brilhetes de Anchieta. Entrevista concedida nos dias 31 de julho e 23 de novembro de 2023.

Sabrina Dias Veloso: *O que é Bate-Bola para você?*

Vanessa Amorim: Vou começar com essa pergunta, “o que é o Bate-Bola pra mim?”. Na verdade, acho que é o ponto de partida. Pra mim, Vanessa, começou literalmente como uma diversão, foi como foi apresentado diante a turma do Brilho. Quando eu comecei a turma do Brilho tinha 15 para 16 anos. Então, era uma diversão ali em conjunto que eu via, mas depois que a gente vive, dorme e acorda e passa a viver cada momento e conhecer cada detalhe, hoje em dia eu digo pra mim que o Bate-Bola é família, é uma diversão literalmente interna, que é uma coisa que a gente externa. É uma alegria nossa, que a gente coloca, que a gente extravasa, que a gente coloca de dentro pra fora na verdade. Naquela época, é todo um trabalho de um ano, exposto naqueles 4 dias que a gente põe de alegria, de vivência. É uma criança que a gente acorda ali que tá adormecida, é, sabe... Traz aquelas lembranças, aquelas memórias afetivas do Bate-bola, da galera no coreto... Sem falar também de uma diversão que é a galera do subúrbio. Então, hoje em dia, minha visão do que é o Bate-bola, pra mim, é tudo! É a minha casa, é o meu lar, minha família, são os meus amigos que se tornam minha família por frequentarem a minha casa, então pra mim é tudo. É uma criança que a gente deixa aflorar naquela época ali de fevereiro.

SDV: *Como é a relação com os meninos do Brilho?*

VA: A relação com os meninos no início foi bem negativa, tá? Não vou mentir. É... Porque na verdade os meninos usavam isso, o Bate-bola em si, para passar carnaval sozinho. Aí era aquela parte de amedrontar, de botar medo nas namoradas, porque “Olha, porque é perigoso, porque é um carnaval de rua, a gente, vai em vários lugares, que não sei o que”. Então, era uma parte, um momento deles de saírem sozinhos. Quando eu comecei, lá em 2013, com a ideia de trazer as meninas, foi quando começou a vir todo mundo, porque, na

verdade, eu tinha acompanhamento [companhia]. Duas a três meninas, a minha irmã, minha irmã e minha mãe, minha tia também, tudo que já me acompanhou. Mas da galera das namoradas dos meninos, era quase ninguém, que ninguém acompanhava. Quando os meninos começaram a conhecer, que já tinha um grupo feminino, reclamaram à beça, pediram pro Willian [marido de Vanessa] não deixar: “Qual é Mac [apelido do Willian]? Não deixa não! Nada a ver, as garotas vão vir atrás”. E eu continuei... E aí começou a vir todo mundo e hoje em dia eles já gostam, porque tem mais família. Consegui trazer todo mundo, consegui resgatar esse lado familiar, sabe? Eu consegui fazer hoje em dia uma Festa Junina super cheia na rua, com os vizinhos, coisa que ninguém apoiava. Então, assim, hoje em dia as Brilhetes, pro Brilho, são somatória. Acho até que acrescentou, a gente ganhou mais. Até o tio dele [Willian], que é fundador do Brilho junto com Manel [pai do William], ele falou isso pra gente: “Cara, vocês tão conseguindo fazer do Brilho uma coisa que eu e Manel nunca conseguimos”, que é um lado família. Porque só ia homem, era uma ou duas meninas que iam, mas com aquele receio. Hoje em dia não, a gente vai confiante, é o nosso espaço, é a nossa turma também, é o nosso momento, é a minha família que tá aqui. Então a gente sai bem tranquilo e hoje em dia, graças a Deus, é superpositivo, até mesmo com o bairro.

SDV: *O que as Brilhetes representam para você?*

VA: Hoje em dia eu almoço e janto a turma (risos). Eu acordo, já tô com meu celular olhando o grupo, e passando as informações e lembrando, entendeu? E passando, né, as coisas que têm que ser lembradas, e passando e... O que tem que ser falado, na verdade. E o que as Brilhetes são pra mim? Pra mim é o centro aqui, eu hoje em dia não me vejo sem estar com a turma, eu não me vejo num ramo profissional fora isso. Já tentei, trabalhei num salão de beleza, e aí começou a desandar, porque ou é um lado ou é o outro, e aí começa a pesar de um lado e aí eu saí. Hoje em dia eu tô aqui, trabalho aqui dentro. Então pra mim é literalmente o núcleo de tudo, é o centro das atenções, é a minha maior visão de amor mesmo, de paixão, de fazer porque eu amo. Porque não tem remuneração, não tem um salário fixo, não tem férias, não tem décimo terceiro, não tem fundo de garantia, nada. É por amor literalmente e eu faço, ao acordar, ao dormir, porque eu amo.

SDV: *Qual a relação da turma com outras turmas femininas?*

VA: A gente acabou ganhando muita amizade, muita amizade boa, é... A gente nunca vai agradar todo mundo, isso é normal, mas muita amizade boa, amizade de anos, de lá quando a gente começou realmente, de quando é... Começou a turma, já tinha algumas turmas femininas, não somos as primeiras. Somos as primeiras da região, somos as primeiras e mais antigas da região e da Baixada Fluminense, então acredito assim que da Zona Norte, pra trás, baixada, acredito que somos uma das mais antigas. É... Não vamos agradar todo mundo, é normal, mas a grande maioria tanto admira como nos elogia bastante, como se inspiram, que é até a frase, é... Terror não, né, que Bate-bola gosta de botar terror, somos a inspiração de muitas. É uma frase super real.

SDV: *O que você acha de ter tantas turmas femininas?*

VA: E quanto as turmas femininas que já tão... Que cresceu né, cresceu muito as turmas femininas de uns três anos pra cá. É... Até em mudança de melhoria, em questão de fornecedores. Antigamente quase ninguém atendia modelo feminino, porque não tinha uma costureira que fazia roupa feminina, porque era uma roupa padrão de uma regata e um short, ninguém tinha um cropped, uma blusinha de alça, um tomara que caia, ninguém fazia, a gente não encontrava. Hoje em dia, todos os fornecedores que a gente encontra, é... Tem todos os modelos e agora lançaram 5, 6 modelos de camisas diferentes, é... Blusa de uma alça só um lado só, vários tipos de vestidos e body, biquini. Então assim, como cresceu o mercado por conta desse crescimento das Bate-boletes no mundo do Bate-bola. Então assim, cresceu o número em si das componentes, as turmas femininas e também, é... O mercado, é... Agregou muita coisa, melhorou muita coisa então só tem a crescer.

SDV: *Quando foi que decidiram mudar de fantasia para Bate-Bola?*

VA: Então, assim, eu conheci a Turma do Brilho em meados de 2006, foi quando eu conheci o Willian, que foi no colégio. E aí eu fui sabendo da vivência dele, o que era a vida dele, que era o Bate-bola. E aí já tinha passado o carnaval de 2006, então eu peguei mais o carnaval de 2007 que foi o tema do Ricochete, o coelhinho. E... [Eu] Era menor de idade, aquelas coisas, então passei metade

com meu pai e o último dia do carnaval, eu tava com o Willian. Então, assim, eu digo que tô aqui literalmente em 2008, foi quando eu já morava aqui. Em 2008, que foi o tema do Bob Marley aqui do Brilho, em diante. Em 2008 até 2013 eu saía com eles, botava Bate-bola deles, fazia tudo com eles, e... Em 2013, eu coloco que foi onde tudo começou, que foi quando a gente agrupou as meninas, namoradas dos rapazes que se juntaram para vestir o Bate-bola deles e ali a gente começou essa ideia: “se a gente fizer”, “se a gente sair”, “se” e “se”. Só ficou naquele “se”. Conversei com ele e, no meu barracão [Terreiro] lá, conversando com um menino: “Ah! Por que não faz as Brilhetes?!”. E aí ficou isso na minha cabeça, e aí foi ele mesmo que foi o padrinho, ele nem sabe disso, ele que colocou esse nome Brilhetes. A gente começou em 2014, foi a primeira fantasia nossa, fantasia mesmo, de roupinha pronta, e tudo mais e no ano de 2017, 2017 não, em 2019, a gente fez a Jasmine. Aí mudou de fantasia pra Bate-bola, foi o ano de 2019. A gente saiu aí, se não me engano, 4 anos ou 5 anos de fantasia, de roupinha pronta, é... Pano pronto, pedia pra costureira só fazer os moldezinhos, comprava meia arrastão, uma sapatilha e tava todo mundo na rua. E depois de 2019 é só macacão, bola e bandeira. Já saímos de sombrinha, já saímos com enfeite e literalmente com a bandeira e digo que a feminina, é o que a gente quer, não tem um enquadramento. “Ah, ele é bola e bandeira”. Não! A gente é o que a gente quer sair, a gente faz no ano o que a gente quiser fazer, a gente faz é... Se é macacão com sombrinha e leque, a gente vai sair de sombrinha e leque.

SDV: *Como é o processo de produção do Bate-Bola?*

VA: Então, o primeiro passo que a gente dá, que é até referente a apresentação para primeira reunião. A primeira coisa que a turma faz é a arte, a arte final que a gente fala... O projeto. A gente precisa que alguém desenhe o projeto para a gente ter noção do que vai ser, o que não vai ser, e finalizar as cores que serão para o próximo ano, tudo isso. Então, a primeira pessoa do nosso projeto é o Phillipi, ele desenha pra gente, é... Ultimamente assim, né, hoje em dia, atualmente, na verdade, ele que desenha pra gente. Antes, a gente achava uma imagem, como era sublimado, a gente achava uma imagem na internet, na nossa pesquisa e enviava para o rapaz vetorizar, da estamparia, que é o Diogo, vou falar dele daqui a pouco, e a gente criava o desenho com mais definição pra

sublimar. E aí de um tempo pra cá, a gente evoluiu e aí a gente já faz uma arte em tela, um trabalho todo manual, então a gente precisa passar esse desenho da internet para um papel a lápis, desenhado a canetinha, todo um trabalho realmente manual, tudo pintado, então quem faz isso é o Phillipi, nosso desenhista, atualmente. Ele também sai em uma turma de Bate-Bola, é... Ele é lá da turma da CDD, mas ele mora aqui em Anchieta também e ele já faz pra gente aí. Já estamos no segundo ano, então, se Deus quiser já vai pro terceiro também. E aí ele desenha tudo, manda pra gente pra ver se está aprovado. Ele desenha nossa máscara, ele desenha nossa casaca, ele desenha a arte do macacão, a placa, né, do macacão e ele envia pra gente ou por foto, e depois a gente vai lá pegar o desenho, pra isso virar uma arte final.

O segundo passo é a arte final, que quem faz pra gente é o Bob, ele é dono da turma Renegados, também de Anchieta, ele revela isso num papel, acho que é papel manteiga, numa folha bem grande, sabe?! Da largura mesmo da tela, que se eu não me engano é 1 x 1,40 ou 1,40 x 1,40, dependendo do tamanho que a gente for usar. Se for casaca é 70x70, se for placa de macacão é 1,40 de largura, e aí o Bob que faz, revela esse desenho todo, cor por cor, e aí tem que passar todas as cores que o Phillipi desenhou pra cada tela. Geralmente, quando são cores menores, ele consegue usar em uma tela duas ou três cores e vem sinalizando pra gente e a gente consegue cobrir uma, tampar uma pra usar outra e a gente consegue diminuir esse custo, né, de revelação de tela, que também é um custo alto. Então, quem faz pra gente esse segundo passo aí do trabalho é o Bob, do Renegados, excelentíssimo profissional, ele é maravilhoso.

E aí depois a gente pode dividir: tem a parte da lycra, né, que também quem desenha pra gente é o Phillipi, mas aí a gente, como é de corte, né, hoje em dia a gente trabalha com a do corte atualmente, a gente vai na Dagmalhas, que é o nome da loja ali em Madureira, a gente vai lá na Dagmalhas, a gente compra cada cor da lycra, a gente vai em Madureira comprar as lycras, manda pra Raquel aqui que é costureira e manda junto com esse desenho. Ela faz uma lycra de amostra pra gente, daquele corte que foi escolhido, que foi desenhado, pra gente ver se aprova ou não, se vai alterar alguma coisa, se refaz o desenho ou se dá o ok pra ela. E aí ela continua dentro daquilo que foi conversado. Mas, até então, é isso: Phillipi desenhou a meia calça, a gente vai em Madureira comprar os tecidos, o energy, a lycra, o que for e a gente mandar pra costureira,

que é a Dona Raquel aqui, próxima a gente, e ela faz aqui a lycra conforme foi conversado.

Montando o Bate-Bola, que já foi falado, montando a lycra também que foi falada, a revelação de tela, tudo, tem o trabalho manual aqui em casa também, que é o QG que a gente chama, que é o barracão da turma. Quem estampa tudo é o William, que é o líder hoje em dia, atualmente, da turma do Brilho. Antes era meu sogro Manel, e hoje em dia é o William. Ele faz todo o trabalho aqui também, tanto de casaca, tanto do macacão, algumas coisas também que a gente precisa, capuz, meia das crianças que precisa estampar, tudo que for base da estampa, ele já pega também. A parte da costura, fechamento de casaca, a parte da frente da nossa casaca que é o antigo bolero, que é do antigo macacão, a costura da bandeira das crianças, o trabalho manual do enfeite, tanto dos mascotes, quanto dos adultos, que as meninas às vezes saem, sou eu faço mesmo. Eu que faço essa costura, o acabamento, tudo isso... A casaca dos meninos, [a casaca] do feminino, também já sou eu que faço.

Da parte final é... Ali do, de macacão, de tudo, a gente sempre termina no Kit da saída, né, que é o WD que faz, que a gente já fecha com ele desde o começo de tudo meu, que é o feminino, que o Brilho é bem mais antigo. Mas, tudo nosso, assim de estamparia, em questão de sublimação é o WD e tem o Jason também, que é próximo ao WD, os dois ali são de Guadalupe. E aí eles atendem a gente, sempre excelente, assim, é um atendimento muito bom. Conheci o Diogo (WD) muitos anos atrás, foi bem no início das Brilhetes, ele fez nossas primeiras blusas sublimadas. Foi o Diogo que fez e o Jason também. O Jason já acompanha a gente há muito tempo. Blusa de São Jorge, Blusa de Festa das crianças, ele já fez pra gente, meus bandeirões, tudo é Jason que faz. É, já tive trabalho com o Billy e Mandi também, mas assim, é... A maior parte das nossas encomendas, é o WD, eu chamo ele de Diogo, mas é Wallace, Wallace Diogo, e ele faz todo o trabalho de estamparia e sublimação pra gente, tanto da turma dos meninos, tanto das meninas.

Tem as lojas também que a gente pega material, e... Madureira é a nossa maior concentração. Tem também ali em São Cristóvão, que é a Caçula de São Cristóvão, que é muito grande, então a diversidade de encontrar material é imensa. E... Caçula de Madureira também é muito boa, onde a gente vai a maior parte do tempo, quase toda semana a gente tá ali, tanto é que já temos cadastro

na Caçula de Madureira, com o CPF do William cadastrado lá e tem a Rio Taiwan, que é uma loja que a gente compra também, próximo ali a estação de Madureira, e... Nylon dublado, a lona glitterada, vários tecidos, TNT metalizado... Qualquer coisa que a gente queira encontrar ali, em função de tecido, é na Rio Taiwan. Então assim, as duas principais lojas, três, né, que a gente... Desde tecido do macacão, até nossa lycra, é a concentração em Madureira. Madureira é o nosso foco de compra. Então é a loja Rio Taiwan, a Caçula e a Dagmalhas. São as três lojas principais que a gente compra ali.

E finalizando aí a parte de macacão, de tudo, nosso costureiro aqui, fundamental do macacão, que é o que faz toda... Esse projeto, esse molde físico, é o Bryan. Ele que atende a gente também, desde o começo. Ele é meu costureiro desde o primeiro ano das Brilhetes, é o Bryan. E, ele que faz pra gente. A gente conheceu o Bryan antes disso, né, porque o Bryan é nosso irmão de santo, ele é do mesmo Barracão que a gente, e... Depois ele começou. Ele começou isso depois, da costura, de trabalhar pra fora atendendo pra Bate-bola. Que até então ele fazia roupa de Orixá, e aí ele começou a pegar carnaval também e aí a gente foi um dos primeiros clientes do Bryan e a gente tá aí firme até hoje, ele é irmão de santo e agora a gente é cliente dele de carnavalesco (risos).

FIM DA ENTREVISTA

APÊNDICE B – FORMULÁRIO
(ABORDAGEM QUALITATIVA DA TURMA BRILHETES DE ANCHIETA)

Nome Completo:

Data de Nascimento:

Cor/Raça:

- Negra
- Branca
- Indígena
- Parda

Quanto tempo sai com as Brilhetes?

Pretende continuar na Turma? Sim Não

Trabalha? Sim Não

Caso tenha respondido "Sim": Com o quê?

Escolaridade:

- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Ensino Superior Incompleto

Bairro onde mora atualmente:

Estado Civil:

Solteira

Casada

União estável

Divorciada

Viúva

Separada

Filhos? Sim Não

Caso tenha respondido "Sim": Quantos? Idade?

Os filhos saem de Bate-Bola? Sim Não